



REJEITADA
POR MEU
COMPANHEIRO
ALFA

JAYMIN SNOW

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



REJEITADA POR MEU COMPANHEIRO ALFA
Um Romance de Companheiros Rejeitados
(Série Rejeições)

JAYMIN SNOW

Copyright 2024 by Jaymin Snow

All rights reserved.

No part of this book may be reproduced in any form or by any electronic or mechanical means, including information storage and retrieval systems, without written permission from the author, except for the use of brief quotations in a book review.

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 1

Seline

"Desce do bar, Ronnie! Ninguém quer te ver pelado!"

O humano de 68 anos me lança um olhar atrevido. "Você não diria isso se me conhecesse quarenta anos atrás."

Deixo escapar um suspiro antes de agarrar o homem pelo braço e forçá-lo descer do bar, enquanto os clientes habituais zombam e assobiam. "É a terceira vez essa semana, Ronnie. Estou a ponto de colocar seu nome na lista dos expulsos."

Entrego a camisa e o cinto que ele jogou nos meus ombros. "Vista-se e a Ellie vai te levar para casa."

"Eu tenho um carro!" Ronnie protesta imediatamente.

Eu balanço as chaves na frente dele. "Não tem mais. Pegue as chaves amanhã. Ellie!" Aceno para a outra barman, que está saindo do serviço.

Ela se aproxima, achando graça. "E aí, Ronnie? Seline está implicando com você?"

Ronnie imediatamente se volta para ela, tendo encontrado um ombro onde chorar.

Eu faço uma careta. "Leve ele para casa. E é melhor você vir pegar suas chaves amanhã, Ronnie!"

Mas Ronnie já está em outro acesso de embriaguez. Eu dou de ombros.

Não é mais problema meu.

Ainda faltam algumas horas para a meia-noite, então o bar está bem cheio. Mas a clientela humana está diminuindo lentamente em

número. Vejo alguns rostos novos, mas isso não é surpreendente, considerando que Arrow Brooke é uma cidade que atrai os Outros como mariposas para uma chama. É raro ter tantas espécies de Outros coexistindo em um só lugar.

Deslizo para trás do balcão, sorrindo para o homem com roupas de caubói. "O que posso servir?"

Ele parece desconfortável, mas pergunta devagar: "Ouvi dizer que esse lugar tem A-negativo?"

Meus lábios sobem em um leve sorriso com o comportamento tímido do jovem vampiro. "Quer gelado, separado, ou meio a meio com a cerveja da casa?"

Ele me encara em um silêncio atônito antes de gaguejar: "Meio a meio, por favor."

"É para já." Eu me agacho e pego a chave pendurada no meu pescoço antes de abrir a porta da geladeira. Selecionando cuidadosamente a bolsa de sangue, pego uma caneca e despejo um pouco antes de fechar a geladeira e trancá-la. Depois das nove, não preciso me preocupar que um dos funcionários humanos encontre o sangue na geladeira, pois a essa hora eles geralmente já saíram. Mas ainda prefiro ter cuidado. Nada de bom nunca acontece quando humanos descobrem a presença de Outros. Mesmo nessa cidade, com sua pequena população humana, tem só um punhado de humanos de confiança que vivem aqui há gerações e sabem que algo mais sombrio se esconde nas casas e na floresta que as cercam.

A porta se abre, com a campainha tocando irritantemente. "Seline, minha querida, um jantar especial para mim e minha senhora!"

Olho de relance para o Sr. Hamrington e observo a mulher ao seu lado. Como sempre, Ashley parece ter um pau enfiado na bunda. Não é de surpreender, já que ela é casada com o idoso Donald Hamrington. Lembro-me de quando ela se casou com ele há oito anos, esperando que morresse a qualquer momento. Mas o prefeito da cidade também é um vampiro, um vampiro *muito velho*, e ele não deve morrer por mais dois séculos. A idade não ajudou nada com a falta de vergonha na cara, pois ele continua se casando com mulheres jovens, enganando-as na esperança de herdar sua fortuna e depois as abandonando quando elas chegam aos quarenta ou cinquenta anos.

Vampiro pervertido e sem morais.

Mas ele também me deu o emprego aqui, então eu não devia estar

julgando seu estilo de vida.

"Já estou indo!" Eu aceno para ele antes de bater na janela de vidro que separa o bar da cozinha. "Marty! Dois jantares especiais e um Dançarino Vermelho para o prefeito!"

O Sr. Hamrington pisca para mim, e eu reviro os olhos.

É como se o prefeito atraísse problemas. Não demora nem cinco minutos para um grupo de homens de aparência desordeira entrar.

Um dos benefícios de se ter habilidades de mago é a capacidade de sentir que tipo de Outro está cruzando o limiar do prédio. Minha pele se arrepia quando um

utro se aproxima, a identidade dele como um gosto na minha língua.

Eu não trabalharia nesse bar se não me sentisse à vontade com os Outros, mas metamorfos panteras são a praga da minha existência. Essas criaturas astutas e arrogantes adoram causar problemas onde quer que estejam. Esse grupo em particular cheira a confusão.

Ouvi falar de um grupo de panteras independentes se movendo em grupo, mas eu esperava que eles tivessem o bom senso de não vir aqui e criar um tumulto. Infelizmente, parece que eu estava errada.

Odeio quando estou errada.

"Ei, Pernalonga! Aqui!"

Posso ver um deles apontando na minha direção como um homem possuído, e espero por tudo que é sagrado que ele não esteja falando de mim. Vejo o prefeito franzir a testa e balanço a cabeça para ele. Não quero que ele se envolva. Nem todo mundo na cidade sabe que ele é mais que um vampiro entediado brincando com mulheres bonitas e iludidas.

É melhor que continue assim.

Vejo uma das garçonetes, uma metamorfa corça, se aproximando da mesa, e fico tensa, pronta para intervir se eles a assediarem. Mas eles não parecem interessados em Marie. Parece que não gostam muito de ser ignorados, especialmente por uma mulher.

Escuto um assobio agudo na minha direção. "Traga essa bunda suculenta para cá, Pernalonga! Não me faça ir até aí!"

Troco um olhar com o Sr. Hamrington, que agora está irritado. Mas ele concorda discretamente com a cabeça e eu largo o pano que estava usando para limpar o balcão.

O vampiro tímido também está ficando um pouco irritado. Sua voz é baixa quando ele sussurra: "Você precisa de ajuda?"

Ele é gentil e atraente de uma forma inofensiva, e extremamente jovem pelo que parece. *As panteras vão comer ele vivo.*

"Obrigado, gracinha." Eu sorrio para ele com força. "Mas eu cuido disso. Aproveite sua bebida e me diga se quiser alguma coisa no cardápio."

Pegando meu bloco de anotações e uma caneta, vou até a mesa, ignorando como os metamorfos começam a gritar comigo. Assim que chego até eles, bato meu bloco na mesa, com tanta força que alguns dos clientes ao nosso redor olham para mim.

"O que posso servir?" Pergunto, a voz doce como veneno.

"Que tal um pedaço dessa bunda?" Um deles zomba, nojento.

Sorrio para ele e estendo a mão para tocar seu braço. Ele solta um uivo instantâneo de dor ao receber o pior choque elétrico de sua vida.

Eu nem sequer recuo, mas deixo eles ouvirem o crepitar da eletricidade que sai da minha mão.

Irritar um mago é uma má ideia.

Mesmo que seja meio mago.

Eu os vejo enrijecer quando percebem quem eu sou, e a súbita cautela em seus olhos quase vale a pena.

Quando eles não dizem nada, eu sorrio e digo com frieza: "Acho que vocês deviam ir embora antes que eu perca a paciência. Não vão gostar de mim se eu perder a paciência. Meu terapeuta diz que tenho problemas de raiva não resolvidos. Sabem como é. Talvez eu faça alguma loucura."

Eles decidem não duvidar de mim, e eu os vigio sair pela porta, com o rabo entre as pernas.

Nos dias em que não desprezo o vagabundo do meu pai, sou grata a ele por ter contribuído para minha metade mago.

Alguns dos clientes riem. Eu estou me divertindo, mas sei que panteras não são tão fáceis de assustar. Quando se reagruparem e processaram como insultei todos eles, vão me espreitar de novo, mais vingativos que nunca.

Mas o tráfego constante de clientes me deixa ocupada, e logo as panteras são a última coisa na minha cabeça. Tenho outros problemas na vida. Um deles é o meu senhorio, que acha que sou sua escrava pessoal.

"Não estou em casa, Frank!" Sussurro para o telefone preso entre a orelha e o ombro enquanto luto contra a porta do banheiro de funcionários, que é impossível. "Se eu estivesse em casa, poderíamos conversar. Você sabe que estou trabalhando a essa hora."

Frank grita algo abusivo na minha direção, que se perde no meio do caminho, porque ele está mastigando ao mesmo tempo. Tudo o que entendo é um palavrão que, presumo, era para me ofender.

"Escuta, Frank, eu disse que ia te pagar e vou. Meu salário só chega no final do mês, *como o de qualquer outra pessoa*. E não, não vou te fazer favores sexuais."

Encerro a chamada e, depois de pensar duas vezes, coloco meu telefone no modo silencioso.

Maldito pervertido!

Se ele não tivesse apartamentos estupidamente baratos, eu nem precisaria olhar para sua cara feia.

Lavo o rosto na pia e o seco com toalhas de papel antes de passar os dedos pelo cabelo e estudar meu reflexo no espelho. Tenho bolsas sob os olhos por trabalhar dezoito horas por dia. Meus olhos cinzentos e penetrantes, que herdei de um pai que nunca conheci, parecem cansados. Minhas mãos vão para o meu cabelo, demorando-se nas pontas grosseiramente cortadas. Lacy vive me importunando para eu visitar um cabelereiro, mas é muito mais fácil cortar minha espessa juba preta com uma tesoura de cozinha.

Sempre odiei meu cabelo comprido. Lembro de minha mãe me arrastando pelos degraus da escada quando eu era criança. A primeira coisa que fiz quando me mudei foi cortá-lo.

Agora ninguém pode agarrar meu cabelo e me machucar.

Solto um suspiro e estudo meu reflexo no espelho do banheiro.

"Não sou feia," digo ao meu reflexo de aparência duvidosa. Minha pele cor de marfim está corada por causa da água fria e minhas maçãs do rosto altas precisam de maquiagem. Mas minha boca é muito larga e não gosto da verruga acima do lábio superior.

Mas eu não diria que sou feia.

"Então, por que não consigo encontrar um homem?" pergunto a ninguém em particular. "Vinte e nove anos, e ninguém nunca me quis. Isso é um insulto."

Mas duvido que meu reflexo tenha respostas a oferecer, então pego meu maço de cigarros e vou para o beco dos fundos para fumar meus problemas.

Mas meus problemas sabem onde me encontrar.

Mal dei duas tragadas quando sinto uma sensação arrepiante nos braços.

Não estou sozinha.

Olho atentamente para a entrada do beco e vejo um grupo familiar de homens parados ali.

"Perdidos, rapazes?" Pergunto em voz alta, jogando meu cigarro no chão e esmagando-o com o salto do sapato.

Os metamorfos panteras mostram os dentes para mim, se aproximando.

São seis contra um. Eu sorrio.

As chances estão claramente a meu favor.

"Você acha que nos assusta, mago?" diz um deles. "Você é uma fêmea. E nós sabemos o que fazer com as fêmeas."

"Bem, isso é um alívio." Eu rio levemente, meus dedos se flexionando enquanto me preparo para a luta eminente. "Eu estava preocupada, já que você só tem homens na sua alcateia."

Demora um pouco para entenderem a indireta, mas eles rosnam. "Nós vamos te colocar no seu lugar."

Dou de ombros. "Não vão ser os primeiros."

Posso ver os músculos deles se enrijecendo, se preparando para se transformar e atacar, e meu sorriso vacila. Mas antes que qualquer coisa possa acontecer, vejo algo se mover em minha visão periférica.

Ao que parece, eles também.

Não consigo ver quem é, mas uma voz grave pergunta baixinho: "Tudo bem por aqui?"

O som faz meu sangue zumbir de forma estranha. Quase posso sentir a vibração no meu corpo. Ele se aproxima da luz fraca da única lâmpada que funciona no beco e, de repente, sinto um arrepio zumbir por toda minha pele, como se algo quisesse sair.

Quem é esse homem?

Capítulo 2

Seline

Ele é bonito, daquele jeito maltrapilho que alguns homens são. O cabelo castanho-escuro é áspero e despenteado e extremamente sexy. Os olhos cor de âmbar estão fixos na pantera mais próxima de mim. Sob sua camisa de flanela xadrez e calça jeans, posso ver uma figura magra e musculosa. E ele é alto.

Tão alto. Sempre tive uma queda por homens altos.

Mas, quando ele se aproxima, sinto minha pele se arrepiar daquele jeito conhecido e percebo que ele é um Outro. Só que não consigo distinguir o que.

"Cai fora, cara!" Um dos metamorfos rosna. "Isso não tem nada a ver com você."

Mas o homem não está interessado em recuar. "Acho melhor vocês deixarem a moça em paz."

"Eu acabei de dizer..." o metamorfo começa, mas um rosnado aterrorizante sai da garganta do homem, e vejo as panteras quase murcharem de medo. Até eu posso sentir as ondas de poder saindo do homem. Algo dentro de mim se retrai. Minha pele está desconfortável e eu coço os braços, observando as panteras se afastarem.

Em poucos instantes, somos só eu e o estranho no beco.

"Você está bem?"

Pego meu maço de cigarros e puxo um deles com os dentes. "Eu tinha tudo sob controle. Você não precisava intervir. Panteras são um pé no saco, sabe. Vem para cima de você assim que se organizam."

Um isqueiro é colocado na minha frente, e eu pisco.

Quando foi que ele chegou tão perto de mim?

Com cautela, eu deixo ele acender o cigarro para mim e me permito dar a primeira tragada.

"Esse negócio vai te matar, sabia?" Ele está achando graça por algum motivo.

"É, bem." Solto outra baforada. "Ele pode entrar na fila."

Quando ele não vai embora, eu o examino. "Você é novo na cidade?"

"Sim."

"Já imaginava."

O silêncio entre nós é confortável, e então ele pergunta: "É normal que tantos Outros se reúnam por aqui?"

Estou tentando determinar o que ele é, mas, por qualquer razão, meu próprio corpo está formigando de um jeito estranho. Minha pele está coçando por dentro e não consigo me concentrar.

"Sempre foi assim aqui," digo, soltando outra nuvem de fumaça, cada vez mais tensa. "Temos uma comunidade estabelecida de Outros por aqui, a maioria vampiros. Arrow Brooke atrai muitos turistas humanos, então os vampiros gostam daqui. Não precisam ser cuidadosos. Temos muitos negócios de propriedade de vampiros."

"Então em geral só tem vampiros?" Ele franze a testa.

Dou de ombros. "Já escutei rumores de sereias no Lago Asla, mas nunca encontrei uma, e eu moro aqui há mais de duas décadas. Tem alguns solitários vivendo na área – metamorfos independentes. Eles administram pequenos negócios e ficam na deles. Alguns fae na floresta, mas eles frequentam o bar... então, sim."

"E os humanos?"

Meus lábios se curvam ligeiramente. "Alguns deles estão cientes – os que têm raízes na cidade. Mas eles fingem não saber e ninguém os incomoda. É uma comunidade bem pequena."

Por qualquer motivo, o homem parece satisfeito com essa informação.

De repente, percebo que ele não ofereceu nenhuma informação sobre si mesmo. "Você está de passagem?"

"Não. Minha alcateia acabou de se mudar para cá."

Levanto uma sobrancelha. "Vocês compraram casas?"

Dessa vez, os lábios dele se curvam. "Não gostamos de viver acima do solo. Compramos um terreno na floresta."

Me lembro do prefeito ter dito alguma coisa sobre isso, mas eu não estava prestando atenção. Algo coça no meu cérebro quando ele menciona que sua alcateia não vive acima do solo. É óbvio que ele é um metamorfo, mas por que eu não consigo ler ele?

Isso me enerva, especialmente quando percebo que ele não é um metamorfo qualquer. Poder bruto corre em suas veias.

Alfa.

Ele é o Alfa da alcateia. É por isso que as panteras se assustaram e foram embora.

Minha pausa para fumar ainda não acabou, mas estou ficando extremamente desconfortável. O problema não é ele, mas minha própria reação à presença dele. Apago o cigarro e o jogo no lixo antes de murmurar: "É melhor eu entrar."

"Te vejo por aí." Ele me dá um pequeno sorriso que faz meu sangue zumbir.

Dirijo-me à porta e, quando minha mão está na maçaneta, olho por cima do ombro e vejo que ele não está mais lá.

Fico olhando para o local onde ele estava parado por alguns longos segundos antes de voltar para dentro.

*** **

"Tem certeza que não tem problema? Só não quero que o Frank entre no meu apartamento, Lacy," digo ao telefone. "O encanador vai chegar amanhã para consertar o vazamento."

"Então, eu te levo uma marmita hoje à noite," meu amigo e vizinho me tranquiliza pelo telefone quando entro no bar.

Eu sorrio, aliviada.

Meu sorriso desaparece quando desligo o celular. Às vezes, parece que até mesmo viver é exaustivo. É como se eu estivesse lutando contra o mundo e nada estivesse a meu favor. Eu afasto a sensação de cansaço enquanto coloco minhas coisas no armário e troco de roupa.

"Seline." Ellie, que está no intervalo, me olha com preocupação. "Tem uns homens lá fora esperando por você."

Eu pisco para ela. "Por mim?"

Os cantos da boca dela se curvam para baixo. "Eu não gostei da cara deles."

Fecho o armário e dou um sorriso irônico. "Você não gosta da cara de metade da cidade, Ellie. Sua paranoia está piorando."

Ela sorri. "Olha só quem está falando."

Mas quando eu estou prestes a sair, ela diz: "Tome cuidado mesmo assim. Eles tinham um jeito agressivo."

Um minuto depois, entendo por que ela estava tão preocupada. Minha mandíbula se contrai quando vejo três vampiros de aparência robusta sentados em uma mesa de canto, esperando por mim. Todos estão de terno, o que lhes dá uma aparência profissional.

"O que está fazendo aqui?" Eu sibilo. "Ainda não é hora do pagamento mensal."

"O chefe quer adiantado," diz o mais alto deles, com severidade.

"Bem, não posso dar o que não tenho," digo com firmeza. "Já paguei sessenta por cento do empréstimo. Ele devia acreditar que vou pagar o resto em dia!"

Um deles faz uma careta e estende um papel. "Infelizmente, mais dois empréstimos foram adicionados ao seu nome."

Meu sangue gela quando pego o papel de sua mão e vejo as enormes quantias sacadas, comigo como fiadora.

Vou levar dez anos para pagar tudo isso!

"Eu disse para o Jamie não me colocar de fiadora de nenhum outro empréstimo dessa mulher!" Empurro o papel de volta para ele, com um gosto acre na boca.

Os três homens trocam um olhar. "Você precisa assinar um documento para isso. Pode vir conosco para assinar. Depois, vamos direto à fonte e tiramos o dinheiro dela."

Ele estende outra folha de papel e oferece uma caneta.

Minha boca está seca quando eu aceito, mas quando chega a hora

de assinar o papel, minha mão não consegue se mover. Jamie está sendo atencioso porque gosta de mim, mas o que ele vai fazer com minha mãe quando se trata de dinheiro? Ela nem tem um emprego.

Fecho os olhos em sinal de pesar e baixo a caneta, derrotada. "Acrescente na minha conta, então. Mas diga para o Jamie recusar quando ela vier pedir mais dinheiro."

Um dos vampiros ri. "Claro."

Sei que isso não vai acontecer. Eles sabem que vou continuar pagando as crescentes dívidas da minha mãe. E agiotas adoram clientes regulares.

"Quanto ao motivo de estarmos aqui hoje," o vampiro estende a mão, "o chefe quer que você pague metade do dinheiro adiantado."

"Eu não tenho esse dinheiro," retruco com firmeza. "Se a intenção dele é me assediar sem motivo, temos um contrato em vigor, então não!"

Os vampiros trocam olhares sombrios e dão de ombros. "Que seja. Mas lembre-se de que pedimos com educação primeiro."

Eu os assisto sair e percebo que tem alguém me observando.

É o mesmo metamorfo daquele dia. Já faz uma semana desde que o encontrei pela última vez e, dessa vez, ele não está sozinho. Parece que está com um grupo de amigos. Suas sobrancelhas se franzem enquanto ele observa os vampiros.

Todos os homens ao seu redor são metamorfos de aparência volumosa, mas seu Alfa ainda se destaca. Todos são, em geral, homens de boa aparência, mas o Alfa é incrivelmente sexy. Normalmente não reajo assim com homens, mas só olhar para ele faz meu estômago se contorcer de fome.

Ele é lindo daquele jeito taciturno, com os olhos profundos quase penetrando em minha alma quebrada. Nunca fui de procurar casos de uma noite, mas me pergunto se querer uma aventura com esse Alfa em particular me torna uma vagabunda.

Devo ter ficado encarando por um longo tempo, porque ele se endireita e se aproxima. Eu fico dura na hora.

Droga!

Mas ele coloca as mãos casualmente nos bolsos. "Amigos seus?"

Hmm, ele é intrometido.

"É tipo isso."

Antes que ele possa responder, eu digo: "Vou mandar a Marie pegar os pedidos da sua mesa."

Parece que ele quer dizer mais alguma coisa. Há uma curiosidade evidente em seus olhos, mas ele concorda com a cabeça e se afasta. Eu nem sabia que eu estava prendendo a respiração até ela sair em um enorme assobio.

"Controle-se, Seline," murmuro para mim mesma, irritada. "Ele não é o primeiro homem gostoso que você vê."

Escuto uma risada atrás de mim. Viro a cabeça para trás e vejo o Alfa desviando o olhar, quase que de propósito.

Droga! Eu me esqueci da audição super-humana!

Eu mando Marie pegar seus pedidos. Quando analiso o recibo que ela me traz, levanto uma sobrancelha. São todos loucos por carne. Deve ser o lado carnívoro.

"Marty." Bato na janela e coloco o recibo do pedido no balcão. "Três bifês mal passados, seis hamburgers triplos, mal passados, e uma porção de batatas fritas." Depois de um segundo, eu acrescento: "As batatas fritas são bem passadas."

Marty sorri, com as bochechas franzindo. Se eu não gostasse tanto do homem, seu único olho me assustaria. Marty jura que brigou com um unicórnio quando era só adolescente. Mas ele também acha que está sendo seguido por alienígenas, então tomo o que ele diz com um grão de sal.

Os metamorfos estão envolvidos em uma discussão séria e, quando o pedido chega, Marie está ocupada com outros clientes. Ela me lança um olhar de súplica, então deslizo pelo bar, pego a comida e a sirvo.

"Aqui está, rapazes. Seu festival de carnes chegou," eu digo enquanto começo a distribuir os pratos. Ainda não consigo detectar qual é do Alfa, mas quando olho para um de seus companheiros, sinto meu estômago afundar.

Ele eu consigo ler. Metamorfo lobo.

Minha súbita fascinação pelo Alfa despenca quando percebo que se trata de uma alcateia de lobos que se mudou para Arrow Brooke.

Tenho uma história amarga com lobos.

Capítulo 3

Seline

Se eu não consigo ler o Alfa, isso significa que ele é forte.

Mais forte até do que eu.

É raro eu encontrar alguém como ele. A única outra pessoa que eu não consegui ler assim que o conheci foi o prefeito Hamrington. Coincidentemente, foi também quando ele me contratou na hora.

Um lobo Alfa poderoso na cidade é preocupante.

Quando há muitos Outros em um só lugar, já é uma panela fervente prestes a transbordar. Mas se colocar indivíduos extremamente poderosos no caldo, é uma receita para o desastre.

Até agora, Arrow Brooke conseguiu manter a paz, principalmente devido à influência e ao controle do prefeito.

Esse novo Alfa vai destruir a ordem das coisas?

Tento ignorar o pensamento perturbador ao voltar para o meu lugar atrás do balcão.

Mantenho meus olhos no grupo de lobos enquanto atendo outros clientes. Eles devoram a refeição com certa elegância, imersos no que parece ser uma conversa séria, pelas expressões sombrias em seus rostos.

Envolver minha magia em torno de mim com mais força como precaução. Consegui esconder meu lado lobo por anos. Outros aceitem espécies diferentes, mas nem todos têm a mente aberta quando se trata de híbridos como eu. Um breve caso de amor entre minha obstinada e rebelde mãe loba e meu irresponsável pai mago – um pai que abandonou a mim e a minha mãe assim que descobriu que eu tinha sido concebida – foi o suficiente para eu saber que, se nem meu pai está disposto a me aceitar, quem iria?

Os metamorfos lobos, em particular, são ainda mais hostis com híbridos parte-lobo. Os doze anos que passei com minha mãe na alcateia dela foram excelentes para me devastar por dentro. Doze anos de insultos – de ser assediada enquanto os adultos assistiam ou viravam o rosto – foram o suficiente para traumatizar uma criança. E, depois, ser exilada da alcateia quando ficou óbvio que eu não conseguia me transformar foi ainda pior.

Mesmo agora, todos esses anos depois, essa criança insegura ainda se manifesta.

É por isso que eu detesto metamorfos lobos. E tenho medo deles.

Mas, apesar de minha aversão, parece que o Alfa não sente o mesmo por mim. A noite toda, posso sentir os olhos dele fixos em mim. O que é pior é minha própria reação.

Sempre que encontro aquele olhar âmbar predatório por acidente, sinto uma coceira estranha sob minha pele e meu controle normalmente firme sobre minha magia vacila.

Será que é porque estou a fim dele?

Afasto o pensamento assim que ele passa pela minha cabeça, porque parece ridículo. Esse homem não é a primeira pessoa atraente que eu já conheci. Normalmente meu gosto por homens já é uma merda, e o fato de eu estar cobiçando um Alfa – e um *lobo* Alfa – prova meu péssimo julgamento.

Mas continuo coçando os braços e, quando olho para baixo depois de uma hora, minhas sobrançelas se franzem com a bagunça que fiz.

"Alergia?" Gina, uma das novas contratadas, pergunta.

Gina é parte elfa com uma mãe humana. Mas os elfos são assim mesmo, plantando suas sementes em todas as fêmeas humanas desavisadas que encontram. É uma das razões pelas quais eu a contratei, por causa de seu status híbrido. Mas elfos têm o costume de aceitar sua espécie, híbridos ou não, então em mais alguns anos, o pai dela provavelmente vai vir procurá-la e levá-la para a aldeia dele.

"Pelo jeito," resmungo, desejando que minha mãe tivesse pelo menos o bom senso de engravidar de um elfo em vez de um mago.

Solto um suspiro sonhador, e Gina me encara. "Você está bêbada?" ela pergunta.

Olho para uma garrafa de uísque aberta que um cliente acabou de

abandonar. "Não. Mas tenho planos de estar assim que chegar em casa."

Gina olha por cima do meu ombro antes de gritar: "Marty, será que dá para *acelerar*? Já faz mais de vinte minutos!"

Escuto o cozinheiro xingar de volta e Gina sorri para mim. "Desculpe. Mas o casal da mesa doze já me perguntou duas vezes do macarrão deles, e é constrangedor a essa altura. Mas voltando, você quer mesmo ficar bêbada? Não tem um turno de garçoneiro no Benny's à tarde?"

Eu solto um gemido. "Tenho. Eu tinha esquecido."

Estou prestes a dizer outra coisa quando ela me cutuca. "A mesa seis está tentando chamar sua atenção."

Olho para o grupo de lobos e, quando o Alfa encontra meu olhar, ele dá um pequeno sorriso. Não tem como perder a fome em seu olhar. Só que dessa vez sei que ele não está com fome de comida. Meu estômago se contrai e Gina assobia baixinho. "Alguém está de olho em você."

"Ele é um lobo," digo com firmeza.

O sorriso de Gina cai. "Ah."

Poucas pessoas sabem da minha situação, mas Gina é uma delas.

"Você quer que eu vá..."

"Não." Balanço a cabeça. "Eu cuido disso."

Aceno para a outra garçoneiro, que retribui o gesto. Saindo pela porta do balcão, ajeito meu avental enquanto me aproximo. "O que posso trazer para vocês?"

Um dos metamorfos sorri. "Só queríamos nos apresentar, já que você vai nos ver bastante de agora em diante."

O Alfa deles está em silêncio, mas seus olhos ainda estão penetrando a minha alma. *O que ele está tentando fazer? Me radiografar com os olhos?*

"Quer dizer no bar?"

"E pela cidade," acrescenta o metamorfo com um sorriso. "Comparamos o prédio abandonado na rua ao lado. Alguns de nós são

bons com motos e carros, então vamos colocar nossas habilidades em prática."

Super amigável, esse bando.

"Então, vocês vão montar uma oficina mecânica?" pergunto devagar.

"Isso. Alguns dos nossos rapazes se interessaram na faculdade local, então vão se inscrever por lá."

Hmm, mas não disse nada das meninas.

"Entendi."

"Ouvi dizer que você já conheceu o Austin, nosso Alfa. Eu sou Jason, o segundo em comando. Esses são Ray e Seth, e este aqui é Lexion. Nós o chamamos de Lexi."

"Vá se foder, Jason," rosna o robusto lobo.

"Olha a boca, Lexi," Austin ordena bruscamente, e eu pisco.

Isso foi por minha causa?

"Bem, é um prazer conhecê-los." Sorrio, não confiando muito em sua natureza amigável. Sei que estou sendo tendenciosa, o que é errado, mas tenho que me proteger.

"Tenho que voltar ao trabalho agora, mas a próxima rodada de bebidas é por minha conta." Curvo meus lábios para eles em um sorriso. *É melhor nos despedirmos em bons termos.*

Eles não me impedem, e eu solto um suspiro de alívio. Com sorte, vão ficar longe de mim.

*** **

Mas por mais que eu queira não pensar em Austin, não consigo tirá-lo da cabeça.

Já é tão tarde que é cedo quando eu termino a limpeza. Pego minha bolsa e tiro o uniforme antes de pegar os sacos de lixo. Saio pela porta do beco e a tranco antes de andar para as lixeiras grandes.

Jogo os sacos de lixo e começo a fechar a tampa da lixeira.

Escuto o som antes de ver o perigo e sinto algo fino perfurando meu pescoço... como uma pequena agulha.

Minha mão vai imediatamente para o pescoço e sinto algo fino

saindo dele.

"Droga... o que..."

Puxo o dardo fino para fora e imediatamente sinto uma onda de náusea.

Agarro a borda da lixeira e olho para a entrada do beco. Só consigo ver figuras se aproximando. Demora para minha visão clarear e finalmente reconheço os metamorfos pantera de alguns dias atrás.

"Covardes," cuspo. "Não conseguem nem enfrentar uma mulher sem usar drogas."

Mas parece que esses idiotas não sabem o que eu sou.

Se eu fosse só um mago, a droga que o dardo continha teria me deixado babando e desmiolada. Mas meu lado lobo, por mais fraco que seja, está lutando para queimar a droga, o que me deixa consciência suficiente para saber que estou em perigo.

É em dias como esse que me sinto grata pelo sangue metamorfo que flui em meu sistema. Posso senti-lo combatendo os efeitos da droga que seria fatal para a maioria dos magos.

Mas as panteras não vão esperar e vejo uma intenção mortal em seus olhos quando se aproximam. Não preciso falar para invocar meus poderes e toco o chão, fazendo todos pularem de dor com o choque da eletricidade.

Mas é mais fraco do que o normal.

Um deles pula para as lixeiras alinhadas contra a parede e corre na minha direção. Tento desviar, mas sua mão já se transformou em garras mortais. Ele me golpeia. Sibilo de dor quando suas garras atingem meu pescoço e peito, rasgando tecido e perfurando minha pele.

"Não mate a vadia ainda!" um deles dá uma gargalhada. "Quero fazê-la rastejar!"

Os outros riem enquanto eu tropeço para trás. Eu os encaro por entre os fios de meu cabelo, tentando respirar através da dor.

Rastejar? Até parece. Já rastejei o suficiente para uma vida inteira!

Coloco as mãos no chão e um dos meus dedos pousa em uma planta crescendo nas rachaduras do cimento sujo. É difícil usar minhas

habilidades quando a droga está atacando meu sistema. Mas eu me recuso a ser uma vítima de novo. É um voto que fiz para mim mesma todos aqueles anos atrás.

Eu reúno toda a minha força e sinto o chão estremecer, assim como as panteras.

Olhares de alarme se instalam em seus rostos. "Mas que diabos?"

Sorrio fracamente, sem esconder minha raiva. "Vingança, seus cretinos."

O chão se abre e vinhas longas e finas escalam os metamorfos. Eles uivam de medo e pulam para fora do caminho. Eu rio com raiva quando as vinhas mudam de direção, como se tivessem vontade própria, e perseguem as panteras.

"É ela!" grita um deles. "Ela quem está controlando!"

"Como?!" sibila seu companheiro. "O cara disse que— *ah!*"

Ele é jogado contra uma parede por uma das vinhas e eu escuto um som alto de ossos quebrando quando ele cai no chão, inconsciente.

"Para cima dela!" grita uma das panteras.

Vejo os três correndo na minha direção. As vinhas seguram dois deles, mas o terceiro consegue passar. Com as garras estendidas, ele golpeia meu pescoço, mirando na parte mais vulnerável. Mesmo quando tento me defender, o sangue que já está escorrendo me enfraquece consideravelmente.

Sinto suas garras cortando minha garganta, e um som gorgolejante ecoa em meus ouvidos enquanto minha visão fica embaçada. Vejo as vinhas caírem repentinamente no chão, e eu também caio, fraca.

Droga!

Minhas habilidades de cura não chegam nem perto das de um metamorfo de verdade, mas são rápidas. Esses ferimentos são fatais, mas podem não me matar se eu tiver tempo suficiente para me curar.

Eles estão avançando, e meus dedos se contorcem enquanto tento reunir minhas forças. Só um pequeno feitiço para ganhar tempo, mas é difícil até pensar.

Eu podia liberar a magia que está suprimindo meu lado lobo? A decisão tem de ser rápido. Se descobrirem que sou híbrida, vou ter de

matá-los, porque se eu deixar só um escapar, ele vai voltar para me assombrar.

Bem quando estou prestes a liberar a magia, escuto uma das panteras grunhir antes de ser jogado contra a parede por uma sombra em movimento.

"Você de novo?!" grita o metamorfo.

Minha visão está embaçada demais para distinguir algo concreto. Tudo o que vejo é uma figura grande rosnando e jogando as panteras como se não passassem de bonecos de pano.

Estou lutando para respirar, sentindo minha pele se costurar em velocidade muito lenta. Minha cabeça está leve com a perda de sangue.

Não sei quando paro de ouvir os sons da luta, mas algo me toca antes de uma mão cobrir meu rosto e uma voz familiar chegar aos meus ouvidos.

"Seline!"

Escuto pânico e preocupação na voz, e sob os dois está um medo confuso.

Austin?

Capítulo 4

Seline

"Seline!"

A voz de Austin é como um balde de água fria. Vejo-me lutando pelo meu estado consciente. Não quero desmaiar.

Ele não pode saber!

Mas a perda de sangue me deixa tonta, e é difícil segurar a magia que me envolve, ocultando meu eu lobo.

"Vamos!" A voz dele é áspera. "Meu curandeiro pode te ajudar."

Ele me pega tão facilmente, como se eu não pesasse nada.

"Eu vou..."

"Não!" É difícil para eu falar. "Deixe... lá dentro..."

Ele parece não entender que eu quero que ele me deixe aqui e que eu vou voltar para dentro. Mas como vou esperar que ele entenda? Não estou falando coisa com coisa.

"Meu curandeiro—"

"Lá dentro!" Tento me mover fracamente, e ele olha para o meu pescoço. Seu rosto endurece.

Em um piscar de olhos, ele se vira para a porta do beco do bar e, com um chute, a porta se quebra para dentro. Uma parte de mim se retrai, sabendo que vai sair do meu salário. Mas não estou exatamente em condições de protestar.

A voz dele é dura. "Onde está o kit de primeiros socorros?"

Sinto minhas cordas vocais se curando e ofego: "Escritório... fundos..."

Ele me coloca em um dos balcões metálicos que Marty limpou não faz nem duas horas, depois de fechar a cozinha. Fico deitada com os olhos fechados, lutando para respirar. O processo de cura está sendo mais rápido agora que não estou mais sob ataque e não preciso usar magia.

Quando Austin retorna, minha consciência está mais aguçada e o sangramento parou. Minha pele está se recuperando devagar, mas provavelmente vai demorar algumas horas. Ainda está doendo como o inferno e estou exausta.

Ele me encara, os olhos no meu pescoço. Não tem como perder a rigidez em sua voz quando ele diz: "Você é uma metamorfa."

Antes que eu possa responder, ele inclina a cabeça. "E um mago."

A fome e o interesse que eu tinha visto em seus olhos desapareceram há muito tempo, e é como um tapa amargo no rosto.

Todos os metamorfos são hostis com híbridos.

Eu não digo nada, sentando e estendendo a mão para pegar o kit de primeiros socorros. Ele se aproxima de mim e eu digo: "Pode ir. Obrigada."

Agora é mais fácil falar. Doloroso, mas mais fácil.

"Você é uma meio-sangue," ele murmura, com uma expressão estranha nos olhos ao se aproximar. De repente, não quero ele perto de mim. A sensação de coceira está piorando quanto mais perto ele chega, e começo a me perguntar se estou ficando louca.

"O termo certo é *híbrida*," respondo, minhas unhas arranhando meu braço, incapaz de parar. Quando eu falo, sinto minhas cordas vocais recém-cicatrizadas se esticarem, doloridas. Meu rosto se contorce.

Ele deve ter visto minha expressão, porque cobre a distância entre nós e começa a desempacotar o kit de primeiros socorros.

"Pode ir." Estou ficando louca com essa combinação feia de dor e coceira. "Eu cuido disso. Por favor, vai!"

Estou quase chorando agora, e minha magia está flutuando descontroladamente.

"Você pode ser uma metamorfa, mas sua cura ainda é mais lenta," Austin diz gentilmente. "Se eu te deixar assim, você não vai se curar até o sol estar alto no céu. Deixe eu fazer um curativo."

Obviamente ele não percebeu que tipo de metamorfa eu sou.

O que torna toda essa situação ainda pior, porque minha magia está fluando com a proximidade dele. A essa altura, nem preciso mais adivinhar. É por causa dele que a magia que protege meu eu lobo tem estado tão instável ultimamente.

Seja qual for o motivo, não pode ser bom.

Mas Austin não está disposto a me ouvir.

E assim que ele toca minha pele, tudo desmorona.

Solto um gemido de dor e sinto a magia se dissipar. A exaustão é um inimigo amargo. Eu solto todas as minhas proteções e sinto algo se mover dentro de mim.

Por anos, por toda a minha vida, o único aspecto do meu lobo que consegui acessar foi a minha velocidade e capacidade de cura. Nunca senti meu lobo nem uma vez sequer. Foi por isso que minha ex-alcateia me expulsou, junto com minha mãe. *Porque, além de não saber me transformar, eu não tinha nenhuma conexão com meu lobo.*

Mas agora posso sentir algo aqui dentro. Como se fosse outra parte de mim, mais selvagem e primitiva. Ela se estende no meu peito, despertando de um sono longo e profundo. Como se estivesse sob minha pele, sob cada célula, camuflada em um disfarce humano.

Quando ela se estica e desperta, sinto uma alegria selvagem. Esse estranho buraco de solidão que vive dentro de mim há tanto tempo parece menor. Mas ainda tem mais. Uma centelha de interesse, alegria, esperança. Um amor feroz que não consigo entender.

Minha cabeça se levanta para encontrar o olhar chocado de Austin.

"Lobo," ele sussurra. "Isso é impossível."

Quero responder, mas meu lobo – essa criatura selvagem dentro de mim – está ronronando.

A princípio, não entendo. Estou tentando entender enquanto examino essa nova entidade dentro de mim. Então, noto como os olhos de Austin estão brilhando.

O lobo dele está bem próximo da superfície, e o meu quase faz a mesa vibrar de tanto ronronar. Fico olhando para ele e então sinto algo dentro de mim. Não é o meu lobo, mas a presença de algo quente e sólido. *Algo seguro.*

Meu coração bate descontrolado enquanto olho para Austin, sustentando seu olhar, e uma lembrança do meu passado me vem à mente.

Companheiros destinados.

Uma fêmea da minha alcateia encontrou seu companheiro destinado, e foi essa conexão instantânea. Um vínculo intocável entre eles os tornou parceiros para toda a vida.

É isso mesmo?

"Austin?"

Preciso que ele confirme ou negue. Mas ele está agarrando as bordas da mesa, com um rosnado na garganta enquanto me observa, com os olhos brilhando loucamente. Não estou com medo dele. A sensação de desconforto sempre que eu estava perto dele desapareceu. Em vez disso, me sinto livre.

Como se eu não estivesse mais sozinha no mundo.

Companheiros destinados.

Austin é meu companheiro.

Depois de anos de solidão – de ser indesejada, de ser chamada de erro, de monstro – encontrar alguém que foi feito especialmente para mim é como um sonho inimaginável. Nunca tive ninguém que olhasse para mim e me amasse por mim, que me conhecesse por mim. Mas Austin vai ser essa pessoa.

Pela primeira vez na vida, deixo minhas barreiras caírem, e a esperança e a felicidade me encham em uma combinação inebriante.

E então, vejo a expressão no rosto de Austin.

"O que..." Eu hesito, alarmada. "O que foi?"

Ele não diz nada, e eu o vejo retomar o controle do seu lobo. Parece uma luta física, mas ele consegue.

"Austin." Levanto a mão para tocar seu rosto, mas ele recua, com o peito arfando e uma expressão agitada no rosto.

"Isso nunca aconteceu," ele rosna.

Eu pisco, sem entender. "O quê?"

"Isso!" ele diz, olhando para mim e fazendo um gesto com o dedo

entre nós dois. "Isso nunca aconteceu. *Nós nunca nos conhecemos.*"

É como se ele estivesse falando uma língua alienígena. Nada do que ele está dizendo faz sentido. Eu me esforço para sair da mesa. "Mas como assim? Eu só... nós somos companheiros, não somos? Eu senti! Você também sentiu!"

Quando ele não diz nada e só fica me encarando, sinto uma pontada de pânico. "Eu sei que você sentiu, Austin! O que está... o que está fazendo?"

Não. Essa é a minha chance de ser feliz. Eu só tenho que...

"Não quero uma híbrida como companheira," diz ele sem rodeios.

Eu congelo. Minha garganta trava quando tento dizer as palavras. "Você não está falando sério."

O que isso significa? Ninguém, nem meu companheiro destinado, me quer? Será que sou tão detestável assim?

Sinto-me enjoada. "Mas nós somos companheiros."

Odeio como minha voz soa pequena e vulnerável. Não mostro esse meu lado a ninguém, mas aqui estou eu, forçada a uma posição em que não posso controlar meu comportamento.

"Você é uma híbrida!" ele cuspe com desgosto. "Não posso ter uma companheira híbrida!"

Fico olhando para ele, atordoada. "*O quê?*" murmuro sem entender.

"Você vai estragar tudo!" ele rosna, e eu recuo.

O silêncio que cai entre nós na cozinha mal iluminada é sufocante. Ouço o estalar de um trovão lá fora e a chuva começa a cair. Sinto-me entorpecida, assistindo como um relâmpago brinca com nossas sombras, projetando uma escuridão longa e ampla antes de desaparecer.

Tento organizar meus pensamentos enquanto estamos os dois ali, com minha camisa ainda coberta de sangue. Sinto meu coração tremer em uma agonia que é tão estranha que chega a ser engraçada. Já fui quebrada tantas vezes que comecei a pensar que era imune.

Mas esta dor é diferente.

É como se uma parte de mim estivesse sendo rasgada. As barreiras que passei anos construindo em torno do meu coração, dizendo a mim

mesma que não me importava, são esmagadas quando finalmente descubro que a única pessoa que foi feita para mim, o par perfeito para mim, também me acha repugnante.

Eu quero desistir.

Sei que tudo o que eu disser e fizer agora vai me prejudicar mais do que posso imaginar. Seria lógico me retirar dessa situação. Mas a lógica não tem lugar aqui.

Eu preciso saber. Preciso entender. Preciso que ele olhe para mim e perceba que sou sua companheira, sua parceira.

Ele não pode me dar as costas.

"Austin." Minha voz está irregular. "Não podemos escolher quem são nossos companheiros. Mas até eu sei que eles completam uma metade incompleta. Eu sou sua outra metade, e você é a minha. Eu—"

Austin estava de costas para mim, com os punhos cerrados ao lado do corpo, mas ele se vira, com os olhos estreitados em fendas perigosamente finas.

"Uma mulher que não é nem um lobo completo vai me completar? Não seja ridícula. Você não é um lobo. Não é um lobo completo. E eu não posso me dar ao luxo de ficar preso a uma coisa como você. Nem suporto essa ideia!"

Eu me retraio com as palavras, sentindo como se ele tivesse me dado um tapa.

Não o detenho quando ele sai pela porta e entra na chuva, me deixando para trás.

Como posso detê-lo? Como vou impedi-lo quando ele me despreza tanto?

Depois de saber que ele se foi, afundo no chão, com uma risada de ódio de mim mesma saindo de meus lábios. Encosto minha cabeça na lateral do balcão de inox, sentindo a umidade em minhas bochechas.

Patético. Quando foi que minha vida se tornou tão patética a ponto de nem mesmo meu próprio companheiro me querer?

Capítulo 5

Seline

É a Lacy que abre a porta para mim quando chego em casa.

Vestida com um pijama folgado, ela olha para mim e toda a sonolência em seus olhos desaparece. "O que aconteceu?"

Eu a encaro fixamente, sem saber como expressar minha dor em palavras. Parece que tenho um buraco aberto no peito que não para de sangrar.

Minha melhor amiga me arrasta para dentro de casa, com a voz frenética. "Por que tem tanto sangue em você? E por que você está toda molhada? Seline! Por que não está dizendo nada?!"

Ela me dá uma sacudida, o medo estampado no rosto.

"Eu... você tem algo para beber?"

Algo quente que vai me queimar e me fazer sentir um tipo diferente de dor.

Ela me estuda e concorda com a cabeça rapidamente. "Entre no banheiro. Tome banho. Vou te fazer um café."

Ordens são boas. Eu posso seguir ordens.

Ela me diz que vai deixar roupas limpas para mim no banheiro. Entro no banho e fico embaixo da água quente, deixando ela cair sobre mim.

É preciso muita força para fechar a torneira. Molhada, saio do chuveiro e sou recebida por roupas no tom de rosa mais feminino de todos os tempos.

Lacy é totalmente o oposto de mim. Ela gosta de sua feminilidade e a exibe sempre que pode. É uma de suas qualidades mais charmosas. Com seus cabelos loiros e alegres, sempre bem penteados, e batom rosa ou vermelho claro, ela e eu somos dia e noite.

Mas ela está ao meu lado desde o dia em que cheguei na cidade, uma garota de coração partido no auge da adolescência. Por isso, eu amo cada parte dela. É por isso que apareci em sua porta em vez de atravessar o corredor para meu próprio apartamento vazio.

Coloco o pijama e saio, me sentindo cinza e vazia. O aroma de café recém-preparado enche meu nariz.

"Está se sentindo melhor?" Lacy vem correndo na minha direção, quase rasgando a blusa do meu pijama para procurar a origem do sangue. "Onde está?"

Eu cubro a mão dela. "Já está curado."

Ela balança a cabeça, duvidosa. "Até eu sei que um ferimento com tanto sangue não pode se curar tão rápido."

Esfrego a testa, sentindo uma leve dor de cabeça. "Podemos nos sentar?"

Ela me entrega o café e eu respiro fundo. É difícil falar sobre o que aconteceu, mas se eu não contar à Lacy, a quem mais vou contar?

Tomo um gole do café e ela murmura: "Tem algo diferente em você."

Eu sorrio fracamente. "Meu lobo. Eu posso senti-lo."

Ela me encara chocada. "Eu pensei que você não podia... então agora você pode se transformar?"

Envolvo minhas mãos no café, odiando o fato de ele ter esfriado um pouco. "Acho que não. Posso senti-lo dentro de mim, mas não ao ponto em que eu possa controlá-lo."

Sentada aqui neste espaço seguro com Lacy, sinto que as rachaduras começam a aparecer. "Posso te fazer uma pergunta, Lacy?"

É estranho. Estou sofrendo por dentro, completamente crua, mas também estou entorpecida.

"Qualquer coisa."

Lambo os lábios, tentando descobrir como formular minha pergunta sem parecer desesperada. "Você acha que algumas pessoas são destinadas a passar a vida sendo desprezadas pelos outros? Até por aqueles que deviam amá-las?"

Os olhos de Lacy se arregalam. "Sua mãe ligou para você?"

Uma gargalhada repentina sai da minha garganta. É quase um som histérico.

"Ela prefere mastigar o próprio rosto a me ligar. Não, mas ela fez mais dois empréstimos."

Lacy sibila com raiva.

"Mas não foi isso que eu quis dizer." Olho para ela, exausta.

Ela fica em silêncio, depois solta um sopro de ar. "Não. Não acho que isso existe. Acho que em algum ponto do caminho, especialmente para as pessoas que mais sofrem, tem um grande amor esperando. E quando elas se deparam com esse amor, se esquecem de como sua vida foi terrível."

Fico olhando para ela, imaginando por um momento como deve ser bom ser tão romântica de coração.

"Por que a pergunta?" Lacy me estuda. "E você ainda não me contou o que aconteceu com você."

As palavras saem do início ao fim, enquanto meu café esfria e o sol começa a despontar no horizonte. Percebo que terminei quando os braços de Lacy estão ao meu redor e eu estou chorando.

Solto os sons quebrados de uma criança que mais uma vez foi jogada fora, por alguém que ela achava que a amaria.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas o sol está na metade do céu quando nos separamos. Parou de chover. Os pássaros estão chilreando, felizes com a chuva, enquanto eu me sento na cozinha de Lacy, com meu mundo inteiro destruído e desmoronando.

Lacy me olha no rosto, com uma voz feroz. "Ninguém pode te jogar fora assim tão fácil. E nós vamos fazer ele se arrepender. Está me escutando?"

Acho que não é tão simples assim.

*** **

É fácil para uma pessoa dizer para outra não desistir, mas não é tão fácil entender o que significa não desistir, especialmente em um caso como o meu. Ser rejeitada por um companheiro é doloroso, desolador e também humilhante. E não desistir significa basicamente voltar

correndo para essa pessoa, com o rabo entre as pernas, implorando por uma segunda chance, se rebaixando completamente.

Meu orgulho, que é tudo o que me resta a essa altura, vai ser destruído se eu pedir a Austin para reconsiderar, implorando. Fico enjoada só de pensar nisso. Mas tem uma nova emoção se formando dentro de mim.

Raiva.

Não é fácil lidar com a dor e a humilhação. Mas com a raiva, é.

Por isso, espero alguns dias, permitindo que minha fúria se desenvolva e apodreça até eu estar confiante o suficiente para enfrentar o homem que me rejeitou de forma tão brutal.

Minha chance chega uma semana depois de sair do meu turno no Benny's. Me dirijo à oficina mecânica que sei ser de propriedade da alcateia de lobos de Stone Creek. Conseguir o endereço da oficina e o nome da alcateia não foi tão difícil, pois o Sr. Hamrington foi rápido em me dizer para ficar de olho neles.

A loja está aberta quando chego. Vejo alguns homens andando por ali, já trabalhando duro. Reconheço alguns deles como os amigos de Austin no bar. Os demais, não conheço. Mas logo vejo o Austin.

Parece que ele também notou minha presença. Sua forma é rígida quando ele me observa através dos olhos semicerrados, com a raiva brilhando no olhar.

Ele que se dane.

"Quero falar com você," digo com frieza.

Ele já está vindo na minha direção. Ele me agarra com força pelo braço e sibila: "Que diabos você está fazendo aqui? Eu não te disse..."

"Além de fazer birra," eu digo de forma irritada, "você não falou muita coisa."

Afasto meu braço, odiando a sensação de seu toque.

"Cuidado," ele diz em tom de advertência. "Não faça uma cena aqui."

Eu zombo, furiosa. "Eu não vim aqui para fazer uma cena. Vim aqui para te dizer que cresci em uma alcateia de lobos. Sei que você não pode simplesmente rejeitar seu companheiro tão fácil. Precisa ter um

motivo legítimo. Eu, sendo quem sou, não posso ser o único fator."

O rosto dele fica branco quando ele olha por cima do ombro. Acompanho seu olhar e vejo que seus irmãos de alcateia pararam de trabalhar, olhando para nós em choque.

Não me importo se eles souberem. Na verdade, eu prefiro assim. Ele achou mesmo que podia me manter escondida como um segredinho sujo? Desgraçado!

"O que você fez?" ele rosna para mim, me sacudindo um pouco e, dessa vez, deixo a eletricidade fluir em mim, soltando um pequeno choque para lembrá-lo de que não sou tão fraca quanto ele pensa.

Ele me solta com um rosnado.

"Ai, desculpe," eu digo com ironia. "Você estava planejando esconder dos seus irmãos que tem uma companheira? Será que eu estraguei seu plano?"

Posso sentir minha raiva controlando minha boca, mas é isso ou lágrimas de dor e humilhação. E eu prefiro a raiva em qualquer dia da semana.

Solto uma risada amarga. "Você achou que eu ia vir te implorar para você me aceitar?"

Mesmo que esse fosse o plano, como eu poderia, quando está claro o que ele pensa de mim?

"Eu estava em choque no outro dia." Forço meus lábios a se curvarem em um sorriso falso. "Vim aqui para receber uma resposta. Por que você está tão desesperado para rejeitar sua própria companheira?"

Isso não é implorar, é?

Ele me encara de uma forma que faz meu lobo choramingar. "Eu já te disse. Não quero algo quebrado." Suas palavras são cruéis, cada uma um golpe físico. "Eu mereço muito melhor do que você. Se você já viveu com uma alcateia de lobos, deve saber que os companheiros podem se rejeitar se um achar que o outro não está à sua altura. E eu acho que você não está a minha altura em todos os aspectos."

Posso sentir o sangue fugir do meu rosto, mas me recuso a deixá-lo ver como está me apunhalando com suas palavras sem coração. Quando ele fala, parece que a voz da minha mãe está saindo de sua boca.

"Eu devia ter matado você quando tive a chance."

"Você não vale nada."

"Inútil."

"Seria melhor se você sumisse e morresse em silêncio."

"Ninguém nunca vai te querer. Sua coisa feia e odiosa."

Algo frio se espalha por mim enquanto absorvo suas palavras. Um som de rachadura vibra pela minha coluna.

É assim que é ter o coração partido?

"E mesmo que não fosse seu status de híbrida," ele sussurra friamente, "sei tudo sobre as dívidas que você acumulou."

"Você acha que vou expor minha alcateia a alguém como você? Não preciso de agiotas caçando meus irmãos porque você gasta dinheiro como água. Você mal consegue se alimentar... com o que você vai contribuir para a minha alcateia? Não preciso do fardo de uma meio-sangue que mal consegue se proteger e ficar de pé."

Fico olhando para ele, entorpecida por dentro. "Entendi."

Ele está me observando e eu me pergunto se está esperando lágrimas. Mas os anos em que fui espancada e rasgada como um animal por uma mãe que desprezava minhas lágrimas me ensinaram a contê-las.

Ele não vai ter essa satisfação.

"Bem." Dou de ombros e me sinto pesada. Todo o meu corpo está pesado. "Que bom que resolvemos isso."

Nunca vou implorar nada para esse homem.

Anos de trauma me ensinaram a me desassociar. E sei que estou fazendo isso agora. Como se estivesse vendo tudo acontecer de fora do meu corpo.

Eu não sorrio. Só olho para ele e digo: "Não vamos nos ver de novo."

Suas sobrancelhas se franzem com minha declaração repentina.

"Não sou tão fraca quanto você pensa. Da próxima vez que me vir em apuros, por favor, pode passar direto. Sobrevivi minha vida inteira sem você e vou continuar sobrevivendo."

Uma pequena parte de mim se sente feliz com sua confusão. É óbvio que ele esperava me ver aos pedaços.

Ele nunca mais vai ver minhas lágrimas.

Desta vez, eu quem vou te deixar.

E enquanto me afasto, de costas para meu companheiro, tem um vazio dentro de mim que sei que nunca vai ser preenchido de novo.

Capítulo 6

Seline

"Você parece cansada, Seline," comenta Ellie alegremente enquanto me deito no banco no meio do vestiário, olhando para o teto. "Semana difícil?"

"Mais ou menos isso," respondo, cansada. "Não ando dormindo muito bem."

Posso vê-la se trocando na frente do armário, mas não estou prestando muita atenção.

"Mas por que você está aqui?" Ellie olha para mim enquanto prende o cabelo em um rabo de cavalo alto. "Seu turno não começa em quatro horas?"

"Eu peguei um turno extra," murmuro. "Não tinha mais nada para fazer e estou precisando do dinheiro."

"De novo?" Ellie franze a testa. "Você parece acabada. Mas, falando sério, por que não tenta dormir um pouco no quarto dos fundos?"

Eu me sento com um gemido, meu corpo todo doendo. "Eu adoraria, mas sei que não vou conseguir. Eu só preciso trabalhar. Problemas demais na cabeça."

Ellie me olhou antes de perguntar hesitante: "Você quer falar sobre isso?"

Eu dou um sorriso de gratidão. "Você é muito gentil, mas não. Tenho que cuidar disso sozinha."

"Tudo bem, então." Ellie se levanta e se estica. "Vou te esperar lá fora. Mas pegue uma xícara de café."

Eu espero ela sair antes de voltar à minha disputa de encarar com o teto.

Já faz uma semana, ou talvez dez dias. Perdi a noção do tempo. Achei que seria fácil esquecer Austin. A coisa mais fácil do mundo.

Mas parece que não consigo me livrar dele como qualquer homem normal. Posso sentir o sofrimento do meu lobo a cada segundo. E mesmo que não fosse esse o caso, a rejeição do meu companheiro quebrou algo dentro de mim. Sinto um vazio que nunca senti antes. Qualquer esperança e felicidade que eu tinha para o futuro... tudo se esvaiu.

Desde o meu confronto com Austin, estou no piloto automático. Peguei um monte de turnos em ambos os empregos, e só durmo uma ou duas horas por noite, no máximo, e, mesmo assim, por exaustão total.

É assim que vai ser o resto da minha vida?

Eu me sento com um suspiro. Queria simplesmente desistir e fugir. Eu costumava gostar desse trabalho. Agora tenho pavor de vir aqui todos os dias e dar de cara com Austin e sua alcateia.

Lobos sempre foram criaturas curiosas e, desde que revelei meu status de sua companheira, cada vez mais membros da alcateia apareceram para me ver. Meu status de híbrida também foi revelado pela minha própria estupidez.

Esfrego as mãos sobre os olhos cansados, com vontade de chorar, mas sem forças para juntar as lágrimas.

Quando foi que viver ficou tão difícil?

Quando me troco e saio, tomando minha sétima xícara de café do dia, vejo que o bar está bem animado. Olho para o relógio de parede e me pergunto se entrei no horário errado, mas são cinco da tarde.

Por volta desse horário, geralmente a maioria dos clientes são humanos, mas em número bem pequeno. Hoje, vejo alguns Outros misturados. Metamorfos agrupados em uma mesa. Percebo imediatamente o que eles são. Um deles me nota e cutuca os outros com um interesse mal disfarçado.

Intrmetido do cacete.

Ignorando-os, olho para Gina, que também está fazendo um turno mais cedo. Eu gesticulo para os lobos, e ela concorda com a cabeça. Vou para trás do balcão e dou uma olhada ao redor.

É então que eu percebo algo estranho. Entre os Outros, tem um

grande número de magos.

Minhas sobrancelhas se franzem. Sei que um ou dois magos vivem em Arrow Brooke, mas eles são reservados. Se mudaram para cá faz anos. Raramente os vejo na cidade, mesmo no bar.

Mas agora conto pelo menos onze deles. Alguns estão sentados juntos, e outros estão sozinhos.

"Estranho," murmuro para mim mesma antes de voltar minha atenção para um cliente que estava esperando no bar. Ele está usando uma capa com capuz e, quando me viro para ele, ele tira o capuz para revelar cabelo preto com mechas prateadas. Ele parece normal, mas como sou meio mago, sei que está usando magia ativamente neste momento.

Para se disfarçar?

Ele sorri para mim. "Posso pedir um refrigerante?"

Eu o observo por um instante antes de dar de ombros. O que ele está fazendo não é da minha conta.

"Claro, mas você sabe que temos álcool também." Ofereço um menu com os nossos refrigerantes.

Sorrindo, ele escolhe um. "Vou ficar longe do álcool por um tempo."

Eu faço uma careta. "Então você escolheu o lugar errado para beber."

O prazer enche seus olhos. "Acho que não."

Enquanto despejo o refrigerante em um copo alto, mantenho meu tom casual. "Vocês vão ter uma convenção ou coisa assim na cidade?"

Ele ri de leve, mas não responde, o que me incomoda.

Estudo seu rosto, marcando suas características. Ele parece ter mais ou menos cinquenta anos, mas eu não sei dizer ao certo. Ele é bonito, mas mais velho. Eu não consigo ler seus poderes claramente, mas parecem normais.

Ele tem um ar calmo, quase relaxante. Trocamos poucas palavras, mas eu até que gosto dele.

Outro cliente se acomoda em um assento no bar. Estou prestes a falar com ele quando me enrijeço.

Ao contrário de mim, Austin parece bem. Sei que estou pálida e exausta, e minha mandíbula se contrai quando percebo que ele não tem um fio de cabelo fora do lugar. Está usando uma de suas camisas xadrez com jeans e uma jaqueta de couro. Ele está ótimo. Mais uma punhalada no coração para mim.

Acho que sou só eu que está sofrendo. Ele deve estar feliz por não ter que lidar comigo.

"Amigo seu?" pergunta o mago com curiosidade.

Percebo Austin olhando na minha direção e desvio o olhar. Forço meu tom de voz a ser casual. "Só mais um estranho. Ei, Luther!"

Luther é outro garçom, agora limpando mesas. Eu gesticulo para Austin, e Luther franze a testa, claramente se perguntando por que eu quero ajuda quando só tenho um cliente no bar.

Quando ele volta a limpar as mesas, eu me enrijeço. Mas mantenho minha voz leve. "Já volto."

Ando até Austin. "O que vai ser?"

Meu tom é calmo e, mesmo sendo difícil, seguro seu olhar âmbar que, por algum motivo, está sondando o meu.

Será que ele espera mesmo que eu tenha um chique e comece a soluçar?

Ele se tornou um frequentador assíduo do local na última semana, e sempre que nos cruzamos, ele parece surpreso.

O que ele acha que eu vou fazer? Deixar meu emprego só para evitá-lo? Canalha egoísta.

Ele demora para me responder e eu aponto para o cardápio no quadro. "Me diga quando estiver pronto, então."

Dito isso, volto para onde o mago está sentado, tomando seu refrigerante e me observando.

"Parece que você está de mal humor," ele comenta.

Um dos prós e contras de ser bartender é que os clientes adoram puxar conversa com você.

Um dos ajudantes de cozinha coloca uma bandeja de copos molhados na minha frente. Grata por ter algo para fazer, pego a toalha fina para secar e começo a limpá-los. "Estou só cansada. A semana foi longa. Aqui é muito movimentado, sabe."

Posso sentir os olhos de Austin fixos na lateral da minha cabeça. Isso me irrita. *O que ele quer? Ele está vindo aqui para esfregar sua existência na minha cara? Para me lembrar que ele me considera inútil e me rejeitou?*

Não é fácil manter a calma, e volto minha atenção para os copos restantes.

"A propósito, eu sou Sam." O mago estende a mão e eu não tenho escolha a não ser apertá-la. "Você vai me ver muito por aqui, então achei melhor me apresentar."

"Ah, é mesmo?" Eu lhe dou um olhar curioso. "O que vai fazer na cidade por tanto tempo?"

"Um pouco por negócios, um pouco lazer, e um pouco problemas familiares." Ele sorri para mim. "E você? Há quanto tempo mora aqui?"

Dou de ombros. "Minha mãe e eu nos mudamos para cá quando eu tinha onze ou doze anos. Estou aqui desde então."

"Já faz tanto tempo?" Ele me estuda. "Você deve ter boas lembranças."

Solto um latido de riso sardônico antes de conseguir me conter. "Sim, eu tenho lembranças, sim. Mas nada que me segure aqui. Nunca tive tempo para pensar em ir embora."

Mas agora que ele mencionou, ir embora é uma ideia atraente.

Mais clientes entram e Austin se aproxima do grupo de metamorfos que estão me observando desde que entrei. Eu os ignoro, porque já me acostumei. Parte do meu motivo para aceitar mais turnos é me dedicar ao trabalho e parar de pensar, mas a outra parte são os agiotas batendo na minha porta.

Preciso fazer alguns pagamentos e me livrar deles logo.

*** **

Essa cena se repete por dias, com Austin aparecendo no bar quase todas as noites e eu encontrando sua alcateia pela cidade. Felizmente, os lobos que encontro são educados, sem hostilidade evidente. Eles não me seguem, mas se me encontram por acidente, parecem saber quem eu sou.

Os magos ainda estão na cidade, e é provavelmente por isso que, durante um dos meus turnos, o prefeito aparece.

"O de sempre?" pergunto ao Sr. Hamrington.

Ele concorda com a cabeça, pensativo.

"E a esposa?" eu pergunto.

"Ocupado com compras." Ele acena com a mão distraidamente.

Olhando mais de perto, o Sr. Hamrington parece ter cerca de cinquenta anos, mas com uma aparência muito elegante. Ele é bonito, como os homens mais velhos podem ser, e sua riqueza transparece nas roupas e acessórios.

Ele toma um gole da bebida que coloco à sua frente antes de girar o canudo. "Muitos Outros aqui de repente, você não acha?"

Minha mão congela no pano que estou usando para limpar o balcão. Minha voz é leve quando respondo: "Vi muitos magos esses últimos dias."

"Magos, duas alcateias de lobos—"

"Duas?" Eu lhe dou um olhar agudo.

"Sim, outra delas comprou um lote na floresta." Ele olha para mim, e eu vejo um vislumbre do vampiro antigo e perigoso à espreita naqueles olhos. "Por que será que tantos de nossa espécie estão se reunindo em um só lugar? Na minha experiência, nunca é boa notícia."

Algo em seu tom me deixa cautelosa. "O que está sugerindo?"

Ele levanta o copo como se estivesse inspecionando-o e murmura, como quem não quer nada: "eu acharia uma disputa por poder terrivelmente inconveniente. Seria uma pena matar tantos Outros de novo."

Meu sangue azeda com suas palavras. "Eu..."

"Me faça esse favor, Seline. Descubra o que puder." Quando ele olha para mim dessa vez, um arrepio sobe pela minha espinha.

Se tem alguém de quem eu devia ter medo nessa cidade, é esse vampiro.

"Vou investigar," prometo em voz baixa.

O Sr. Hamrington sorri e dá um tapinha na minha mão antes de esvaziar sua bebida e ir embora.

Fico olhando para as costas dele. Nunca me esqueci do motivo pelo qual ele me contratou. Quando ninguém queria uma híbrida, o

prefeito me procurou. A única coisa que ele pediu em troca foi que eu fosse seus olhos e ouvidos.

Uma toupeira, para ser exata.

Capítulo 7

Seline

Demoro alguns dias para perceber que o Sr. Hamrington estava certo sobre uma nova alcateia de lobos na cidade.

Para ser sincera, não gosto muito da cara deles. Com seu jeito truculento e personalidades agressivas, as garçonetes querem passar longe. Também não posso ficar servindo as mesas deles, porque tenho que trabalhar no bar à noite.

E isso me leva a essa conversa.

"Você tem de contratar um garçom," diz Marie, me lançando um olhar de súplica.

Gina concorda resolutamente com a cabeça, os braços cruzados sobre o peito. "Não aguentamos mais."

"Um deles agarrou meu pulso e não soltou até você intervir!" diz Marie, com a mão em volta do pulso, ansiosa. "Eles sabem que sou uma corça, e um deles fez que ia me morder. Não quero que ele me encontre e arranque meu braço."

Sinceramente, acho que é um pouco de exagero. Duvido que a alcateia seja tão descuidada, mas não posso negar que sinto um ar preocupante ao redor deles.

Será que eu devia conversar com o prefeito? O Sr. Hamrington nunca ia permitir que sua equipe se sentisse ameaçada. Talvez ele queira lidar com a questão em particular. Enviar uma mensagem.

"Olha, vou ver o que posso fazer," digo. "Enquanto isso, eu cuido deles. Vocês, meninas, não precisam servi-los."

O alívio em seus rostos me faz pensar no que mais aconteceu que elas não me contaram.

Eu espero elas saírem e afundo na cadeira do quarto dos fundos. Meus joelhos estão fracos. Suspirando, jogo a cabeça para trás e fecho os olhos. Posso sentir meu lobo andando de um lado para o outro, ansioso.

"Se acalma, por favor?" murmuro, cansada.

Minha insônia piorou nos últimos dias. E a pior parte é a presença constante de Austin. Quando penso que meu lobo vai se acalmar, ou está começando a se acalmar, sinto o cheiro dele e todo o processo começa de novo.

Meu estômago ronca. Faz dois dias que não como. Eu vomito toda vez.

Não consigo dormir, não consigo comer, estou trabalhando como um cachorro... Sinceramente, não sei por quanto tempo vou continuar assim. Meu rosto está magro, minha cor está mais pálida que o normal. Também estou mais lenta, com a exaustão evidente em cada movimento.

É hora de começar a limpeza. Gina e Marie já saíram, e eu me levanto.

Eu queria ter alguém com quem conversar, mas, embora eu possa confiar na Lacy, ela ainda é humana, incapaz de realmente entender as ramificações de ser rejeitada por um companheiro. Ela está tentando me ajudar, e sou grata pelos gestos e tentativas, mas não consigo explicar que esse sentimento oco dentro de mim – esse vazio doloroso – é muito mais que um coração partido.

Eu não amo Austin. Mas o meu lobo ama. Meu lobo precisa de Austin para se sentir completo.

A outra coisa é esse sentimento de humilhação e repulsa de que não consigo me livrar. Devo ser extremamente desagradável para o Austin ter passado por todo o processo de rejeição. Duvido que tenha sido fácil para ele, ou talvez eu esteja projetando, mas para ele virar as costas para a mulher que devia ser sua segunda metade, ele deve realmente me desprezar.

Não me encaixo em seus padrões, então não sou digna.

Não percebo que meus olhos estão molhados até sentir uma lágrima escorrer pela minha bochecha. Queria apagar Austin da minha vida, ou que ele me deixasse em paz. Mas não posso impedi-lo de ir ao bar e não posso perder esse emprego. Nunca conclui nada depois do ensino

médio, e os empregos sem educação superior são bem limitados.

Depois de jogar um pouco de água no rosto, volto para a frente para limpar. Para minha surpresa, Sam, o mago, que se tornou um frequentador assíduo do bar, ainda está lá.

"Tudo bem?"

Ele ainda tem uns goles no copo. Além dele, o bar inteiro está vazio.

"Sim." Olho para o lado e vejo que Gina já limpou as mesas e cadeiras. Agradecida, começo a pegar as cadeiras e colocá-las sobre as mesas.

Estou tão cansada.

"Aqui." Algo que parece um caramelo é jogado na minha frente.

Fico olhando para a embalagem de cores vivas. "Ah..."

"Vai fazer você se sentir melhor." Sam pisca para mim.

Não tem nada de flerte na atitude dele, só uma gentileza aberta. Sei que devia rejeitar a gentileza. É melhor prevenir do que remediar. Mas, a essa altura, eu aceitaria até veneno de bom grado para me sentir melhor.

"Obrigada." Eu aceito o doce.

Ele pisca para mim. "Eu tinha certeza que você ia hesitar, pelo menos. Sabe, doces de estranhos."

Eu rio de leve, desembrulhando o doce pegajoso. "Depois dos dias que eu ando tendo, *adoraria* que alguém me desacordasse."

Vejo o sorriso desaparecer de seu rosto.

Meu estômago ronca e ele franze a testa. "Você não comeu?"

"Não, eu—"

Ele ronca de novo. A expressão severa nos olhos de Sam quase me faz sentir culpada.

"Ando pulando umas refeições ultimamente. Se já tiver terminado sua bebida, melhor ir embora. O bar vai fechar em alguns minutos."

Ele hesita, parecendo ter algo mais a dizer, mas então se detém. "Tudo bem. Te vejo amanhã."

"E obrigada." Aponto para o caramelo na minha boca.

Ele sorri para mim, mas o sorriso não chega aos seus olhos. Assim que ele sai, vou pegar seu copo e vejo as notas dobradas ordenadamente embaixo dele.

Eu congelo quando abro as notas. É uma gorjeta de duzentos dólares!

Parte de mim quer ficar com ela, mas outra parte quer perguntar se ele deixou a quantia certa. Poucas pessoas são gentis comigo, e Sam não foi nada *além* de gentil.

Apesar do meu cofrinho vazio, coloco as notas no bolso. Eu posso devolver amanhã.

Levo meia hora para limpar o local antes de começar a trancar tudo. Mas quando abro a saída do beco para jogar o lixo fora, escuto sons de briga.

Corro para fora e vejo lobos brigando entre si. A visão me paralisa e levo um segundo para perceber que, embora sejam metamorfos, ainda são muito jovens.

Juvenis.

Os juvenis de qualquer alcateia tendem a ser mais voláteis e arranjar confusão. Eles estão na idade em que querem provar seu valor, especialmente os machos.

Mas também têm idade suficiente para serem responsabilizados por suas ações agressivas.

Eles não estão tão perto do lixo, então decido ignorá-los, jogar o lixo e ir embora.

Não é da minha conta, não é problema meu.

Acabei de jogar o lixo quando um dos lobos passa voando por mim, direto contra a porta. Escuta um som alto de rachadura quando a porta se estilhaça e solto um suspiro.

Droga. Por pouco!

Quando o agressor avança para terminar o trabalho, eu entro no caminho, estendendo minha mão. "Chega."

Ele não para, só rosna para mim.

Eu caio de joelhos, com a mão no chão. Vejo as vinhas subirem e se enrolarem nos lobos assustados, prendendo-os.

"Se transformem de volta," eu ordeno. "Agora."

Eles lutam, mas finalmente desistem, mudando para suas formas humanas.

Eu ainda não os solto. "Quero o nome da sua alcateia."

"Sua vaca atrevida—"

Movo meus dedos com destreza e uma das vinhas se joga na boca dele, criando uma mordada eficaz. Olho para os outros. "Não vou pedir duas vezes."

"Alcateia de Stone Creek," um deles resmunga com relutância. "Esses idiotas são da alcateia de Black River. Eles nos atacaram primeiro."

"O diabo é que atacamos!" Um garoto da outra alcateia bufa. "Seus maricas vagabundos—"

Eu aceno a mão e sua boca também está amordaçada. "Olha a boca. Vou colocar vocês no chão. Vocês vão entrar e chamar seus respectivos Alfas. Eles têm que vir te buscar."

Percebo que o grupo está intimidado, até os mais atrevidos da alcateia nova. Mas não importa o quanto eles pareçam infelizes, estou muito mais miserável.

Não quero ver o Austin. Mas também não tenho escolha. Existem regras para situações como essa. Regras que o prefeito estabeleceu.

Deixo os juvenis usarem o telefone do bar para fazer suas respectivas ligações. Para o crédito de todos, eles ficam sentados em silêncio, lançando olhares sujos uns para os outros a cada poucos segundos.

Meia hora depois, batem na porta da frente.

"Está aberto!" grito, me inclinando atrás do balcão, com os antebraços apoiados nele.

Um homem entra, um homem muito bonito. Com cabelos loiros e olhos azuis claros, é uma visão e tanto. Está vestindo uma jaqueta jeans com uma camisa preta e calça jeans por baixo. O cabelo está bagunçado, e tudo junto dá uma impressão sexy e descontraída.

Outro metamorfo lobo.

"E você é?" eu pergunto.

"Loyd Rock." Ele estende a mão, sorrindo com simpatia. "Desculpe pela confusão que eles causaram."

O Alfa. Um toque é suficiente para sentir o poder pulsando dentro dele.

Ao contrário do que eu achava, Loyd não parece tão rude e selvagem quanto o resto de sua alcateia. Mas quando olho para os juvenis, eles estão tremendo de medo. É estranho, pois sei que os Alfas punem os jovens por seu comportamento, mas nunca são muito severos.

Talvez eles estejam só preocupados porque se meteram em encrenca.

"É, bem, eles arrombaram a porta, o que vai ter de ser relatado ao proprietário do estabelecimento. Você deve ser o novo Alfa da cidade. Tenho certeza que já te explicaram as regras desse bar."

Ele não parece incomodado com meu tom severo. Ele sorri. "Sim. Em geral, uma zona neutra. Obviamente, vamos cobrir os danos."

"Bom." Eu relaxo um pouco. "A outra alcateia também vai ter que contribuir. Então não vai ser um rombo tão grande no seu bolso."

Olho para os juvenis, cujos rostos estão pálidos. "Mas preciso perguntar a idade deles. Tem alguém com dezoito anos ou mais?"

Loyd olha para trás e balança a cabeça. "Billy vai fazer dezoito em dois meses."

"Bem, ele tem sorte," digo. "O prefeito tem uma regra para deter juvenis por esse tipo de comportamento. Então, vocês vão se safar dessa vez. Espero que converse com eles, mas pode ir agora. Só me deixe seu endereço ou o número principal da sua alcateia."

Um movimento brusco de seu queixo faz os jovens se retirarem, enquanto ele procura no bolso e me entrega um cartão. "Algumas de nossas fêmeas são donas do novo açougue que acabou de abrir na cidade. Posso te dar meu número pessoal também."

Demoro um segundo para perceber que ele está flertando comigo e pisco para ele. "Ah."

"Não vejo muitas bartenders bonitas hoje em dia." Ele sorri para mim, e sinto um rubor se formando. "E eu não conheço muitas pessoas por aqui."

"Com certeza você vai encontrar..."

"Você não se importa de me mostrar a cidade, não é?" ele insiste, e eu me sinto confusa e intimidada.

"Se você acha que vai tirar o seu da reta—"

"Ah, eu não me importo de me meter em encrencas, desde que inclua seu número." Ele pisca para mim, e meu coração dispara. *Quando foi a última vez que alguém me quis desse jeito?*

Abro a boca, só para sentir um cheiro familiar.

Minha cabeça se inclina para o lado e vejo Austin parado ali, com uma expressão sombria de raiva, olhando entre mim e Loyd.

Capítulo 8

Seline

Minha primeira reação é de culpa quando vejo Austin parado ali, com ondas de raiva estrondosa emanando do corpo.

Minha segunda reação é de raiva pela audácia que ele tem de olhar feio para nós.

Quando vejo seus punhos cerrados ao seu lado, uma parte de mim – uma parte tola e ingênua de mim – de repente se pergunta se ele vai intervir. *Será que ele finalmente vai olhar para mim?*

Mas não é isso que acontece.

"Vamos," ele diz abruptamente para os jovens, que parecem nervosos e aliviados ao mesmo tempo. "Vamos embora."

Minha mandíbula se aperta quando sua repulsa por mim se manifesta em seu rosto. Mas tenho um dever a cumprir e não vou deixar Austin me atrapalhar.

Eu entro na frente dele. "Antes de sair correndo, você devia saber que eles causaram danos ao estabelecimento. Preciso das suas informações de contato e das idades deles. Se alguém tiver mais de dezoito, as autoridades locais vão ter de ser envolvidas."

Vejo os olhos de Austin se estreitarem. "Não seja ridícula. Você não pode ser tão mesquinha a ponto de atacar essas crianças por causa do seu ego..."

"Sr. Cross." Uma risada fria sai da minha garganta. "Você se acha muito importante. Antes de começar a imaginar como me sinto, que tal se lembrar das poucas regras sobre as quais foi informado quando decidiu se estabelecer aqui? Também não estou interessada no seu número pessoal."

Minha fúria é algo que cresce devagar, construída sobre anos de

mágoa e rejeição constante. "Você pode deixar o número de qualquer fêmea maternal em uma posição sênior na sua alcateia. Mas precisa deixar *algum* número."

Vejo sua expressão se contrair com as minhas palavras.

Os jovens estão olhando entre nós, e vejo o choque quando percebem quem eu sou. Eles se retraem, ainda mais culpados.

Eu não me importo.

"Então vou te perguntar de novo. Algum dos seus juvenis é maior de idade?"

O rosto de Austin escurece. Eu me pergunto se ele está planejando mentir, mas então ele admite a contragosto: "Jerry e Lou."

Os dois em questão estão brancos como lençóis, e um deles gagueja: "Isso vai gerar um histórico criminal?"

Quando Austin não responde, eu decido responder. "Infelizmente, sim."

"Mas..." Ele está tremendo agora. "Minha faculdade... Austin, isso não vai afetar minha admissão na faculdade?"

Sinto uma pontada de culpa quando olho para ele. Parece um garotinho assustado.

"Eu nem comecei a briga," ele continua gaguejando. "Só estávamos conversando, e o grupo deles atacou as crianças mais novas. Eu precisava nos defender!"

"Mas se transformar em público, Jerry?" Austin franze a testa, desapontado. "Você sabe como isso é perigoso?"

"Eles se transformaram primeiro!" Jerry aponta o dedo para o grupo de garotos zombeteiros. "Eles atacaram sua companheira e te insultaram também!"

"O quê?" Eu gaguejo. "Que companheira?"

"Você!" Jerry faz uma careta. "Eles te chamaram de prostituta híbrida—"

Parece que levei um tapa na cara e é difícil manter uma fachada de calma. "Eu não sou a companheira dele." Melhor esclarecer antes do Austin me rejeitar de novo de algum outro jeito horrível. O rosto dele

está tenso, mas ele não diz nada, para meu alívio.

"Eu admito que a linguagem deles foi grosseira," eu digo, "mas não preciso que você—"

"Todo mundo sabe que você é a companheira dele!" insiste o outro garoto. "Insultar você é como insultar o Austin!"

Família. Então essa é a sensação.

Meu coração se entenece com os meninos, mas não mudo de opinião. "Mesmo que eles tenham me insultado, você não devia se envolver. Isso é problema dos adultos. E eu não estou ligada ao Austin de jeito nenhum."

Por um momento, vejo algo como um lampejo de raiva no rosto de Austin quando ele encontra meu olhar, mas depois ele volta a olhar para Jerry. "Seline tem razão. Podemos resolver nossos próprios problemas."

Por que ele está falando como se fôssemos uma unidade?

Olho de relance para o Loyd. "Mas espero que isso não se torne um problema. Não me importo se alguém me insultar; é mais um reflexo de sua própria estupidez. Mas começar brigas vai ser um problema. Vocês não podem esquecer que a cidade é administrada por um vampiro. Se os juvenis da sua alcateia continuarem com essas palhaçadas, vai atrair muita atenção."

Loyd coloca a mão no ombro de um dos meninos e aperta suavemente. "Não se preocupe. Vou discipliná-los corretamente."

O rosto do garoto fica pálido, e sinto uma pontada de inquietação. "Não seja duro demais com eles."

"Como não?" Loyd franze a testa. "Eles te insultaram. Você espera que eu tolere esse comportamento?"

Ele está sendo meio direto, não está?

Aparentemente, os jovens de Austin concordam, porque um deles rosna: "Ela é a companheira do nosso Alfa! Cuidado!"

"Lou!" Austin rosna.

Lou se cala, mas Austin ainda não terminou. "Eu já a rejeitei, e você sabe disso. Pare com essa merda agora! Ela não é minha companheira!"

Tudo dentro de mim fica frio com essas palavras duras. Desvio o olhar, forçando minha dor a ficar quieta.

"Ah, ela não é?" De repente, Loyd me envolve com o braço antes de olhar para mim, com um sorriso brilhante no rosto. "Solteira, então?"

Apesar da minha humilhação, as palavras fazem meus lábios se curvarem. "Livre como um pássaro."

Tenho que admitir que esse Alfa é encantador à sua maneira, muito diferente de um Austin mal-humorado e maldoso.

"Bom." Ele aperta meus ombros. "A perda de um homem é o ganho de outro. Você devia mesmo me mostrar a cidade, Seline, já que não tem outros compromissos."

Posso ver a devastação nos olhos dos jovens de Stone Creek, mas não entendo.

Isso não tem nada a ver com eles.

Jerry olha para mim. "Eu vou para a cadeia agora?" Ele está à beira das lágrimas. "Trabalhei muito duro para entrar na faculdade. Se eles me rejeitarem..."

Não aguento ver ele chorar. "Tenho certeza que podemos dar um jeito, mas depende do seu Alfa." Eu nem sequer olho para Austin.

"Podemos? Como?" O tom de surpresa na voz de Jerry me faz olhar para ele.

"Bem, eu preciso de funcionários de meio período na cozinha e no salão. Vocês podem trabalhar por três meses, e todos os reparos vão sair do seu salário."

Os olhos de Jerry se iluminam, e os de Lou também. "É mesmo? Podemos trabalhar aqui?"

Solto um longo suspiro. O Sr. Hamrington vai me repreender, mas paciência.

"Sim. Preciso de ajuda com reparos e reformas, além de pintar as paredes. Eu ia fazer tudo sozinha, mas preciso de ajuda. E Marty precisa de ajuda na cozinha à noite, e eu preciso de mais garçons. Então, se estiverem dispostos a fazer uns bicos por aqui, não vejo por que não resolver a questão sem a polícia."

"Eu posso trabalhar!" Jerry olha para mim com entusiasmo.

"Eu também!" Lou concorda com a cabeça, para cima e para baixo.

Vendo seu entusiasmo, o resto do grupo se junta a ele. Eu olho para todos, um pouco desconfortável. "Ah, só o Jerry e o Lou vão ser multados, já que o resto de vocês não tem idade para punições legais."

Um dos jovens coça a cabeça. "Bem, preferimos muito mais trabalhar aqui do que sermos punidos pelo Austin."

Eles estão me olhando como se minha palavra valesse alguma coisa, como se eu fizesse parte do conselho. É estranho. Lembro-me de como os juvenis da minha antiga alcateia costumavam me bater e me assediar sempre que podiam, só porque eu era híbrida. Então, ver esses jovens me tratando com respeito, como se eu não fosse uma criatura sem valor, como quase todos em minha vida me trataram, faz meu coração se apertar.

Dou de ombros. "Depende do seu Alfa."

Eu espero que Austin recuse, mas, para minha surpresa, ele me estuda. "Tudo bem por você?"

Concordo com a cabeça, sem confiança para falar.

Achei que ele me queria o mais longe possível de sua alcateia.

Por sorte, Loyd não oferece seus próprios jovens, o que é bom, porque não gosto muito deles.

"Por que vocês não me esperam lá fora?" Austin olha para os adolescentes. "Preciso conversar com Seline em particular."

Os meninos saem e, quando Loyd não se mexe, Austin faz um gesto com a cabeça. Eu o sigo com relutância. Antes que ele possa falar, eu me defendo: "Eu não pedi para eles falarem nada ou me defenderem. Então antes que você fique todo irritado—"

"Não era isso que eu ia dizer," ele me interrompe. Ele coça a nuca, desconfortável. "Tem certeza que tudo bem para você?"

Eu pisco os olhos. "Não entendi."

"Quer dizer..."

"Não estou tentando me aproximar de você, se é isso que você acha," digo, com os nervos à flor da pele. "Só não quero arruinar o futuro daquele garoto. Todo mundo merece a chance de ter uma educação superior. Eu sei o que é perder essa chance. Eu nunca tiraria

esse sonho de ninguém."

Fui forçada a trabalhar no dia em que me formei no ensino médio.

"Ah." Austin franze a testa. "Bem..."

Ele levanta a mão. Eu recuo na hora e ele congela.

Ele se enrijece. "Bem, vou garantir que eles cheguem no horário. Aqui está meu número."

Aceito o cartão e percebo que é um número pessoal. Eu o devolvo. "Eu preferia outra pessoa. Não quero falar com você. Como eu disse, você pode me dar o número de alguma fêmea maternal ou coisa assim..."

"Vou ser franco com você," diz Austin sem rodeios. "Não quero que você se misture ou interaja com mais membros da minha alcateia do que já está."

Minha boca fica seca.

"É inconveniente para mim," ele conclui com frieza.

"Entendi." Dessa vez, pego o cartão dele.

Eu me pergunto quando vou me acostumar com essa agonia penetrante. Austin não consegue nem respirar sem me dizer o quanto minha existência é inconveniente.

"Ei, Seline?" Loyd passa o braço pelo meu pescoço, todo íntimo. "Se está todo mundo te ajudando, por que não me deixa ajudar também? Dá para ver que você está trabalhando até muito tarde, e eu odiaria te deixar sozinha a essas horas."

A natureza direta de Loyd é um pouco desconfortável, mas abro a boca para responder quando ele me interrompe, a voz maliciosa e os olhos fixos em Austin. "Você admitiu que é solteira, e eu ando muito solitário, então podíamos pelo menos ser amigos primeiro."

Que estranho. Ele quer me conhecer, quando acabou de descobrir que sou a companheira rejeitada de outro Alfa? Ou só está provocando o Austin?

Esse último parece irritado. Eu olho para ele e, depois de alguns segundos, ele desvia o rosto.

Decepção a todo momento.

Sorrio para Loyd, mesmo sentindo pontadas de dor no coração. "Eu ando meio ocupada ultimamente, mas é muito gentil de sua parte."

Loyd me lança um olhar desapontado. "Tudo bem, então. Acho melhor ir cuidar dos meus encenqueiros."

Enquanto ele se afasta, escuto Austin fazer um som de zombaria. Ele é cheio de desdém, que, tenho certeza, é comigo.

A raiva queima meu coração, e eu aperto minha mandíbula antes de gritar: "Loyd!"

Ele olha para mim por cima do ombro, as sobrancelhas erguidas.

Não sei o que estou fazendo, a não ser agindo como uma criança.

Eu sorrio para ele. "Você esqueceu de anotar meu número."

Loyd sorri.

Capítulo 9

Seline

"Jerry, a mesa sete não tem garçom," eu chamo.

Jerry passa por mim, um pouco ansioso demais. "Eu cuido deles!"

Tenho que esconder meu sorriso. Já faz uma semana que os juvenis começaram a trabalhar aqui. Ajudaram a consertar a porta e prometeram ajudar a pintar no fim de semana, mas não agem como se odiassem seus empregos. Pode ser porque eles ficam com as gorjetas, que geralmente são bem generosas.

Uma coisa é puni-los, mas não quero que sejam completamente miseráveis.

"Você parece satisfeita." Sam desliza para o assento que se tornou seu lugar habitual.

Normalmente, nunca faço amizade com clientes, mas Sam conseguiu se infiltrar em meu coração com seus doces e conversas constantes. Eu sorrio para ele. "Contratei mais ajuda na casa."

Ele estende outro doce, e eu o aceito sem reservas. "Sinceramente, essas balas são incríveis. Eu me sinto muito melhor depois delas."

É verdade. Os doces que ele continua me oferecendo me dão explosões de energia que me seguram por várias horas.

Ele não sorri. "Eles podem te fazer se sentir melhor, mas Seline, você não parece bem."

Meus lábios se curvam, mas vacilam. Eu sei o que ele quer dizer.

Minha pele está perdendo o vigor, tomando um tom doentio, e minha fraqueza está piorando. Sempre tive a minha força de lobo, mas até ela está desaparecendo. Meu lobo está cada vez mais quieto. Não sinto mais passos, não escuto mais uivos. Só um silêncio pesado que

parece mais perigoso.

"É. Só estou muito cansada."

"Que tal você tirar uns dias de folga?"

Eu rio, lembrando das dívidas empilhada na mesa de centro em casa. "Nem todo mundo tem esse luxo. Mas obrigada por aquela gorjeta do outro dia. Ela me ajudou a pagar o aluguel."

Briguei com Sam para devolvê-la, mas o mago insistiu que eu ficasse com ela.

Sam sorri para mim. "Que bom que foi útil. Mas realmente acho que você devia tirar uma folga."

Estico meus braços sobre a cabeça. "Infelizmente, não posso. Mas tenho o domingo de folga. Então, vou para o Lago Asla."

Escuto meu celular vibrar e, quando olho para baixo, vejo "Mãe" na notificação de mensagem. Minha mão quase escorrega de tanto desespero quando abro a mensagem.

Envie dinheiro para o aluguel no mês que vem. Pelo banco. Não venha em pessoa.

Meus olhos examinam a mensagem várias vezes.

"Está tudo bem?" Sam pergunta, e eu nem consigo reunir forças para esconder a mágoa.

"Sim," murmuro, uma parte de mim se perguntando quando vou desistir de implorar pelas migalhas de afeto da minha mãe. "Tudo ótimo."

Vejo sua cabeça se mover. Percebo que ele viu a mensagem e fico vermelha. "Desculpe. Vou pegar sua refeição na cozinha."

Mas quando volto da cozinha alguns minutos depois, ele já foi embora, com outra nota de cem dobrada embaixo do refrigerante. Sinto uma pontada de constrangimento. Talvez ele tenha visto a mensagem e ficou desconfortável.

Coloco a nota no bolso e suspiro, murmurando: "Obrigada pelo doce. Não vou mais receber nenhum deles."

Meu coração fica pesado quando passo para outro cliente.

*** **

"Você não anda com uma cara muito boa, Seline."

Olho por cima do ombro ao trancar a porta, saindo para o trabalho, e sinto uma forte sensação de repulsa ao ver meu senhorio à espreita no corredor. "Que diabos você quer, Frank?"

"Eu deixei mensagens—"

"E eu já paguei o aluguel, então vá se foder." Coloco a chave na minha bolsa.

Ele se aproxima mais, e é difícil me impedir de agarrar seu pescoço e lhe dar um choque elétrico. O problema é que, por mais nojento e pervertido que seja, Frank é um humano. As regras para os Outros são claras.

Não podemos nos revelar aos humanos.

Sempre existem exceções, Lacy sendo uma delas, já que nós éramos crianças quando nos conhecemos. O Sr. Hamrington está ciente dela, e Lacy também está ciente que tem alguém de olho nela.

Mas Frank já é outra história.

Se eu revelar a verdade, ele vai desaparecer. Eu não ia me importar, mas também teria de enfrentar as consequências. Não gosto dessa ideia, por isso tenho que aturá-lo.

Frank bloqueia minha passagem. "Sei que você está um pouco apertada de dinheiro. Eu podia liberar uns meses de aluguel, sabe, se você me der algo em troca."

Eu lhe dou um empurrão e passo por ele, descendo as escadas e saindo pela porta da frente. "Não vou dormir com você, Frank. Prefiro pagar o aluguel."

Mas Frank não é de desistir, especialmente quando conseguiu me encontrar pessoalmente depois de semanas sendo evitado.

Ele segue atrás de mim, com um sorriso gorduroso no rosto. "Só uns favores sexuais, então."

"Eu disse que não," rosno para ele, odiando-o com paixão neste momento. Ele não tem a menor vergonha de me fazer propostas no meio da rua.

"Até parece que tem homens fazendo fila para comer sua bunda magricela, sua puta!" ele cospe.

Eu me viro e o encaro. "Escuta aqui, seu monte de merda seca. Posso ser uma prostituta ou uma puritana, mas não posso ser as duas coisas. E não vou dormir com você. Você me dá nojo, Frank!"

Com isso, começo a me afastar, esperando que ele finalmente entenda a mensagem. Mas Frank é como uma sanguessuga determinada.

"Dois meses de aluguel por chupar meu pau. Eu juro!"

Abro a boca para responder quando outra voz se levanta: "Então é assim que você está pagando o aluguel. Agora eu entendi por que Austin te rejeitou."

Minha cabeça gira para o lado e vejo um grupo de mulheres paradas ali, me observando, com uma careta no rosto.

Metamorfos lobas.

Não preciso nem perguntar de qual alcateia.

"Posso ajudar?" pergunto com azedume, sem vontade.

Todas elas são muito bonitas, com aquele jeito de meninas malvadas, cabelos brilhantes, lábios vermelhos e pele impecável.

Ou talvez eu esteja só irritada com a presença delas.

As mulheres trocam um olhar. Elas não precisam dizer, mas sei que estão me olhando com desprezo.

A líder óbvia dá um passo à frente, com um tom de zombaria. "Não, obrigada. Só queríamos ver por nós mesmas por que Austin rejeitou sua companheira. Quer dizer," ela chilreia, cobrindo a boca, os olhos maliciosos fixos em mim, "tinha que ter algo errado com você, certo? Para seu companheiro destinado te rejeitar? Tinha que ter algo faltando. Mas agora, eu entendo. Não é só essa sua carinha desbotada."

As outras mulheres zombam, e eu fico em silêncio, com os lábios apertados em uma linha fina. "Você já terminou?"

Ela dá de ombros. "Na verdade, não. Quem diria que o verdadeiro motivo era você ser uma prostituta? Quer dizer, dormir com seu senhorio para descontar no aluguel? Sorte nossa de não termos acabado com uma vadia híbrida como fêmea Alfa!"

Todas caem na gargalhada enquanto eu as encaro fixamente.

Posso ver a irritação em seus olhares quando não reajo às provocações.

"Sabe, não viemos aqui só para te ver," continua a líder. "Viemos para te mandar parar de seguir Austin como uma vagabunda desesperada. Ele já te rejeitou, então enfie isso na sua cabeça. Companheiros ou não, você nunca foi boa o suficiente para ele, então pare de encontrar desculpas para se encontrar com ele só porque está desesperada por atenção."

Agora tenho que rir. É um som frio.

"Não estou correndo atrás do seu Alfa. Nunca o quis e, na verdade, ele é um inconveniente. Posso arranjar muito melhor do que ele. Se não fosse pelo meu lobo, eu nunca nem ia olhar para ele. Se ele acha que enviar vocês vai ferir meus sentimentos ou me colocar no meu lugar, você pode voltar correndo e dizer que eu nunca estive interessada nele, para começar. E se você espalhar na cidade que sou uma prostituta porque vocês e Austin estão tentando me expulsar ou coisa assim, lembre-se de que sou uma híbrida. Sou parte mago. Não vou deixar que me difamem e posso tornar sua vida nessa cidade muito difícil."

Nem tudo o que digo é verdade – especialmente a primeira parte e um pouco da segunda – mas não vou virar chacota, mesmo quando estou sofrendo. E se essas mulheres acham que, se me insultarem, eu vou fugir com o rabo entre as pernas, elas podem pensar de novo.

"Se for para espalhar boatos, estou em uma posição ideal para destruir suas reputações. Não me obriguem a mostrar esse meu lado."

Vejo a raiva em seus olhos com a minha recusa em me submeter às suas táticas de humilhação. Se elas fossem espertas, dariam meia-volta e iriam embora. Mas parecem enfurecidas porque eu me defendi.

"Você não acha que está sendo muito arrogante para alguém que acabamos de pegar se prostituindo?"

"E você não acha que está agindo como uma humana surda quando claramente escutou a conversa inteira?" Eu respondo.

As mulheres trocam um olhar e uma delas diz: "Acho que ela precisa de uma lição."

As outras metamorfos concordam, e sinto uma pontada de raiva.

Eles me cercam, e sei que Frank já se foi há muito tempo, mesmo sem olhar. Flexiono meus dedos, pronta para desferir o choque de uma vida inteira.

Uma delas avança, tão rápida que olhos normais não veriam. Eu me esquivo bem a tempo. Meus dedos roçam sua pele exposta, soltando um choque elétrico agudo.

Ela solta um grito de dor, e as outras mulheres pulam para cima de mim.

"Chega!" diz um rugido.

Minha fúria está a flor da pele e eu grito: "É, meninas, chega. Seu Alfa está aqui. Por que não reclamam para ele em vez de me atrasar para o trabalho?"

"Raven, você e as outras vão para casa. *Agora!*"

As mulheres olham desconfiadas para Austin, mas Raven, a líder, faz uma careta. "Você merece muito mais do que a prostituta da cidade, Austin. Ela está abrindo as pernas até para o senhorio."

"Lembra o que eu disse sobre minha posição ideal?" Eu digo abruptamente.

Ela me olha fixamente e posso ver que ela quer retrucar, mas a voz de Austin é afiada. "Chega. Vão embora!"

As mulheres me lançam um olhar de reprovação antes de saírem com pressa.

Quando Austin se demora, levanto as sobrancelhas. "Você não devia ir atrás delas? Sabe, caso elas comecem a acusar outra pessoa de ser a prostituta da cidade?"

"Eu me perguntei por que foi tão fácil para você aceitar os avanços do Loyd," diz ele friamente. "Agora eu sei."

Uma risada irritada brota de mim. "Ah, é mesmo? É disso que você quer brincar? O amante desprezado? Você me rejeitou, lembra? Eu te disse que nunca mais rastejaria por você. Você achou mesmo que eu ia chorar de joelhos todas as noites, rezando para você me aceitar?"

Seus olhos se arregalam, mas ele não diz nada.

Dessa vez, minha risada é mais incrédula. “Você não é a primeira pessoa a me dizer que eu não valho nada, Austin. Sou uma híbrida, lembra? Minha própria mãe me despreza. Você acha que pode me machucar?” Balanço a cabeça, agachando para pegar minha bolsa, ainda rindo. “Você pode pensar que sou fácil de jogar fora, mas a novidade para você é que todo mundo na minha vida pensa assim.” Eu olho nos olhos dele. “Então você vai ter que ir para o fim da fila, amigo, porque estou cansada de ser tratada assim. Por você ou por qualquer outra pessoa. Nunca vou deixar sua opinião sobre mim influenciar minha opinião de mim mesma. Sei que sou uma boa pessoa e mereço alguém que me trate como se eu valesse alguma coisa. Então tire seus coleguinhas de cima de mim. Eu nunca te quis antes e não quero agora.”

A expressão no rosto dele vale a dor no meu coração.

Capítulo 10

Seline

É bom dizer essas palavras.

Não são totalmente falsas, mas dizer e acreditar nessas palavras não é fácil. Às vezes, é preciso fingir confiança para se sentir confiante. Passei a vida inteira sendo rebaixada e humilhada, por isso é difícil não começar a acreditar em todas essas coisas a meu respeito. Parte de mim se considera um desperdício de espaço, mas não tem muito o que fazer, além de erguer a cabeça e seguir com a minha vida, tentando ser gentil com os outros. Tenho a Lacy e talvez alguns outros, mas, no fundo, a criança dentro de mim está sempre com medo que os poucos amigos da minha vida vão se voltar contra mim. Então eu me esforço, tentando dar mais para prendê-los a mim.

Mas é bom estar de pé na frente de Austin e dizer que mereço melhor do que ele.

Começo a me afastar quando ele agarra minha mão, me forçando a parar.

Sinto meu lobo ronronar depois de ter ficado em silêncio por dias, e entro em pânico. “Me solta!”

Cambaleio para trás quando ele me solta e esfrego minha mão. “Qual é o seu problema? Por que você está sempre se metendo na minha vida?”

“Não estou!” ele rosna. “Mas você devia tomar cuidado!”

“Cuidado com o quê?” Eu o encaro. “Pare de me agarrar e me tocar. Não sei o que está tentando fazer—”

“Fique longe daquele Alfa.”

Levanto as sobrancelhas antes de gaguejar em tom sombrio: “Como é que é? Você não me quer, então ninguém pode me querer? Cai na

real, Austin!”

“Não foi isso que eu quis dizer!” Ele mostra os dentes para mim. “Ele é perigoso!”

“Claro que é.” Eu estreito meus olhos.

“Estou falando sério!” Ele parece frustrado. “A alcateia dele é encrenca.”

Esfrego minhas têmporas. “Olhe, não finja que se importa agora, ok? Em primeiro lugar, não tenho nada a ver com você. Ele podia ser um assassino sanguinário, e não seria da sua conta. Eu estou sentindo, quase que uma intuição, que você acha que todos deviam me ver com o mesmo desdém que você.”

“Não é...”

“Não me importo, Austin,” eu o interrompo. “Me deixe em paz. O Loyd me tratou melhor do que você jamais tratou. Pense só: se ele decidir me matar ou coisa assim, no final, você vai conseguir o que quer. Vou sumir da sua vida.”

O rosto dele se enrijece. “Não seja ridícula.”

“É uma vitória para você, então não tente oferecer conselhos que ninguém pediu.”

Viro as costas para ele, me recusando a corrigir sua suposição e minha insinuação de que existe algo entre mim e Loyd. Pelo menos, assim ele vai pensar que alguém no mundo me quer, e uma pequena parte de mim vai se sentir bem comigo mesma.

*** **

Achei que meus problemas do dia tinham acabado com as fêmeas de Austin e a discussão com meu companheiro.

Eu estava redondamente enganada.

São três da manhã quando volto do turno da noite, ansiosa para esquentar a sopa que sobrou do cardápio do jantar e comer na frente da televisão. Mas quando chego ao meu apartamento, escuto alarmes soarem na minha cabeça.

A porta da frente está entreaberta.

Com o coração na boca, abro a porta.

Quem ia querer me roubar?

Está escuro lá dentro e, assim que entro, a porta se fecha atrás de mim. Eu me viro, vendo três vampiros corpulentos parados na minha frente.

“O que é isso?” pergunto com firmeza. “O que vocês querem?”

“Por que não vem aqui e se senta, Seline?” diz uma voz atrás de mim. Olho por cima do ombro e vejo mais quatro vampiros parados ali. Reconheço o mais alto. Foi ele que apareceu no bar no outro dia.

“Por que você está aqui? Ainda tenho três dias para...”

“O chefe quer o dinheiro agora. Parece que sua mãe recebeu outro adiantamento dele. Quanto mais ela recebe, mais frequentes são os pagamentos.” Ele dá de ombros.

Ele me estende um papel, e eu não tenho escolha a não ser aceitar.

Sinto-me tonta. “Por que você está deixando ela emprestar mais dinheiro?”

“Porque sabemos que você vai pagar,” é sua resposta simples.

“E por que você está aqui se sabe que eu vou pagar?” Bato o papel na mesa, irracionalmente irritada.

O vampiro sorri. “Porque o chefe decidiu que agora você tem de pagar duas vezes por mês. Sua mãe fez um pedido de vinte mil dólares, mas ela só pode receber depois que uma certa quantia for paga. Falamos com ela, mas ela disse para falar com você. Então, aqui estamos nós.”

Ela mandou eles aqui?

Meus joelhos estão tremendo. “Eu não tenho—”

O golpe vem antes de eu terminar a frase.

E continuam vindo. Lutar contra três vampiros é difícil. Seis é quase impossível.

Mas eu ainda tento.

Qualquer magia que eu consiga invocar com a minha forma já fraca, eu invoco, empurrando dois deles de cima de mim e correndo para a porta. É o soco no olho que me atinge, e eu tropeço para trás. Não consigo nem gritar enquanto eles me batem, ignorando meus esforços.

Quando termina, minha visão está embaçada e eu os assisto esvaziar minha bolsa e pegar todo o dinheiro que encontram.

"Vamos deixar um recibo," zomba o mais alto, mas já estou longe demais para me importar.

Fico ali deitada sabe Deus quanto tempo antes de me sentar. Sinto-me morta por dentro, cansada e esgotada.

Quantas pessoas mais vão vir tirar um pedaço de mim?

Pego meu celular, ignorando a dor ardente no braço. Meus dedos estão instáveis quando disco um número que não devia ser tão desconhecido.

Minha mãe demora seis toques para atender. "Eu disse para você nunca me ligar."

"Mãe." Encosto minha cabeça na parede. "Mãe, por que você pediu um empréstimo tão caro? Não posso continuar pagando. E adiantado?" Minha voz está rouca.

"Não é da sua conta."

"É da minha conta quando você envia os cobradores para minha casa! Eles me espancaram!"

Silêncio, e então: "Só isso? Eu disse que eles podiam arrancar seu dinheiro como quisessem. Estou surpresa que foi só uma surra."

O horror aperta meu peito. "Como você pode? Mãe, você nem se importa—"

"Minha vida inteira foi destruída por sua causa," é a resposta fria. "Considere parte do pagamento e pare de me ligar."

A chamada termina com um clique final. Depois de alguns segundos, deixo o telefone cair da minha mão. Meus olhos estão secos enquanto olho para o teto.

Não sei quanto tempo fico sentada ali. Minha mente está em branco. Sinto-me estranha, como se estivesse em um sonho febril. A crueldade da minha mãe, a surra, os comentários maldosos de manhã... tudo parece ter acontecido com outra pessoa.

Eventualmente, me lembro da sopa e meu estômago ronca. Agarro o encosto da cadeira para me levantar, estremecendo quando meu corpo lateja. Uma olhada no espelho rachado do corredor revela dois olhos

roxos, um rosto inchado cheio de hematomas e arranhões sob meus olhos, onde as unhas deles cortaram a minha pele.

Uso a parede como apoio até a porta da frente, onde deixei cair o pote de sopa. Quando chego lá, fico olhando para baixo, me sentindo vazia.

Espirrou para todo lado.

Afundo no chão, meu corpo se movendo por vontade própria, pego um pouco na mão e bebo. Faço isso duas vezes antes de sentir o gosto das minhas lágrimas. É quando desisto, me encostando na porta da frente.

Minhas mãos machucadas cobrem minha boca enquanto eu grito e grito, soluçando alto enquanto me enrolo em uma bola.

Estou chorando pela sopa derramada, meu jantar. Mas eu sei que não é o motivo verdadeiro.

Meu coração está doendo. Dói como se alguém o estivesse cortando em pedaços.

Por que nunca sou boa o suficiente para ser amada? Por que não posso ter alguém para me abraçar e me confortar?

A injustiça me faz chorar como uma criança com o coração partido. Odeio todos eles – minha mãe, Austin, os cobradores, o pai que me abandonou a esse destino. Odeio aquelas mulheres que me chamaram de prostituta porque nunca tiveram de pagar aluguel. Desprezo Frank, que transformou minha vida em um inferno.

Enrolo meus braços doloridos ainda mais em torno de mim.

E, mais do que tudo, eu me odeio.

*** **

Ainda não amanheceu quando eu entro na parte mais densa da floresta.

Meu corpo ainda dói. Tudo dói. Mas não posso ficar em casa. Não quero estar naquele apartamento agora.

Preciso sentir um pouco de paz. Pode ser uma ideia estúpida, mas o Lago Asla não fica muito longe de casa, e é mais fácil caminhar sob o manto do céu noturno.

Ando pelos arbustos, usando os troncos das árvores para apoiar minha marcha instável. Mas quando saio da linha das árvores, eu congelo no lugar.

Uma parte de mim me diz para ir embora, mas outra parte teimosa e dolorida quer ficar. É um lago enorme. Vou me sentar em outro lugar.

Mas mal dei alguns passos quando um galho estala sob meus pés e a figura se move.

Eu o reconheço. *Sam.*

Antes que eu possa recuar, ele me vê. Não sei como ele me reconhece de tão longe, mas ele acena para mim.

Sem saber mais o que fazer, cruzo a distância entre nós, tropeçando, com o pé ainda doendo por ter sido pisoteado com tanta violência.

O sorriso de Sam desaparece quando ele me vê. "O que aconteceu?" Sua voz é seca, mas cheia de um autocontrole assustador.

Dou de ombros. "Não se preocupe com isso."

Ele me ajuda a sentar e tenho que conter um soluço diante do pequeno gesto de bondade. Ele percebe o que estou fazendo e sua voz se acalma. "Seline."

"Está tudo bem." Esfrego meus olhos, sem querer chorar. "Obrigada..."

"Quem fez isso com você?"

Estou prestes a dar de ombros, mas sua voz é severa. "E não evite a pergunta. Eu quero uma resposta."

Quero dizer que não é da conta dele ou algo igualmente incisivo para fazê-lo recuar, mas meus ombros caem. "Olhe, não se envolva nos meus problemas. Eles são intermináveis."

"É, bem." Ele coloca a capa em volta dos meus ombros, com a voz ainda suave. "Não me importo de ser envolvido. E como me contar seus problemas vai me envolver?"

Ele tem razão.

Além de Lacy e Gina, que só sabem uma versão diluída do que está acontecendo na minha vida, nunca tive ninguém em quem confiar.

Mas, mesmo assim, não consigo contar toda a verdade.

"Minha mãe é viciada em jogos de azar. Ela fica pegando empréstimos e me colocando como fiadora. Os cobradores apareceram na minha casa."

Sam se enrijece. "Por que você deixou ela te colocar—"

"Porque ela é minha mãe." Esfrego os olhos, afundando os pés na água fria do lago. "Porque ela foi expulsa de sua alcateia por minha causa, e é o mínimo que posso fazer. Eu arruinei a vida dela."

Silêncio, e então: "E seu pai?"

Eu rio amargamente. "Ele fugiu antes de eu nascer. Ela culpa tanto a ele quanto a mim pelo que aconteceu com a vida dela, mas principalmente a mim." Eu pauso, olhando para as feridas nas minhas mãos. "Por que elas não estão cicatrizando? Já deviam estar cicatrizando!"

"Calma." Sam pega minhas mãos. Quando ele as solta de novo, as feridas estão curadas.

"Eu devia me curar mais rápido," murmuro. "Desde que..." Eu me interrompo. "Eu odeio isso."

Sam franze a testa. "Você não *está* se curando, para começo de conversa."

"O quê?" Eu olho para ele, surpresa.

Seu rosto está sério. "Posso sentir as duas forças dentro de você e, quando te toquei, pude avaliar o ritmo da sua cura, Seline. Você está se curando no mesmo ritmo que um humano."

Capítulo 11

Seline

Examino meu rosto no espelho. Ainda tem um hematoma enorme na minha bochecha esquerda, e um dos meus olhos ainda está inchado.

Pego o frasco de poção vazio e suspiro. Tive sorte de Sam estar lá, porque uma hora depois de ele me ajudar a voltar para casa, outro mago apareceu com um frasco grande de poção e instruções sobre como tomá-la.

Mas eu já bebi tudo.

Estico meus braços. Durante a noite, minhas feridas cicatrizaram bem. Os hematomas nos meus braços e estômago desapareceram, mas os mais proeminentes ficaram.

Eu aperto meus lábios. Como vou esconder essa bagunça?

Eu hesito. Hoje é domingo, e o bar está sempre fechado no segundo domingo do mês. Acabei de aceitar a oferta de dinheiro extra do prefeito para pintar as paredes do bar. Se eu soubesse que isso ia acontecer, nunca teria aceitado. Agora, não tenho outra opção a não ser ir.

Antes de sair, coloco um par de óculos escuros e um boné para esconder meu hematoma. Pode ser noite, mas ainda está claro, e não quero que ninguém me reconheça e venha falar comigo.

Tenho sorte e chego ao bar inteira. Os baldes de tinta e os rolos já foram entregues. Franzo a testa para os rolos, tirando os óculos e o boné. Vejo a porta da cozinha se abrir, e Jerry e Lou entram com o resto dos quatro juvenis.

"Ei, Seline! O entregador nos deixou entrar—"

Todos congelam ao me ver.

"Ah, merda," murmuro.

Eu me esqueci deles.

"O que aconteceu?!" Jerry e Lou são os primeiros a vir correndo, e sua comitiva segue.

"Olhem, não se preocupem com isso," tento acalmá-los. "Foi só um acidente."

"Você levou um soco. Alguém te deu um soco!" Jerry está pálido. "Quem foi? Você está bem? Devemos chamar a Tammy? A Tammy é a nossa curandeira."

Finalmente digo, com a voz firme: "Ninguém vai ligar para ninguém. Entrei em uma briga. Acontece."

"Alguém conseguiu bater em você?" Jerry pergunta com ceticismo.

Lou joga os braços para cima. "Vamos contar para o Austin! Você é a com—"

Levanto a mão, interrompendo-o no meio da frase. "Ok, estou vendo que isso precisa ser resolvido. Não sou a companheira de Austin. Ele já te disse, na minha frente, que me rejeitou. Não entendo essa insistência—"

"Mas vocês são companheiros destinados!"

As sobrancelhas de Jerry estão franzidas e, primeiro, acho que ele está frustrado, até que vejo suas mãos se contorcendo. A confusão toma conta de mim e finalmente faço a pergunta mais razoável. "Por que isso é tão importante para vocês?"

Silêncio, e então é Lou quem fala, hesitante. "Você não pode simplesmente rejeitar sua companheira. Ela é sua parceira escolhida."

Os outros rapazes concordam com a cabeça. "Não é certo, e não é como se você tivesse feito nada terrível. Você é muito legal, e o Austin também concorda—"

"O quê?" Eu congelo com essa última informação.

"É, ele disse para nos comportarmos e não te dar trabalho. Ele também ficou preocupado naquele dia em que você parecia cansada e nos disse para te ajudar mais."

Algo dentro de mim lateja. Não consigo identificar essa emoção.

Esperança? Amargura?

Não entendo o Austin. Tudo o que ele diz é confuso. O homem é uma dor de cabeça.

Esfrego as têmporas, me forçando a me acalmar. A esperança é um dos meus maiores inimigos. Ela já me decepcionou várias vezes. E depois das minhas conversas e encontros recentes com Austin, tudo o que senti dele foi um desdém aberto. Tenho certeza de que esses meninos estão enganados, mas não tenho coragem de dizer isso para eles.

"Olha, eu sei que isso vai soar duro, mas você *pode* rejeitar um companheiro."

"O historiador da alcateia disse que você não pode!" Lou argumenta. "Ele disse que tem consequências!"

Meus olhos se estreitam com essa última parte, mas tenho um grupo de adolescentes na minha frente se comportando como crianças que acabaram de ouvir que o Papai Noel não existe.

"Bem, ele deve estar errado." Sinto uma vontade enorme de me servir de um copo da bebida mais forte que puder encontrar. "Não sou a companheira de Austin. Ele me rejeitou, e eu não me importo. Essa insistência que somos companheiros só dificulta a minha vida."

Dói demais.

Mas percebo que estou distraída. Não ajudei esses juvenis porque queria a aprovação deles, mas estou percebendo que, desde que me envolvi com eles, comecei a ter cada vez mais interações com os lobos de Stone Creek. Sinto que muitos deles estão me observando, o que é irritante e me deixa desconfiada.

Quero cortar todos os laços com essa alcateia, até os mais mínimos. Mas continuo me arrastando cada vez mais para dentro deles. Sei que Austin não gosta disso e provavelmente desaprova o fato de eu me misturar com os jovens.

Suspiro enquanto movo minha mão para cima e para baixo, o pincel deixando marcas de marrom na parede desbotada.

O que estou fazendo?

Meus pensamentos me deixam exausta no fim da noite, enquanto arrumo as coisas e ligo a churrasqueira da cozinha para fazer hambúrgueres para todos nós. Os garotos estão muito mais

conversadores, mas seus olhos se apagam quando caem nos meus machucados visíveis.

Não tem muito o que fazer sobre isso.

*** **

Na manhã seguinte, passo horas limpando antes de verificar meus machucados.

Sam tinha razão. Ainda estão se curando muito devagar.

Sou boa só com maquiagem básica e tento cobrir o máximo que posso com corretivo e base. Mas uma olhada no espelho é suficiente para me dizer que não estou enganando ninguém.

Com um suspiro pesado, pego minhas coisas e abro a porta, mas congelo no lugar.

Tem um pacote marrom sobre o tapete de boas-vindas desbotado. Eu o pego e levo para dentro. Encostada na janela que dá para a floresta, eu o abro para revelar uma poção de cura semelhante à que Sam me deu.

Eu pisco. Será que Sam deixou isso aqui para mim?

Farejo a embalagem e demora para captar qualquer aroma, principalmente porque meu olfato também começou a falhar. Tem vários aromas na embalagem, mas o mais proeminente – aquele que reconheço na hora – é o de Austin.

Algo se desenrola dentro de mim, e meu lobo, normalmente silencioso, ronrona de desejo e felicidade.

Meu companheiro está cuidando de mim.

O pensamento inesperado se forma na minha cabeça, e eu me enrijeço quase que imediatamente.

Não. Não posso ser tão estúpida.

Eu não posso nem começar a entender as motivações de Austin. Depois de ter sido rejeitada de forma tão brutal em tantas ocasiões, e de ser constantemente lembrada que minha existência o incomoda, de que não sou digna dele, seria estúpido me deixar iludir simplesmente porque ele me deixou uma poção de cura.

Mas eu odeio isso. Odeio como ele me força a ficar nessas posições vulneráveis em que começo a sentir uma centelha de esperança e tenho que esmagá-la de novo.

"Esperança de quê?" murmuro, desanimada. "Que ele me quer de repente? Que ele vai mudar de ideia sobre como sou uma híbrida inútil?"

Meus olhos ardem. Engulo em seco, forçando as lágrimas a descer.

Será que quero ser desejada por alguém que deixou tão claro que tudo o que ele sente por mim é repulsa e desdém?

Meu lobo se acomoda de novo, e posso sentir seu sofrimento enquanto ele se enrola dentro de mim.

Encosto a cabeça na parede, incapaz de conter as lágrimas.

Deus, eu me odeio! Não quero desperdiçar lágrimas com ele e aqui estou eu.

Permito que a raiva substitua a dor, uma bola permanente de dureza alojada na minha garganta.

Eu me viro e meus olhos se voltam para a floresta. Congelo quando vejo alguém me observando. Estreitando os olhos, vejo um grande lobo escuro me observando da linha das árvores. Minha mandíbula se contrai.

Desgraçado.

Sem pensar, abro a janela e esvazio a poção na grama. Também jogo fora o frasco. Ao fechar a janela, sinto uma ponta de satisfação mórbida. Não me importo se todo mundo ver meus hematomas, desde que eu não dê a Austin a satisfação de usar um presente dele.

Não sei que jogo ele está jogando, mas não vou cair nessa!

*** **

Felizmente, o dono ainda não chegou, então nenhum humano chato está me importunando com perguntas sobre o que aconteceu. Os poucos outros que passam para pegar comida parecem preocupados, mas eu decido que isso é só minha própria estupidez.

Sei que a notícia vai se espalhar, especialmente entre os clientes do bar. Sei que tenho de estar pronta para perguntas diretas.

É quase o fim do meu turno quando três lobas entram. Fico imediatamente tensa, lembrando do último encontro com as fêmeas da alcateia de Austin. Não que eu saiba qual é a alcateia dessas três.

Eles parecem um pouco reservadas enquanto olham em volta à procura de alguém. Quando seus olhos se fixam em mim, elas se animam e correm na minha direção.

Minha tentativa de escapar para a cozinha é um fracasso porque elas se colocam bem na minha frente. Olho para os outros clientes que estão jantando. "Como posso ajudar? Se vocês querem uma mesa, eu posso—"

"Não." Uma delas balança a cabeça. "Você é a Seline?"

Hesito, imaginando qual vai ser o problema dessa vez. "Sim."

"Ah, que bom. Hum, eu sou a Anna. Essas são a Bertha e a Jess. Somos da alcateia do Austin."

"Olha." Eu dou um passo para trás. "Não quero encrenca—"

De repente, elas ficam com expressões ansiosas no rosto. "Não, não. Olhe, nós viemos para pedir ajuda."

Eu as estudo, relutante. "Acho que Austin não vai gostar disso. Ele sabe—"

"Os juvenis estão falando de você. Eles só têm coisas boas a dizer, por isso decidimos nos apresentar."

Elas estão sendo tão vagas, e não sei o que pensar.

É Jess quem fala. "Vou direto ao assunto. Você pode nos ajudar a encontrar um emprego?"

Eu pisco para elas. "O quê?"

"Um emprego que podemos fazer sem experiência," esclarece Bertha.

"Não estou entendendo." Olho para as mulheres, que são um pouco mais velhas do que eu. "A alcateia de vocês não é dona de negócios na cidade? Não deviam estar trabalhando lá?"

Todas trocam olhares. "N-não podemos," diz Jess.

"Como assim?"

A expressão de Anna está abatida. "Fêmeas não têm permissão para trabalhar em nossa alcateia. Algumas de nós tentaram, mas os anciãos são muito controladores. Eles têm essas ideias tradicionalistas sobre os papéis femininos."

"Nem todos nós concordamos," diz Jess, com os olhos brilhando. "Mas eles não nos deixam trabalhar nas empresas da alcateia."

"Austin não deu permissão?" Fico irritada com a ideia, mas Anna

balança a cabeça.

"Austin não é o problema. Ele não tem muita influência no momento... é complicado. Ele ofereceu um compromisso, que podemos tentar trabalhar em empresas externas. Mas não temos experiência."

"Olhe, eu não quero me envolver com sua alcateia mais do que já estou. Austin foi muito claro—"

"Não vamos contar para ele," diz Bertha.

Eu hesito. O bom senso está me dizendo para deixar essas mulheres à própria sorte, mas me sinto mal por elas.

Coço o pescoço, cedendo rápido demais. "Ok, deixe eu ver se temos algumas vagas aqui."

O olhar de esperança e alegria em seus rostos me faz querer sumir.

Essa é uma péssima ideia.

O Benny's acaba contratando as três lobas. Volto para casa de noite, cansada e sabendo que estou entrando na toca do coelho errada.

Meu humor já frágil despenca quando chego em casa e vejo outro pacote marrom esperando por mim em frente à porta.

Capítulo 12

Seline

Eu estava certa quando pensei que os clientes do bar iam querer saber dos meus hematomas. Conto a mesma história várias vezes sobre como me meti em uma briga e como eles deviam ver "os outros caras."

Sei que não precisaria responder às perguntas deles se tivesse tomado a poção de cura que Austin deixou na minha porta.

Mas não vou usar nada do que ele me der. Ele acha que eu preciso da atenção dele? Desgraçado.

Mesmo assim, não joguei o frasco fora. Guardei no armário do banheiro. Meu olho roxo está melhorando. O inchaço está quase desaparecendo, e o hematoma escuro sob o olho esquerdo ficou em um tom de marrom, o que significa que está cicatrizando.

É totalmente exaustivo me curar no mesmo ritmo que um ser humano. Eu queria poder ir a algum curandeiro local, mas eles cobram os olhos da cara e eu não tenho dinheiro para desperdiçar comigo mesma.

Então atribuo esse problema de cura ao estresse e o ignoro.

Não vejo Sam desde aquela manhã no lago, e fico triste com isso. Eu realmente passei a gostar do mago. Vi os outros magos que ainda frequentam o bar, mas não o Sam.

Alguns dias depois, quando começo meu turno mais cedo, Austin entra no bar. Os clientes são poucos e o bar está praticamente vazio. Ele decide se aproximar e se sentar bem na minha frente, onde estou arrumando os copos de cerveja.

Eu o ignoro, e ele claramente não gosta disso.

Vejo Marie olhando para mim, mas ela só poderia ajudar se ele estivesse sentado em uma das mesas.

"O que você quer?" finalmente pergunto, irritada.

Ele tem uma expressão sombria no rosto. "Por que você não usou a poção que eu te dei?"

Eu o encaro antes de zombar. "Ah, nossa, não sei. Talvez porque eu não queira suas esmolaz?"

"Não seja infantil e use de uma vez!" Ele bate outro frasco de poção no balcão, e eu levanto uma sobrancelha.

"Você não sabe mesmo falar com as pessoas, não é?"

"Desculpe?" Seus olhos se estreitam.

Empurro a garrafa de volta para ele. "Em primeiro lugar, você não tem o direito de me dizer o que fazer. Se eu quiser andar por aí com um olho roxo toda semana por diversão, a escolha é minha. Então pegue sua atitude e enfie na bunda, junto com sua personalidade."

É bom ser uma vaca de vez em quando.

"Cuidado com seu tom." A voz de Austin tem uma ponta de advertência.

"Ou o quê?" Começo a limpar um copo. "O que você vai fazer? Me dar outro olho roxo para combinar?"

Minhas palavras são duras e ele se retrai. "Não foi isso que eu quis dizer. Você—"

Coloco o copo de lado e apoio as mãos no balcão, suspirando e olhando nos olhos dele. "Por que você está aqui, Austin?" Posso ouvir o cansaço na minha voz, então tenho certeza que ele também pode.

Sua voz é firme. "Você está andando pela cidade com um olho roxo e o rosto machucado. É—"

"Não finja que se importa." Sinto uma dor de cabeça se formando. "Olha, só me deixe em paz."

"*Eu não me importo.*" Sua voz é fria como gelo. "Mas como você praticamente anunciou para toda a cidade que é minha companheira, vai se refletir em mim se você andar por aí com essa aparência. Uma marca em você é uma mancha na minha capacidade de te proteger. Não quero ser visto como fraco pelos Outros—"

"Se você está tão desesperado para me proteger, devia ter aparecido

e me protegido quando fui espancada e torturada." Sinto uma profunda agitação de raiva dentro de mim.

Seu rosto fica branco, e uma parte obscura de mim se diverte.

"Mas você não apareceu. Então, pode fazer o favor de ir embora?"

Sua mão se transforma em um punho. "*Quem foi?*"

"Ah, menos com essa encenação." Até minha risada me machuca. "Não me importo com sua reputação. Não quero nada seu."

"Eu não precisaria te dar nada se você fosse discreta," ele argumenta. "E eu quero saber o que aconteceu. Quem é o responsável por isso e por que você não está se curando?"

"Eu não te devo respostas." Aponto meu pano para ele. "Então, como eu disse, não é da sua maldita conta."

"Não seja infantil—"

"Encontre uma resposta melhor do que essa," zombo. "O que você vai fazer? *Me dar umas palmadas?*"

Espero que ele fique com raiva e diga algo desagradável ou humilhante. O que eu não esperava é o lampejo de fome em seus olhos âmbar e sua voz tão grave que faz algo dentro do meu abdômen se contorcer de desejo.

"Não me tente."

O silêncio entre nós está repleto de uma tensão que eu achava que não existia mais. Meu coração está acelerado. Meu lobo está arranhando meu peito, uma necessidade cruel o despertando, e estou a ponto de entrar em pânico.

"Você não pode dizer essas coisas para mim!" Eu o encaro com frustração. "Vá se foder, Austin!"

"Me dê uma resposta!" Ele rosna de volta, igualmente irritado agora, seus olhos brilhando com algo ameaçador.

"Eu não tenho que te dizer!"

"Por que não está se curando?"

Bato o copo que tenho na mão no balcão, fazendo os outros clientes olharem para cima com surpresa. É um desafio manter minha voz sob

controle. "Talvez meu lobo esteja quebrado, Austin. Já pensou nisso? Talvez eu seja mesmo a híbrida nojenta e quebrada que você não quer? Eu nem sou um lobo de verdade, lembra?"

Sua mandíbula está tensa, e eu continuo, minha voz afiada enquanto minhas palavras degradantes perfuram meu coração como cacos quebrados. "Uma metamorfa que não consegue nem acessar ou controlar seu lobo não tem que se curar como um, certo?" Eu me inclino para frente, vomitando toda a feiura em meu coração para ele. "Fale a verdade. Deve ser irritante, não é? Que os vampiros que me espancaram por horas não terminaram o trabalho e se livraram da híbrida que te dá tanto trabalho?"

Austin fica paralisado e eu rio, com o peito cheio de uma agonia que faz meus olhos arderem. "Não se preocupe. Talvez, da próxima vez, eles não vão parar e você vai se livrar de mim."

"Seline." A voz de Austin é cautelosa. Meu coração está batendo tão forte, tão cheio de tristeza, raiva e ódio por mim mesma que sinto que vou explodir.

"Vá embora, Austin," digo finalmente, desprezando a mim mesma pelas lágrimas que sei que estão próximas da superfície. "Você vai ter que viver com o fato de que sobrevivi mais um dia."

Talvez ele esteja só cansado de ficar sentado na minha presença por tanto tempo, ou talvez tenha percebido que já me forçou o suficiente e se levanta. "Eu só—"

"E outra coisa," mostro meus dentes para ele, "pare de espreitar a minha casa."

Ele fica quieto e eu continuo. "Não sei se você sabe disso, mas nós magos somos territoriais. Até os meia-raça como eu. Posso sentir quando alguém entra no meu território. Então fique fora dele e bem longe de mim. Não preciso de sua ajuda ou da sua presença para me lembrar o que você pensa de mim."

Austin abre a boca para responder quando uma voz se levanta. "Está tudo bem aqui?"

Minha cabeça gira para o lado e vejo Sam se aproximando de nós, com seu sorriso familiar nos lábios, mas seus olhos... *seus olhos são quase assassinos.*

Posso sentir a magia emanando dele, sua hostilidade óbvia.

Eu recuo, surpresa com seu poder absoluto. Ele deve ter percebido, porque imediatamente a puxa de volta e, de repente, volta a ser o Sam gentil, sorridente e inofensivo.

Meus olhos se voltam para Austin e vejo o lobo em seus olhos. É uma reação óbvia ao ser ameaçado, mas o fato de um Alfa reagir assim tão rápido mostra que ele considerou o perigo grande.

Sam é tão poderoso assim para provocar uma reação de um Alfa tão forte quanto Austin?

O pensamento desaparece da minha cabeça quando Sam coloca uma poção na minha frente. "Aqui está. Isso deve curar seu olho roxo e seus hematomas." Ele olha entre mim e Austin. "Estou interrompendo alguma coisa?"

Sua voz é firme quando olha para Austin, como se estivesse irritado só de ver o lobo Alfa. Não sei porque, essa reação me diverte muito e eu sorrio. "Não é nada. Eu fiquei preocupada que você tinha saído da cidade sem me avisar. E obrigada por isso."

"Coloque em um chá ou coisa assim," Sam me diz, agradável. "Essa é das fortes. Pode ajudar a iniciar sua cura de metamorfa também, mas não tenho certeza."

Vejo como Austin se enrijece com esse pequeno detalhe, mas eu o ignoro. Ele olha para Sam com cautela. Tenho certeza que está prestes a sair quando decide se sentar, com um olhar sombrio no rosto.

Qual é a porra do problema dele?

"O que você quer?" pergunto de forma rude.

Seus olhos se estreitam e ele dá de ombros. "Cerveja da casa."

Quero torcer seu pescoço, mas como isso não é uma opção, sirvo uma cerveja e bato a caneca na frente dele. Infelizmente, ela não se quebra e estraga suas roupas. Austin brinda para mim antes de beber.

Viro as costas para ele e me aproximo de Sam. "Então é isso que você anda fazendo?"

"Você me pegou." Ele me dá aquele seu sorriso doce. "Eu estava tentando encontrar algo que te ajudasse a se recuperar. Você está parecendo meio faminta ultimamente, e todos esses doces só podem repor sua energia até certo ponto. Você precisa de algo mais durável." Ele cutuca o frasco de poção. "Isso pode ajudar."

"Do que ele está falando?" Austin exige de repente. "Você está

doente?"

Eu o ignoro. "Obrigada, Sam. Agradeço muito por você estar cuidando de mim."

"Seline."

Ignoro ele de novo. "Deixe eu pegar o de sempre," digo a Sam.

Eu me afasto, com a poção no bolso, estranhamente satisfeita por ter irritado Austin tanto assim.

Se tem uma coisa que os Alfas odeiam é ser ignorados.

*** **

Sam fica quase tanto tempo quanto Austin e, o tempo todo, sinto a tensão subjacente entre os dois. Posso entender o Austin – ele é louco. Mas o Sam? Talvez ele tenha ficado sentado ali porque ouviu parte de nossa conversa e ficou preocupado comigo.

Um sorriso curva meus lábios enquanto eu passo por cima de um tronco na parte densa da floresta. É bom ter alguém preocupado comigo. Ninguém nunca deu a mínima, com exceção da Lacy. Ter alguém cuidando de mim é uma sensação agradável.

Apesar de minha dura troca com Austin, as ações de Sam aqueceram meu coração partido. Nunca tive uma figura paterna na vida. Minha mãe mal olhava para mim, a menos que fosse para descarregar suas frustrações, mas sempre me perguntei como seria se meu pai tivesse ficado.

Pulo sobre uma raiz que se projeta do solo da floresta, estranhamente rejuvenescida pela poção. Sam tem aquele ar de pai protetor.

E eu gosto disso.

Não é que eu vá dizer isso para ele. É algo secreto no meu coração. Sorrio com um prazer infantil, feliz depois de muito tempo. Eu devia fazer algo legal para ele antes que ele vá embora. Talvez economizar um dinheiro e levar ele para jantar fora, para agradecer por ter sido tão gentil comigo.

Cantarolo, pensativa. Eu podia limpar casas por um tempo. Podia ser um dinheiro extra.

Estou tão concentrada nos meus pensamentos que quase caio sobre meus próprios pés. Agarro o tronco da árvore ao meu lado para me

apoiar antes de olhar ao redor.

Quando foi que eu saí da trilha?

Em geral, as pessoas são aconselhadas a não entrar na floresta de noite, mas sempre gostei de explorar as árvores ao redor de Arrow Brooke sob o céu noturno. Não tenho muito a temer.

Essa noite, eu não queria ir para casa, então decidi fazer um desvio pela floresta. É uma hora a pé, mas decidi que valia a pena. Estou bem longe dos territórios das duas alcateias, então não preciso me preocupar em encontrá-las.

Normalmente, não me preocupo muito em sair da trilha, mas agora os pelos da minha nuca estão arrepiados. Sinto uma sensação de pavor crescendo dentro de mim.

Está quieto. Queto demais. Não consigo nem ouvir os sons das criaturas noturnas vivendo suas vidinhas.

Posso sentir os olhos de alguém em mim. Eu me viro, mas estou sozinha, cercada por árvores.

Alguma coisa está errada. Até meu lobo está nervoso.

Minha mandíbula se contrai quando me viro para voltar à trilha. Meus dedos se flexionam enquanto invoco minha magia da terra, pronta para cair de joelhos e acabar com a raça de um atacante.

Estou tão tensa que não vejo a pessoa deitada à minha frente até cair sobre ela. Pulo de pé, alarmada, e percebo que a pessoa não está se movendo. Demoro mais um longo minuto para perceber que ela está morta.

E ela também é muito familiar.

Olho fixamente para a pele cerosa da mulher que me atacou há pouco tempo, deitada no chão da floresta, com os olhos vidrados, a garganta rasgada e ainda sangrando.

Ah, droga.

Capítulo 13

Seline

Fico encarando a fêmea morta. Seu corpo ainda está irradiando calor, o que significa que ela morreu há pouco tempo.

Olho em volta, mas, mesmo com o silêncio absoluto, a sensação de alguém me observando desapareceu.

Meu maxilar fica tenso quando me agacho ao lado do corpo.

Isso é problemático. A melhor ideia seria ir embora, mas ela é uma metamorfa. Austin e sua alcateia vão investigar e sentir meu cheiro nela.

Suspirando de frustração, me levanto e passo a mão pelos meus cabelos curtos. "Por que eu?"

É um pouco egoísta dizer isso, considerando que tem uma mulher deitada aqui que acabou de perder a vida.

Ligar para o xerife da cidade é impossível. Ele é humano. Não se pode entregar um metamorfo a um humano.

Acho que vou ter que ligar para Austin.

Resmungando baixinho, irritada com a situação e envergonhada por pensar só no meu conforto quando alguém acabou de morrer, procuro minha carteira na bolsa. Preciso procurar um pouco para encontrar o cartão de Austin.

Em dois toques, ele atende.

"Sim?" diz a voz rosnada do outro lado.

Ainda posso reconsiderar. É só ligar para o xerife.

Calando a voz dentro de mim, eu digo: "Sou eu."

Silêncio do outro lado e, em seguida, "O que aconteceu?"

Por que ele acha que eu vou ligar para ele se algo acontecer comigo? Ou eu estou pensando

demais em uma pergunta de três palavras.

"Estou na floresta e eu achei um corpo. Um de vocês. É uma mulher."

Tento manter minha voz calma, mesmo quando escuto ele ofegar.

"Onde você está?"

Compartilho minhas coordenadas e ele me diz para esperar onde estou.

A chamada termina com um clique abrupto. Fico olhando para o telefone. "Então, o que eu faço agora? Sento aqui e espero com um corpo morto sozinha?"

Infelizmente, parece que não há outra opção.

Mas isso é estranho. Metamorfos lobos geralmente andam em bandos, e os que andam sozinhos, especialmente as fêmeas mais fracas, não se afastam muito de suas tocas. Essa parte da floresta é longe demais para ela ter vindo aqui sozinha.

Ou alguém trouxe ela aqui.

"Mas quem ia querer te matar?" murmuro, sentando em um toco de árvore e olhando para ela.

A morte nunca me assustou. É uma parte inevitável da vida. Também não tenho medo de morrer. Normalmente, a reação que se tem depois de ver uma pessoa morta é medo, choro e choque. Eu não sinto nenhuma dessas emoções.

Em vez disso, estou preocupada. É um assassinato de paixão ou alguém está atacando os Outros aqui em Arrow Brooke?

Não fico sozinha com minhas reflexões por muito tempo. Em menos de trinta minutos, vejo um lobo conhecido irromper na clareira. De pelo avermelhado e maior do que eu, com olhos âmbar inteligentes, a forma de lobo de Austin é magnífica, até majestosa.

Espero ele se transformar de volta antes de me levantar. Estou surpresa por ele ter vindo sozinho. Talvez ele estivesse mais perto?

Ele passa por mim, seu corpo um borrão quando ele corre para o corpo morto. Ele suspira. "É a Marsha."

Não sei *quem* é Marsha, mas sei que ele está chateado.

Mas não *tão* chateado a ponto de não querer me interrogar.

"Por que seu cheiro está todo em cima dela?"

"Porque eu *caí* em cima dela," digo sem rodeios. "Tinha alguma coisa na floresta e eu estava tentando voltar para a trilha principal. Não a vi caída ali."

Austin me lança um olhar cortante. "Como assim? Tinha alguém aqui com você?"

"Não *comigo*," eu o corrijo. "Mas a floresta ficou muito quieta de repente, e senti como se estivesse sendo seguida."

Ao dizer essas palavras, percebo a gravidade da situação.

"Você viu quem era? Ou o que você acha que era?"

Balanço a cabeça. "Eu não vi nada, mas eu sabia."

Ele me lança um olhar incrédulo e me encara como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. "Por que você estava na floresta a essa hora da noite?"

Levanto uma sobrancelha. "Eu queria esticar as pernas, então peguei o caminho mais longo pela floresta."

"A essa hora da noite?"

Eu cerro os dentes. "Não sei se você notou, mas se eu estou acordada, estou trabalhando. Só tenho uma hora para relaxar depois do turno da noite. Então, sim, decidi dar um passeio. Na floresta. À noite. Você se importa?"

Quando ele não diz nada, sinto um aperto na boca do estômago. "Espera. Você não acha mesmo que eu tive algo a ver com isso, acha?"

A expressão em seus olhos confirma o que estou pensando.

"Você perdeu a cabeça?!"

Austin se endireita e olha para mim. "Vou te perguntar só uma vez. Você é responsável por isso?"

Meu peito pula de raiva. "Por que eu ia querer matar essa mulher?"

"Posso pensar em vários motivos," diz Austin abruptamente.

"Quais são?"

"Ela era uma das mulheres que te confrontou aquele dia."

Eu zombo. "Que jeito bonito de falar. Me confrontou? Quer dizer, me chamou de prostituta e outras coisas terríveis e me acusou de te perseguir para chamar sua atenção? É isso que você quer dizer?"

Ele só me observa, e finalmente percebo onde ele quer chegar.

Minha voz está firme. "Austin, se eu fosse do tipo que guarda rancor e começa a matar pessoas por conta de qualquer comentário desagradável, eu ia deixar um rastro enorme de corpos para trás. Vamos deixar isso bem claro. E se eu quisesse matar alguém," estalo os dedos, com os olhos frios agora, "eu transformaria seu corpo em pó."

Vejo seus olhos endurecerem e continuo. "Eu certamente não ia arrancar a garganta dela, largar na floresta e fingir que tropecei em cima por diversão. Quer dizer, você está bêbado ou coisa assim?"

Ele sibila: "Um membro da minha alcateia está morto, e você está fazendo piadas?"

"Você está me acusando de assassinato!" eu rosno. "O que você quer que eu faça? Que eu fique aqui parada e concorde com a cabeça para você finalmente ter uma desculpa para me matar? Até parece."

"Não estou procurando uma desculpa para te matar!" ele rosna. "Não sei quem colocou essa ideia na sua cabeça, mas não é o caso."

Fico ali parada, atônita com a profundidade de sua raiva.

"Não vou pedir desculpas porque toda interação que tenho com você deixa um gosto amargo na minha boca," eu finalmente digo. "Mas também não vou ficar aqui para você me acusar de ser uma assassina. Não tenho motivos para matar essa mulher."

"Ciúmes não é motivo o suficiente?" ele diz.

Posso sentir os outros lobos saindo das árvores e sei que todos são membros da alcateia dele.

"Ciúme de quê exatamente?" eu digo, meu tom duro.

Vejo a suspeita nos olhos dos lobos, e isso me irrita.

"Por que eu teria ciúmes dessa mulher? Vocês estavam namorando ou o quê?"

Espero que ele grite comigo de novo ou coisa assim. O que eu não

espero é o silêncio.

E o silêncio é um soco no peito.

Eles estavam namorando.

Sinto meu estômago revirar. Apesar de tudo, parece uma traição que nunca nem imaginei. Sinto-me arrasada. É difícil manter minha expressão calma.

"Entendi," finalmente digo, quando confio em mim mesma para falar. "Então, esse é o verdadeiro motivo." Me forçar a sorrir é como dar uma facada no meu coração. "Infelizmente, eu não sabia que você tinha uma namorada. Liguei para você por uma questão de cortesia básica – nada mais, nada menos. Entendo que você está de luto pela mulher que ama, então vou ignorar suas palavras por enquanto. Mas esse é um assunto de alcateia e sei como são essas investigações. Eu não a matei, e você pode procurar todas as pistas que provem que fui eu, mas não vai encontrá-las. *Porque eu não tive nada a ver com isso.*"

Austin parece querer responder, mas eu digo: "Eu vou para casa agora."

Quando me viro, dois metamorfos entram no meu caminho. Eu giro meu pulso, minha voz fria. "Não comecem. Vou eletrocutá-los até desmaiarem."

Deixo eles verem a faísca de eletricidade passando por meus dedos.

"Deixem ela passar," diz a voz de Austin atrás de mim, e os dois metamorfos recuam.

"Boa ideia," murmuro.

Eu me afasto, com a cabeça erguida e o coração doendo como se não houvesse amanhã.

Ele já tinha alguém que amava. Deve ser uma das razões que ele me odeia tanto.

Caminho direto para a borda da floresta, sem me desviar da trilha, me sentindo realmente vazia. Não sei por quanto tempo eu caminho, mas estou quase saindo da floresta quando escuto uma voz familiar chamar meu nome.

Olho para o lado e vejo Jerry correndo na minha direção. "Seline!"

Franzo a testa, subitamente preocupada. "O que está fazendo aqui? Você sabe se é perigoso estar aqui fora agora?"

Jerry me lança um olhar defensivo. "Não estamos atrapalhando nem nada. Só estamos olhando."

"Você devia estar em casa!" Eu o repreendo, embora não seja minha obrigação. "E quem somos nós?"

Olho por cima do ombro dele para ver o grupo de juvenis, a maioria dos quais eu já conheço.

"Juro que não vamos dar trabalho." Jerry se remexe no lugar, parecendo ansioso.

Eu suspiro. "Olha, melhor ir para casa, tudo bem? Não é... não é uma boa hora para estar aqui fora. E você não devia estar tão longe do seu território. Eu também vou para casa."

"Eu te acompanho!" Jerry está praticamente saltitando, e eu sei que ele quer saber os detalhes.

Estou prestes a dizer não quando ele diz: "Eles vão me esperar aqui e depois vamos direto para a toca."

"Olha, não é seguro..."

"Estamos em um grupo. Você está sozinha!" argumenta Jerry. "É mais perigoso para você. Todos nós vamos te acompanhar!"

O outros juvenis também já se decidiram, então acabo com uma guarda bem grande.

"Foi a Marsha, não foi?" Jerry pergunta calmamente enquanto caminhamos pela estrada. "Eu soube pela minha mãe. Ela disse que isso vai desestruturar todo o processo de candidatura."

"Como assim?" Olho para ele com curiosidade.

"Ela era uma candidata popular para ser a fêmea Alfa," Jerry me diz, esticando os braços e colocando as mãos atrás da cabeça. "Todo mundo achava isso."

Pisco para ele, parando no meio da estrada. "Achei que ela fosse a namorada do Austin."

Jerry me olha fixamente. "Não, não era! Temos sete fêmeas na disputa para ser a fêmea Alfa. A Marsha estava na liderança, de acordo com a minha mãe."

Fico olhando fixamente para a estrada, com a mente em turbilhão.

Jerry parece confundir meu silêncio com mágoa. "Não se preocupe. Nós não gostávamos dela. Nem toda a alcateia gosta desse jeito de escolher a fêmea Alfa, especialmente quando Austin já tem uma companheira destinada. E um monte dos membros da alcateia gostam muito de você, Seline, especialmente as fêmeas. Mas Austin tem de fazer o que os anciãos da alcateia querem."

"Sim," diz Lou. "Eles que estão no comando de verdade. Mais ou menos."

"Não completamente," argumenta outro jovem.

"Ah, qual é," diz Lou. "Os anciãos da alcateia que mandam em tudo."

"Sim, mas quando Austin tiver uma companheira, eles vão ter que maneirar, certo?"

Escuto sons de descrença, e eu me pergunto como a política da alcateia deles deve ser complicada se até os juvenis falam desse jeito. Sei que se uma alcateia começa a brigar internamente, as coisas só podem piorar.

Os jovens continuam conversando entre si até chegarmos ao meu complexo de apartamentos.

"Quando chegar em casa, mande uma mensagem," digo com firmeza.

Eles concordam com a cabeça, acenando para mim antes de correr de volta para a floresta.

Depois que eles saem, eu entro em casa. Minha mente está confusa, com tantos pensamentos correndo em círculos que tento esvaziá-la.

Ao vestir uma camiseta folgada, sinto algo me incomodar no pescoço. É um distúrbio mágico, uma sensação parecida de quando Austin invadiu meu território.

Olho pela janela quase instintivamente e vejo um lobo cinza parado no meio da rua, me observando.

Não é o Austin.

Ele tem um ar ameaçador que me faz querer trancar minhas portas de novo, por mais inútil que isso seja. Mas são os olhos dele que realmente me incomodam.

Ele tem olhos mortos.

Os olhos de uma alma que se foi faz muito tempo.

Capítulo 14

Seline

O lobo não está lá na manhã seguinte, mas ainda me sinto inquieta.

Quando estou trancando meu apartamento para sair, vejo a porta da Lacy aberta. Animada e um pouco assustada, ela chama: "Ei! Você viu o quadro de notícias no saguão?!"

"O quê?" Giro a chave antes de tirá-la da fechadura. "Por quê?"

"Frank se foi!"

Eu congelo. "Se foi tipo 'morreu', ou se foi tipo, 'saiu de férias'?"

Lacy está praticamente pulando de felicidade. "Um homem apareceu na casa dele uns dias atrás, e Harry ouviu gritos e berros. Aí ontem apareceu um aviso de que o sobrinho de Frank vai assumir o prédio. Ele é o novo síndico. Frank se foi de vez. Ele fez as malas e foi embora."

Vou dizer que não sinto pena. Frank merecia. Mas estou surpresa que uma coisa dessas aconteceu e eu nem escutei os sons de gritos. Minha audição é muito boa.

"Bem, e já foi tarde também." Eu faço uma careta. "Ele era um pé no saco. Você já conheceu o novo proprietário?"

"Ah, ele é um amor," diz Lacy com entusiasmo. "Mas disse que é só o síndico. Frank vendeu o prédio. Ezar – ele é o sobrinho – disse que ainda não conheceu o novo dono."

Enquanto saímos pela porta, escuto Lacy falar sem parar sobre como Ezar é bonito e atencioso.

"Desde que ele não dê cima das mulheres do prédio, não me importo se esse Ezar é um troll com três olhos," digo quando nos separamos no final da rua.

Eu a vejo acenar para mim e correr para o ponto de ônibus antes de me dirigir ao Benny's.

Tenho muito em que pensar hoje. Uma loba morta de uma alcateia que acabou de se mudar para cá não é bom sinal. E estar no centro dessa situação é problemático.

O dia todo, meus pensamentos se voltam para Marsha. *Por que ela foi o alvo? Por que alguém ia atacar e matar uma metamorfa?*

O que mais me incomoda é Austin não ter encontrado nenhum outro cheiro nela além do meu. Isso não é um pouco conveniente demais?

A situação piora quando chego ao meu trabalho da tarde. O número de Outros me deixa tensa. Não é normal. E o jeito como eles ficam olhando para mim me deixa nervosa.

O assassinato de ontem ficou na minha cabeça. Tenho um mau pressentimento. As três metamorfos também estão agindo de forma reservada comigo.

Fico cada vez mais ansiosa ao longo da noite. Gina e Marie já chegaram para seus turnos, e os clientes humanos diminuíram. De novo, noto os olhares estranhos e os sussurros que não param.

Mais ou menos uma hora se passa antes de eu confrontar um dos frequentadores do bar. "Hank, você sabe o que está acontecendo? Por que está todo mundo me encarando?"

Hank se remexe em seu assento. "Espera, você não sabe?"

"Claro que não!" Eu me sinto irritada. "Não consigo me livrar desses olhares e sussurros desde de manhã."

Ele abaixa a voz, sempre ansioso para compartilhar as fofocas locais. "É um boato que está circulando por aí que uma loba de uma das novas alcateias foi encontrada morta e que você está por trás da morte dela. Não que eu acredite nisso."

"É claro que não," resmungo, sentindo uma onda de pânico e raiva.

Por que todos estão apontando para mim? Por que eu mataria a Marsha?

"Ei, Shola!" Paro um dos juvenis que passa correndo por mim em direção a uma mesa. "O que você sabe sobre esse boato a meu respeito?"

A essa altura, nem me importo de como estou sendo brusca.

Shola congela no lugar e parece desconfortável. "Nós dissemos que não é verdade."

"Quem começou os boatos? Austin tem algo a ver com isso?"

Os olhos dele se arregalam. "Austin? Não!" Ele agita as mãos em pânico. "Não foi ele! Ele nunca faria algo assim! Foi..." Posso ver seu desconforto aumentar. "Foi uma das fêmeas da alcateia. A Raven, para ser mais preciso."

Eu me lembro do nome. "Raven? Por que ela...?"

Shola parece culpado. "Bem, ela é uma das candidatas de que falamos ontem à noite e ela te odeia. Odeia de verdade, para valer. E quando todo mundo descobriu que era a Marsha, ela começou a dizer que devia ter sido você porque você estava com ciúmes."

Minha mandíbula se contrai. "E eles acreditam nela? Sua alcateia—"

"Nem todo mundo." Shola faz mais gestos com as mãos. "Como eu disse, muita gente da alcateia gosta de você, especialmente as fêmeas. E nós também. Austin repreendeu Raven, mas você sabe como é quando a notícia se espalha."

Eu sei. E isso não é nada bom.

Infelizmente, não há como provar minha inocência até a investigação da alcateia ser concluída, mas posso ver os juvenis tentando calar os fofoqueiros no bar.

É difícil terminar meu turno com todos os olhares de julgamento sobre mim. Com a minha ansiedade crescente, acabo errando alguns pedidos. Esse lugar devia ser meu lar, meu santuário.

Por que tudo está dando tão errado?

Sinto-me como se tivesse voltado no tempo, uma criança aterrorizada cercada de olhares acusadores. Gina e Marie parecem preocupadas, mas não tem muito o que fazer.

Por que essas pessoas acham que eu tenho algo a ver com isso? Como posso provar minha inocência?

Estou com dor de cabeça quando chega meu intervalo e vou para o beco dos fundos fumar. É um hábito que estou tentando largar, menos por motivos de saúde e mais porque é caro.

Mal soltei uma baforada quando alguém se aproxima na escuridão

do beco. Flexiono os dedos, e o crepitar da eletricidade é um aviso alto.

"Sou eu."

Abaixo minha mão ao ouvir a voz de Austin, irritada. "Ah, simplesmente fantástico. Como se meu dia já não estivesse ruim o suficiente. O que você quer agora?"

"Se você guardar suas garras, podemos ter uma conversa normal." Austin entra debaixo das luzes.

"Nunca é uma conversa normal com você." Solto outra baforada, cansada. "Então, qual é a de hoje? Um lembrete de como sou inútil? Ou talvez você queira me apresentar todas as fêmeas que estão fazendo fila para ser sua companheira?" Meu tom agora é de zombaria. "Ou espera... talvez seja para me chamar de prostituta, que é seu passatempo favorito."

Austin se retrai com minhas palavras. "Não estou... quero discutir uma questão com você."

"Aham, claro." Eu me sento na beirada do banco, olhando para ele. "Eu te dei suas opções de sempre. Até me sentei para escutar direitinho. Está vendo?"

Fico feliz de ver a frustração em seu rosto. "Se você já acabou de ser sarcástica, agora podemos conversar?"

Solto mais duas baforadas antes de dar de ombros.

"Preciso da sua ajuda."

Eu caio na gargalhada. É um riso profundo, de doer a barriga, mas não há nada de engraçado nele. É cheio de exaustão, preocupação e medo. Depois de alguns minutos, enxugo meus olhos. "Não, não, sério. Chega de brincar. O que você quer?"

"Eu não estava brincando," diz ele com rigidez.

"Você quer a ajuda de uma híbrida inútil?" Isso é morbidamente divertido. "E com o quê?"

Seu maxilar está tenso. "Eu sei que você está sendo incriminada."

Eu fico quieta, e todo o riso desaparece de mim. "O quê?"

Ele respira fundo antes de dizer: "Você vai querer limpar seu nome."

E eu quero encontrar o assassino."

Solto mais uma tragada de fumaça antes de soltá-la, apreciando a irritação em seu olhar. "Ainda não entendi a parte em que você precisa da minha ajuda."

"Você é parte mago."

"E tem muitos magos na cidade, caso você não tenha notado," eu digo.

Ele hesita. "Eles se recusaram a ajudar."

Minha cabeça se inclina em confusão. "O quê? Os magos são famosos por aceitarem dinheiro por seus serviços. É por isso que a Torre Mágica está de pé como está."

"Bem, eles não querem *me* ajudar." Austin faz uma careta.

Eu faço outra. "Nossa, você deve ter sido irritante." Olho para ele, satisfeita por alguém estar fazendo ele sofrer. "Como sua vida é dura."

"*Seline*." Sua voz é seca.

Não consigo controlar minha reação à voz dele rosnando meu nome. Sinto meu abdome se retorcer de fome, e é preciso muito esforço para ignorá-lo.

"O quê?" Também tenho que ignorar que ele pode sentir o cheiro da minha reação.

Seus olhos brilham com uma emoção que me recuso a identificar. Sua voz é baixa. "Preciso de sua ajuda para investigar o assassinato."

"Por que não pede ajuda para sua alcateia?" eu exijo, não querendo cooperar com ele.

Quando ele não responde, levanto as sobrancelhas e me dou conta do que está acontecendo. "Você não confia neles."

"Marsha não era estúpida," diz Austin abruptamente. "Ela podia ser irresponsável às vezes, mas não a ponto de seguir um estranho, especialmente você, para dentro da floresta e longe do nosso território."

Eu me encolho, tentando engolir a dor. "Você devia gostar muito dela. Mas também, ouvi dizer que ela era uma candidata popular para ser sua companheira. Sinto muito por sua perda."

Dói dizer isso. Ele pode ser completamente insensível no que me diz respeito, mas não sou imune à sua dor.

Ele hesita, essa última parte uma óbvia surpresa. "Obrigado."

"Infelizmente," digo ao me levantar, "não quero te ajudar. Já estou envolvida demais com sua alcateia."

Austin bloqueia meu caminho. "Do jeito que as coisas estão indo, você vai ser acusada."

"E daí?" Eu o encaro. "Eu já expliquei por que meu cheiro estava nela. Só porque você não tem outras pistas, não significa que vou ser punida. E só para você saber, estou sob a proteção do prefeito da cidade. Você já o conheceu, não é? Não tente se meter com ele."

"Por mais que eu concorde, o caçador da alcateia não funciona assim," Austin diz calmamente. "Ele faz parte da minha alcateia, mas em situações como essa, não posso controlá-lo. Só os anciãos tem o mínimo de controle e, se as coisas continuarem como estão, ele vai vir atrás de você e ninguém vai conseguir detê-lo."

Fico olhando para ele, um calafrio correndo pela espinha.

Eu sei como caçadores funcionam.

Algo me ocorre, uma sensação estranha e insistente. "Como ele se parece?" Quando Austin abre a boca, eu acrescento: "Em sua forma de lobo."

Ele franze a testa. "Pelo cinza."

"Ele é o único na sua alcateia com essa coloração?"

"Sim."

"Não é um pouco cedo para ele estar rondando meu apartamento, então?"

Austin fica paralisado. "O quê?"

"Ele estava do lado de fora do meu apartamento ontem à noite, me observando do meio da rua," digo com firmeza.

Austin parece irritado. "Por que você não me ligou?"

Fico olhando para ele. "E dizer o quê? Se ele tentasse entrar no meu apartamento, eu o teria fritado."

Pareço um pouco arrogante demais. Com o declínio rápido da minha saúde, o máximo que posso fazer é dar um choque leve.

"Duvido que até você seria capaz de enfrentar o caçador da alcateia sozinha," diz Austin, com a voz sombria. "E não seja estúpida o suficiente para tentar."

É claro que não.

"Ainda não entendo por que você está tentando limpar meu nome." Luto contra a vontade de pegar outro cigarro. "Não posso garantir que eu vou ser útil em uma investigação de assassinato."

"Não me leve a mal," diz ele de repente. "Não me importo em ajudar você. Só não quero que minha alcateia seja expulsa da cidade pelo prefeito, porque isso é o mínimo que ele vai fazer."

Por que ela tenta deliberadamente me magoar toda vez que fala comigo?

Minha risada sai um pouco triste. Eu me pergunto quando vou me acostumar com as farpas cruéis de Austin. "Bem, é uma bela motivação, pelo menos. Mas você também deve estar desesperado para descobrir quem matou Marsha. Visto que ela estava na liderança para se tornar sua companheira."

Austin zomba de mim. "Não se faça de insultada quando está bajulando outro Alfa. A propósito, como vai o Loyd?"

Sinto uma explosão de raiva. "Eu sabia. Eu sabia que você ia dar um jeito ou outro de ser condescendente. Você é muito bom nisso. Eu me pergunto qual deus nesse universo achou que eu merecia ficar presa a alguém tão cruel como você? Mas antes de me marcar como a prostituta da cidade, eu não vejo o Loyd desde aquela noite. Sabe, ao contrário de você, eu não saio por aí escolhendo quem eu quiser. E estou ocupada demais para abrir as pernas por aí, como você e sua alcateia adoram insinuar. Mas estou achando que eu devia tentar. Se você quer me acusar, o mínimo que posso fazer é justificar essas acusações."

Austin fica pálido com minhas palavras, mas não espero por uma resposta, dou meia-volta e saio.

Dentro do prédio, fecho a porta e me encosto nela, tentando regular minha respiração.

Isso dói pra caramba. Talvez o caçador me faça um favor e se livre de mim.

Suspirando, deslizo para o chão, cobrindo o rosto com as mãos,

forçando as lágrimas a voltarem aos meus olhos.

"Seline?"

Olho para cima e vejo Jerry me observando da porta, com o rosto branco. "Você está bem?"

"Sim." Afundo meus dentes no meu lábio inferior. "Sim, estou bem. Por que não me dá alguns minutos?"

Mas ele se demora. "Você estava com Austin, não estava?"

"Não... sim... é melhor você ir, Jerry. Eu já saio em um minuto."

Percebo que ele não quer ir embora, mas me dá privacidade. Depois de um momento, fungo e lavo o rosto no banheiro anexo. Minha mão acabou de tocar a maçaneta quando sou tomada por uma onda de náusea.

Minha visão se desvanece, eu caio no chão, e tudo fica escuro.

Capítulo 15

Seline

É Gina quem me encontra coberta de vômito e sangue.

"Seline!" Alarme e medo se misturam em sua voz quando ela entra correndo para me ajudar a levantar. Consigo me sentar, confusa, com algo martelando em minha cabeça.

Toda a fraqueza que desapareceu após as poções do Sam – está de volta. Mal consigo levantar a cabeça. Sinto que todo o meu corpo está se desligando e, pela primeira vez, nem me importo.

Quando foi que minha vida se tornou tão miserável a ponto da morte ser atraente?

"O que aconteceu?!" Gina me apoia contra a parede, pegando e umedecendo uma toalha para limpar meu rosto.

"Caí," consigo balbuciar, mas Gina me lança um olhar incrédulo.

"Eu não nasci ontem, Seline. Tem algo muito errado com você, e já faz tempo." Sua mão é gentil quando ela limpa o sangue e o vômito do meu rosto e pescoço. Fecho os olhos, sentindo alívio com o toque da toalha fria.

"Você já foi a um curandeiro?" Sua voz é aguda.

"N-não tenho dinheiro," digo roucamente.

"O diabo é que não tem!" Gina se levanta para lavar a toalha e a molha novamente.

Eu pego a mão dela. "Estou falando sério, Gina. Não tenho tanto dinheiro assim. Ou qualquer dinheiro, na verdade."

"Bem, você não precisa de dinheiro." Gina abaixa a cabeça, seus olhos ardem ferozmente. "Conheço alguém que não vai te cobrar um centavo."

"Gina..."

Gina aperta minha mão. "Você me acolheu e me deu um emprego quando eu não tinha nada, Seline! O mínimo que eu posso fazer é te levar a um curandeiro!"

"G—"

"Por que é tão difícil para você deixar alguém entrar?" ela diz de repente. Meus olhos se arregalam.

"O quê?", eu gaguejo.

"Você age como se ninguém se importasse com você e você tivesse que passar pela vida sozinha, quando isso simplesmente não é verdade! Eu estou aqui! Marie está aqui! Queremos te ajudar! Por que não pode se apoiar em nós de vez em quando?"

Ela parece genuinamente chateada. Sinto uma pontada de culpa, apesar de toda fraqueza. "Eu sinto muito..."

Ela limpa os olhos. "Ah, cale a boca. Vamos lá. Vou te ajudar a se levantar."

Para onde estamos indo?

Mas não tenho forças para perguntar.

*** **

A curandeira que Gina escolheu é dona de uma pequena clínica pela qual passo com frequência no caminho para o trabalho. Nunca entrei nela, porque sei que as taxas costumam ser exorbitantes.

Somos conduzidas a uma pequena sala nos fundos do prédio por uma mulher de trinta e poucos anos, de olhos arregalados. Sinto o formigamento de sua magia de cura em mim e me arrepio, meu corpo doendo como o inferno.

Meus olhos se fecham depois de alguns minutos, e Gina segura minha mão, com pânico na voz. "Fique acordada."

"Não vou morrer se cochilar," digo fracamente.

"Não," a curandeira interrompe, balançando a cabeça. "Mas é um milagre que você esteja viva agora."

"O quê?" eu digo enquanto Gina me ajuda a sentar.

A curandeira parece pensativa. "É muito raro uma híbrida como você encontrar um companheiro destinado. Na comunidade dos metamorfos, normalmente não é uma boa ideia rejeitar um companheiro. Não é por ser um tabu, mas porque pode ter efeitos adversos para todas as partes. Normalmente os efeitos desaparecem depois de alguns meses."

"Então, por que eles não..."

"Porque você é uma híbrida," a curandeira me diz sem rodeios. "E a rejeição parece estar te matando."

Solto uma risada trêmula. "Como é que... como é que você vai inventar..."

"Seu corpo está se despedaçando." A curandeira se senta atrás de sua mesa. "Isso é comum em híbridos. Se você não receber a marca de acasalamento, você vai morrer."

Fico olhando para ela, atônita.

"Você devia dizer para o seu companheiro—"

"Ele não vai me marcar," murmuro. "Ele prefere muito mais que eu morra."

Os olhos da curandeira se suavizam. "Sinto muito."

Ainda estou tentando digerir essa notícia. "Eu..." Olho para ela. "Quanto tempo eu tenho?"

A curandeira seleciona alguns frascos pequenos de poções. "Se você consumir essas poções todos os dias, até um ano. Não é uma solução permanente, infelizmente. As ervas que elas contêm podem ser bastante tóxicas se tomadas por um longo período de tempo."

Nem me dou ao trabalho de perguntar como isso vai me afetar.

Um ano. Um ano é um tempo muito longo. E curto.

Sinto-me insensível, como se fosse uma terceira pessoa nessa sala, escutando o diagnóstico de outra mulher.

Posso ouvir Gina soluçando baixinho enquanto olho para minhas mãos. Posso ouvir a curandeira falando comigo, mas não consigo discernir suas palavras.

Um ano.

Depois de tudo o que passei, sempre pensei – e parte de mim esperava – que em algum lugar, um final feliz estava esperando por mim. Mas a morte depois de toda essa dor e sofrimento constante? Uma morte dolorosa, ainda por cima?

Tenho vontade de rir. Quero arrancar meus cabelos e gritar com a injustiça de tudo isso.

Qual era o objetivo dessa vida?

*** **

Gina me leva para casa.

"Se você contar para o Austin..." ela começa.

"Ele não me quer, Gina." Enrolo as mãos na minha xícara de chá. "As coisas vis que ele me disse, o jeito como me rebaixa, meu status de híbrida é uma mancha para honra dele. Se ele pudesse, aposto qualquer coisa que me estrangularia com as próprias mãos."

"Talvez você esteja—"

"Não diga que eu posso estar errada!" Levanto a cabeça para fitá-la, subitamente enfurecida. "O homem me tratou como lixo desde o primeiro dia! Ah, Deus." Minha raiva se esvai assim que surge, a exaustão me preenchendo. "Estou tão cansada de tudo isso."

"Seline." A voz de Gina é suave.

"Você sabe o que eu quero fazer agora?" eu digo. "Quero empacotar tudo e sair dessa cidade esquecida por Deus. Quero ir para um lugar bem distante. Quero ir a todos os lugares que sempre quis visitar. Quero viver a vida do meu jeito enquanto ainda posso. Longe de todos que querem me usar, me humilhar e me machucar o tempo todo."

Só de pensar em morrer nessa cidade, onde só uma ou duas pessoas se importam, me sinto sufocada.

"Quero viver nos meus termos e morrer nos meus termos."

"Então você devia ir." Gina se levanta de repente. "Você merece tudo isso."

Olho para ela e me pergunto se eu devia mesmo partir. Não quero ficar aqui e ser constantemente lembrada de tudo o que está errado na minha vida.

Gina tenta sorrir. "Além disso, com todas as mortes repentinas acontecendo, Arrow Brooke não é mais tão segura, não é?"

Fico olhando para ela. "Teve mais de uma morte?"

"Você não ouviu?" Ela parece surpresa. "Você conhece aquele escritório de consultoria financeira perto do sul da cidade, aquele que é administrado por vampiros?"

Eu me enrijeço.

É o negócio de agiotagem do Jamie.

"O que tem ele?" pergunto lentamente.

"Bem, seis de seus homens foram encontrados mortos em suas casas há dois dias. Eles estavam gravemente feridos e pelo jeito tiveram uma morte dolorosa. Mas os vizinhos juraram que não ouviram nada."

O ar fica preso na minha garganta.

Seis dos homens de Jamie morreram?

Não é fácil matar um vampiro, muito menos seis.

"Algo está se escondendo nessa cidade," murmurou Gina, inquieta. "Uma metamorfa e seis vampiros. Alguém está caçando nossa espécie?"

Não sei o que dizer, mas isso não é nada bom. O Sr. Hamrington deve estar furioso.

"Você não acha que é um caçador, acha?" Gina está pálida enquanto olha para mim.

Eu zombo. "Isso é só uma lenda. O bicho-papão que os pais usam para colocar os filhos na linha."

Mas me assusta o fato de ter alguém por aí, matando Outros com tanta facilidade.

"Talvez seja melhor você sair da cidade," murmura Gina. "Se essas mortes continuarem acontecendo, talvez eu também vá embora."

Acabo concordando em silêncio.

*** **

Meu diagnóstico me deixa atordoada nos dois dias seguintes. Quase não percebo nada, minha mente vagando.

Envio uma mensagem para minha mãe, com parte de mim esperando que ela vai perceber a gravidade da situação e finalmente

olhar para mim. Mas ela vê a mensagem e não responde.

Não sei por que eu esperava mais dela.

Mas aquela criança pequena dentro de mim continua esperando por mais, dizendo que ela vai mudar de ideia.

O que me tira desse transe é quando vejo um vampiro esperando por mim no bar uma semana depois. Não o reconheço até ele me dizer que Jamie o enviou e me entregar um papel. É outro empréstimo que minha mãe fez.

Não sinto nada, mas quando meus olhos se voltam para a data, vejo que é o dia seguinte à mensagem que enviei, dizendo que tenho um ano de vida. Sinto repulsa e raiva quando vejo a enorme quantia que ela retirou. O raciocínio óbvio é uma constatação doentia.

Ela quer usar esse último ano da minha vida para extrair o máximo possível de mim.

Com a morte pairando sobre minha cabeça, finalmente abandono a culpa e olho para o papel, com os olhos mais claros do que nunca.

"Eu não vou pagar por isso," eu digo enquanto devolvo a nota. "Na verdade, diga à Jamie que, como ela fez os empréstimos anteriores, ela mesma pode pagar por todos eles. *Eu desisto.*"

O vampiro me estuda. "Não é assim que funciona. Você é a fiadora..."

"Você deve ser novo por aqui," eu o interrompo rudemente. "Volte e dê o meu recado para o Jamie. Ele me deve, e foi isso que ele me ofereceu. Se eu quiser desistir de pagar os empréstimos, ele vai me liberar e falar diretamente com a minha mãe. Diga para ele que eu estou cobrando meu favor."

O vampiro me encara antes de colocar o papel de volta no bolso do paletó. "Tudo bem, então."

Eu o assisto sair, e essa é a sensação mais libertadora que já tive. Não tem culpa dentro de mim. Não tem nada.

Anos de dor e tormento nas mãos dela, todo aquele abuso cruel que sofri quando era só uma criança – sempre senti que era minha culpa. Mas agora sinto raiva de cada momento de dor que tive de sofrer nas mãos dela. Se ela não me queria, devia ter me jogado fora ou me dado para alguém que se importasse comigo.

Viro as costas para a porta e volto ao trabalho.

Deixe ela cuidar dos próprios problemas de agora em diante.

Ao longo da noite, percebo uma sensação inquieta dos juvenis. Jerry não para de olhar para mim.

Mais tarde, Marie me conta o que aconteceu. "Ele viu a Gina te levar na curandeira outro dia. E estão todos muito quietos desde então."

Quando ela sai, considero suas palavras. Não sou idiota. Sei que os meninos se afeioaram a mim. Não é uma situação ideal, mas também gosto muito deles. Mas não sei como explicar o que aconteceu.

Quando estou atendendo os clientes, sinto um cheiro familiar. Minha cabeça se levanta e vejo Austin entrar. Ele me olha nos olhos e meu corpo reage quase que instantaneamente. Cerro os dentes, me controlando.

Volto minha atenção para os outros clientes e, quando escuto o barulho de uma cadeira, sei que ele se sentou no bar.

"O que você quer?" minha pergunta é aberta e ele é livre para interpretá-la como quiser.

"Uma cerveja da casa." Sua voz é suave.

Sirvo a bebida antes de deslizá-la em sua direção. Estou prestes a me afastar, certa de que ele não vai fazer nada, já que tantos membros de sua alcateia estão presentes. Mas me enganei, porque ele agarra meu pulso. "Vamos conversar."

Olho fixamente para sua mão, mantendo meu tom agradável. "Se não quiser que eu faça uma cena, é melhor tirar sua mão."

Ele me observa como se estivesse avaliando a probabilidade de isso acontecer.

"Você acha que estou brincando?" Eu olho para ele, permitindo que ele veja o vazio dentro de mim. Coloco minha outra mão no balcão e deixo minha magia fluir.

O chão começa a tremer e escuto os clientes gritarem, alarmados. Os olhos de Austin se arregalam. Ele me solta imediatamente.

Não desvio os olhos enquanto eu digo com doçura: "Não se preocupe, pessoal. Foi só um terremoto. Está tudo bem."

"Você não precisava reagir assim," diz Austin com rigidez.

Eu lanço um olhar frio. "E você não precisava me tocar."

Olhar para ele me enfurece. Faz-me lembrar de cada pedaço de esperança destruída pela qual ele é responsável. Me faz lembrar que estou morrendo *por causa dele*.

"Não entendo por que você vem aqui quando vive me dizendo que não quer nada comigo," sibilo para ele com veneno.

Austin parece surpreso com minha raiva repentina. "Eu já te disse antes. Não fiquei pensando—"

"Pode deixar," rosno, "não penso. Não tenho nenhuma esperança com você. Na verdade, estar presa a você é meu maior arrependimento. Se eu pudesse abrir meu peito e arrancar esse vínculo de lá, eu o faria em um piscar de olhos. Mas não posso. Então, tenho que viver com isso."

Seu rosto chocado é como um bálsamo para meu coração ferido.

"Eu sei que você adora me dizer como sou inútil, mas aposto que nunca se perguntou como eu penso em você." Eu me inclino para mais perto dele, mostrando os dentes, com ódio em meu coração. "Então, pare de me tocar. Pare de falar comigo. *Só pare*. Eu não consigo nem suportar sua existência, Austin."

A maneira como ele me encara, como se nunca tivesse pensado que eu desprezaria *ele*, é a visão mais satisfatória do mundo.

Ele abre a boca e eu digo com frieza: "É melhor você ir. Você já deu um show suficiente para sua alcateia."

Eu o vejo olhar em volta e sua expressão se enrijece. "Você concordou em ajudar. O caçador—"

"Se o caçador da sua alcateia decidir me matar, talvez seja um favor a essa altura." Minhas palavras são duras. "Desde o momento em que você entrou nessa cidade, tudo o que você fez foi me lançar insultos atrás de insultos, sabe-se lá por que. Você me rejeitou. Eu entendi. Mas você podia ter sido civilizado. Foi você quem escolheu tornar minha vida um inferno, Austin. Então, eu não quero te ajudar. Não mereço o que quer que você esteja fazendo comigo. E, com certeza, não mereço nada disso."

Eu me afasto, sem dar a chance de ele responder.

Quando olho para trás cinco minutos depois, ele já não está mais lá.

Capítulo 16

Seline

Nos dias seguintes, sabendo que cada momento de minha vida agora é finito, procuro o prefeito.

"Um aviso prévio de três meses?" O prefeito Hamrington parece descontente.

"Não quero mais ficar aqui." Olho em volta de seu luxuoso escritório.

"Se for sobre seu salário, posso aumentá-lo."

"Não é nada disso," eu lhe asseguro, mas ele não está satisfeito.

"Seline, com tudo o que está acontecendo, preciso de você agora mais do que nunca. O bar—"

"O senhor pode encontrar outra pessoa para ser seus olhos e ouvidos," digo com leveza. "O senhor me ajudou muito, prefeito, e é por isso que estou disposta a dar um aviso prévio de três meses."

Além disso, preciso economizar um pouco.

Com o novo proprietário, o aluguel baixou, para surpresa de todos. O prédio também está sendo reformado, o que teria sido bom se eu ainda fosse morar lá.

O prefeito me lança um olhar irritado. "Você gosta de me deixar na mão, não é? Sem vergonha alguma?"

Eu apenas sorrio para ele.

Ele suspira. "Acho que pedir para você ficar é um pouco egoísta da minha parte."

Com a mão em uma das gavetas, ele tira um talão de cheques. Ele rabisca algo nele antes de deslizá-lo para mim. Eu o pego e, quando

veja a quantia, meus olhos se arregalam como pratos.

"Com essa quantia, você deve poder se mudar e viver sem trabalhar por um ano," diz ele.

"O quê?"

Sua voz está calma agora. "Eu sei o que acontece nessa cidade, Seline."

Fico pálida.

"Se eu soubesse de alguma maneira de te salvar, eu te diria." Ele nunca falou tão gentilmente comigo antes. "Infelizmente, não tenho como influenciar sua situação."

Meus olhos lacrimejam. "O senhor está me fazendo um favor enorme."

Ele limpa a garganta. "Sim, bem, eu valorizo bons funcionários, e você foi cem por cento consistente. E tenho que admitir que passei a gostar bastante de você."

Quando saio, me apoio no prédio da prefeitura e fecho os olhos. Sempre pensei que não tinha ninguém ao meu lado, mas talvez fossem minhas inseguranças que não me permitiam ver todas as pessoas que se preocupam tanto comigo. Gina, Marie, Lacy, o prefeito.

Meu coração dói, mas com esse único cheque, o prefeito acabou com minha preocupação com minhas economias. Meus lábios se curvam suavemente.

Esse ano pode não ser tão ruim quanto eu pensei.

*** **

Gina e Marie ficam desoladas quando descobrem que estou indo embora. Mas o trabalho tem que continuar. E com o trabalho, não falta o caos.

Meu surto dramático de dois dias atrás volta para me assombrar quando um lobo metamorfo mais velho me aborda no começo do turno.

"Você é Seline?" exige o velho enrugado.

Seu tom já está beirando a grosseria, então eu o examino com cautela. "Talvez."

"Eu sou Daston Hallow," diz ele, conciso. "Mas certamente não preciso me apresentar."

Continuo limpando o balcão. "Desculpe, mas você meio que precisa. Não te conheço."

"Sou um dos anciãos da alcateia de Stone Creek."

Suspiro com irritação e uma pontada de raiva. "É claro que é." Jogo o pano de lado. "E o que posso *fazer* por você, Daston, neste belo dia?"

Seus olhos se estreitam com o flagrante desrespeito. "Você pode começar deixando minha alcateia em paz."

Eu pisco para ele antes de cair em uma gargalhada que beira a histeria. "Você não pode estar falando sério, porra."

Ele se irrita. "Cuidado—"

Já estou farta dessa atitude. "Escuta, vocês querem que eu faça um cartaz ou coisa assim? Não gosto de ser perseguida pela sua alcateia com avisos para ficar longe. Nunca procurei nenhum de vocês. E—"

"Me poupe," diz Daston abruptamente. "Suas desculpas constantes para interagir com nossos juvenis e incentivar as fêmeas a procurar empregos externos já são suficientes. Sei que está tentando se infiltrar na alcateia e não vou tolerar isso. O lugar dessas fêmeas é em casa, então pare de encher a cabeça delas com suas bobagens—"

"Eu não—"

"Você acha que a aprovação delas vai mudar a opinião de Austin sobre você?" ele zomba, me interrompendo. "Você? Uma meio-sangue de baixo nível, sem nada para contribuir com a nossa alcateia? Você mora em um apartamento decadente com tantas dívidas em seu nome que chega a ser constrangedor. Sua alcateia te rejeitou porque sabia que você era um desperdício de ar. Sua própria mãe quer te ver morta. Você arruinou vidas coletivas desde o momento em que nasceu, e acha que vai trazer tudo isso para a minha alcateia?"

O sangue escorre do meu rosto enquanto eu o encaro. "Como você sabe de todas essas coisas? Você mandou me investigar?!" Sinto-me completamente nua. Essa violação de minha privacidade é mais do que humilhante. "Como você se atreve—"

"Ainda nem comecei a te contar as coisas que descobri sobre você." Daston me lança um olhar triunfante. "E se eu levar todas essas

descobertas para Austin... se ele te detesta agora, não vai querer nem cuspir em você. Você é tão baixa assim."

Meu peito se agita de raiva com suas palavras.

Ele continua, sabendo claramente que acertou onde dói. "Então, deixe eu ser bem claro. Nunca vamos aceitar lixo como você na nossa alcateia. E se continuar insistindo, vou te fazer sofrer de maneiras inimagináveis."

A raiva ferve dentro de mim. Quero pular o balcão, agarrar o homem pelos cabelos grisalhos e arremessar seu rosto contra as facas e garfos ao meu lado.

Mas engulo minha raiva e uso o meu olhar mais duro. "Bem, para sua sorte, seu precioso Alfa e sua alcateia estão a salvo de mim. Já estou saindo da cidade, então não precisa se preocupar comigo."

Vejo a expressão presunçosa nos olhos de Daston e tenho vontade de quebrar sua mandíbula.

"É bom saber que você percebeu como é inútil tentar infiltrar nossa alcateia. Não queremos nos relacionar com sua espécie—"

"Seline," a voz de Sam interrompe. "Como está minha garota favorita?"

Sinto minha tensão se esvaír ao ouvir a voz de Sam, e mais ainda quando olho para ele e vejo a raiva de aço em seu olhar quando ele se senta. Ele vira o assento para Daston, e vejo o homem se encolher diante das ondas de poder que emanam de Sam.

"Eu não sabia que você se dava tão bem com a ralé local, Seline," diz Sam.

Meus lábios se contraem quando o rosto de Daston fica vermelho. "Escute aqui, mocinho—"

O ancião se cala de repente, o rosto pálido quando Sam olha para ele. Não é difícil ver como Sam o intimida. Nunca pensei que fosse gostar tanto desse mago, mas o homem se tornou minha rocha desde que o conheci.

"Acho melhor você ir embora," sugiro friamente a Daston. "Na verdade, acho melhor nunca mais entrar neste bar."

"Você não pode me banir!" Daston volta sua raiva para mim. Antes que eu possa retrucar, Sam se intromete, a voz ameaçadora.

"Acho que ela pode. Na verdade, por que não tiro o lixo para você, Seline?"

A ameaça é suficiente para Daston sair correndo.

Eu o assisto sair sem cerimônia, segurando meu riso. "Meu Deus, que sensação boa. Obrigada..."

Minhas palavras se perdem quando vejo Sam franzindo a testa na minha direção.

"O quê?" pergunto na defensiva.

"Por que você deixa eles te tratarem assim?" Ele parece irritado ao se sentar de novo. "Suas habilidades de mago estão quase no mesmo nível de um mago completo. Coloque essas criaturas em seus devidos lugares."

É estranho ver o Sam, normalmente gentil, tão furioso. Eu o encaro, surpresa, antes de limpar minha garganta. "Eles não valem a pena."

Não faz sentido dizer que minhas habilidades estão diminuindo desde que Austin me rejeitou. Parece que meu lobo não foi o único a ser afetado.

"Você disse que vai embora?" Ele rapidamente muda de assunto.

Por um momento, acho que vejo agitação em seus olhos. Mas o momento passa, e eu me convenço de que estou imaginando coisas.

"Sim. Eu entreguei meu aviso prévio de três meses."

Ele fica em silêncio por um momento, depois pergunta: "Então, para onde você vai?"

Dou de ombros. "Eu sempre quis viajar pelo mundo, mas acho que não tenho tanto dinheiro. Por isso, vou tentar a segunda melhor opção. Vou encontrar uma casa no lago e alugá-la por um ano para aproveitar um pouco de paz e tranquilidade."

Deus sabe que eu preciso disso.

"Você não é jovem demais para querer paz e tranquilidade?" Sam me observa atentamente.

Eu rio, entregando o cardápio do jantar. "Depois da vida caótica que levei, um pouco de paz e tranquilidade é o que eu mereço."

Ele parece meio preocupado. "Sua infância foi *tão* infeliz assim?"

Normalmente, não sou fã de trocar histórias de vida, mas, recentemente, abri meus olhos para as pessoas que querem me apoiar. Não existem muitas delas, mas algumas sempre estiveram por perto, e eu nunca tinha percebido isso até agora. Isso me fez pensar se eu me fechei para relacionamentos que podiam ter sido para vida toda. Sam se tornou rapidamente alguém que posso chamar de amigo.

É difícil se livrar de anos de hábitos, mas eu quero. Quero me conectar com as pessoas e confiar nelas.

Mas não é fácil adotar uma abordagem mais vulnerável.

"Minha mãe não gostava muito de mim. Quando sua própria mãe não está disposta a te proteger, você é um alvo fácil para a alcateia."

A mandíbula de Sam está apertada. "Eles trataram uma criança—"

"Ah." Volto a limpar os copos, precisando fazer alguma coisa com as mãos. "Mas eu não era só uma criança. Eu era a vergonha da alcateia, a híbrida imunda. E os lobos não gostam que suas linhagens sejam manchadas por sangue impuro."

Quando Sam não diz nada, eu olho para ele, desconfortável. "Eu não queria te deprimir."

"Você deve desprezar seu pai por não ter te salvado." Sua voz é baixa.

Surpresa com suas palavras, dou de ombros. "Às vezes. Eu costumava imaginar como minha vida podia ter sido." Coloco o copo na prateleira. "Mas aprendi que a esperança não é para pessoas como eu, e nem os sonhos. Decidi dedicar esse próximo ano a minha lista de desejos."

Sua cabeça se ergue, com uma carranca no rosto. "Lista de desejos? Isso não é para pessoas que têm tempo limitado?"

Dou uma risada leve, mas dessa vez não olho nos olhos dele.

Não posso.

*** **

Como mago, Sam conhece muitas pessoas, então perguntei se ele podia encontrar alguém para reproduzir a minha poção de cura. Se eu encontrar alguém com um preço mais barato, pretendo comprar o máximo que puder. Não me importa o quanto elas sejam tóxicas.

Infelizmente, não tenho notícias do Sam por alguns dias. Também não vejo muito o Austin, o que é um alívio. De acordo com os meninos, ele está ocupado investigando o assassinato de Marsha. Mas, a julgar pela expressão sombria em seus rostos, nem tudo está bem na alcateia.

Eu não me importo.

Mas eu me sinto mal pela Marsha e pela alcateia. Perder um de seus membros é um choque que leva tempo para passar.

Suspirando, balanço as chaves do meu apartamento, imaginando se as caixas de mudança já chegaram. Gina acha que ainda estou em choque com a notícia, mas eu não sei. Não consigo explicar que meu coração sofreu tantos golpes ao longo dos anos que todo o fogo e esperança foram extintos. Estou abalada com o que a curandeira disse. Estou com raiva porque não é justo. Mas uma parte de mim também está aliviada.

A única coisa que ainda não senti foi tristeza, principalmente porque sei como isso vai terminar para mim. Com um companheiro destinado por aí, não vou me contentar com outro homem. Meu coração e meu lobo nunca vão ser capazes de se apaixonar por outro. Para alguém como eu, que sempre sonhou com o amor – com alguém que apagaria todas as cicatrizes do meu coração, independentemente do que eu dissesse ou demonstrasse – a dor de ser rejeitada é impossível de suportar.

Estou quase chegando ao meu prédio quando vejo alguém sentado nos degraus do complexo de apartamentos. Primeiro eu paro, surpresa, e depois fico chocada quando reconheço a mulher.

"Mãe?"

Vejo minha mãe se levantar. Fico ali parada, congelada, com milhões de emoções passando por mim, a esperança e a alegria as mais dominantes.

Ela veio me ver! Ela se importa!

"Mãe, que bom ver—"

Crack!

Minha cabeça gira para o lado com a força do golpe.

Capítulo 17

Seline

Atordoadada pelo tapa violento, não sei como reagir por um momento.

"Sua vadia!" Minha mãe me agarra pelo cabelo, que é curto, e puxa. Ela é uma metamorfa com força total, e eu grito de dor.

"Você disse ao Jamie que não vai mais ser a fiadora?" ela rosna para mim. "Quem te disse que você podia fazer isso?"

Estou me debatendo enquanto ela agarra mais forte. Sinto meu cabelo sendo arrancado e me lembro de quando eu era uma criança vulnerável sendo castigada por coisas que estavam fora do meu controle.

"Quem você pensa que é?" minha mãe cuspe no meu rosto, me fazendo estremecer. "Mandando esses malditos vampiros para a minha porta? Vou arrancar seus olhos!"

Vejo que sua outra mão está avançando para o meu rosto, e é o horror e os instintos que me fazem me esquivar e empurrá-la para longe. Eu cambaleio para trás, e ela também. Ela parece surpresa com minha resistência, me encarando por um segundo antes de rosnar: "Você acha que pode... esqueceu quem eu sou?"

Meu coração está batendo forte com o medo de uma menina de oito anos. Tenho que voltar à realidade. "Não sou mais uma garotinha, mãe!"

Ela dá um passo na minha direção e preciso de toda a coragem que tenho para levantar a cabeça e mostrar os dentes. "Eu também sou um mago e não vou mais deixar você me agredir!"

Enfrentar minha mãe depois de anos de abuso é uma das coisas mais difíceis que já fiz. Quando olho para ela, ou quando ela me

machuca, uma parte de mim sente que a culpa é minha, que arruinei sua vida. Mesmo agora, a voz dela ressoa em meus ouvidos, me lembrando de todas as minhas falhas, de tudo o que fiz para que a vida dela se tornar o desastre que é agora.

Ela está me olhando fixamente, incapaz de processar minha reação, e eu digo: "Não foi por causa de mim que meu pai foi embora, mãe. Não é por minha causa que sua vida está uma bagunça. É por *sua causa que* você fica sentada em salões de jogos o dia inteiro, acumulando dívidas atrás de dívidas, incapaz de escolher um homem, de viver uma vida plena. O motivo é você, não eu. Nunca fui eu."

Meu peito dói tanto que me pergunto se ele vai explodir com a agonia reprimida.

"Eu não fiz *nada* para você, mãe. Se eu era um problema tão grande, você devia ter me deixado em algum lugar para morrer ou me entregado a outra pessoa. Mas não entregou. E com certeza não foi por causa de nenhum instinto maternal – foi porque você precisava culpar alguém. Você precisava machucar alguém por toda decisão errada que já tomou!"

Quando a barragem finalmente se rompe, palavras de raiva e dor fluem de minha boca.

E muito ódio.

"Estou morrendo, mãe!" Quero gritar com ela. "Sua filha está morrendo! E em vez de tentar agir como uma mãe pelo menos *uma vez* na vida, quando eu preciso de você tão desesperadamente, você quer que eu use o que resta da minha vida para alimentar seus vícios." Meu corpo inteiro está tremendo enquanto aponto para ela. "E aposto que meu pai não foi embora por minha causa. Aposto que ele foi embora por sua causa!"

"*Seline!*" Minha mãe ruge de choque e raiva, mas eu não me importo.

"Eu estou certa, não estou?" Sinto-me histérica, minha mente entorpecida pela dor. "Aposto que ele não suportou alguém como você, o tipo de pessoa que humilha e abusa a própria filha. Mas como você vai me machucar agora, mãe? Eu não tenho mais nada. Ninguém me quer. Sou tão inútil como você diz, tão sem valor como você acha. E agora vou morrer sem ninguém ao meu lado para me abraçar. Eu vivi sozinha no mundo, e vou morrer sozinha no mundo. Isso te deixa feliz, mãe? Seu ódio finalmente vai acabar quando eu morrer?"

Tenho que parar de falar para recuperar o fôlego, para respirar um pouco.

"Você merece morrer como um cachorro!" minha mãe sibila, com uma riqueza de desdém e satisfação na voz. "Mas não antes de me pagar por todos aqueles—"

"Pagar?" Quase caio na gargalhada. "Você quer que eu morra como um cachorro?"

Avanço para ela, com os lábios curvados em ódio de mim mesma. "Eu devia ter deixado aqueles vampiros te cobrarem em primeiro lugar. Mas nunca é tarde demais, eu acho. Vou aproveitar cada grama de sofrimento que eles te fizerem passar." Meu coração palpita de raiva e amor que se transformou em frustração e ódio sem esperança. "Eu te amava. Tentei conquistar seu amor. Mas agora não quero mais. Não quero mais sua aprovação porque você é cruel, e essa é a verdade. Você não tem amor no coração por ninguém, exceto por si mesma. Não quero mais. Resolva seus próprios problemas."

Eu me viro e enfio a chave na fechadura, só para ela me olhar de soslaio: "Eu era a única que se importava com sua vida. Nem seu companheiro se importa."

Minha mão congela. Quero perguntar como ela sabe, mas me forço a parar. Continuar uma conversa com ela é inútil. Eu conheço minha mãe. Ela vai me dar meias-verdades e tentar me torturar com suas palavras.

Não me interessa como ela sabe.

Giro a chave e entro, fechando a porta na cara dela.

*** **

Fazer as malas não é tão fácil quanto eu pensava. É difícil colocar toda a minha vida em caixas de papelão. Não é que eu tenha muita coisa para começar, mas o que tenho são pequenos itens domésticos que comprei nas lojas mais baratas e em vendas de garagem.

Apesar de tudo, eu cuidei bem desses itens, e eles duraram anos. E agora, tenho que jogar a maioria fora ou doá-los a pessoas que nunca entenderiam o valor que eles tinham para mim.

Estranhamente sentimental com o liquidificador com o copo rachado que uma vez tirei do lixo de alguém e consertei, solto um suspiro e o coloco na caixa de lixo. Não estou prestando atenção, minha mente repetindo o confronto com minha mãe de novo e de

novo. Parte de mim – a parte condicionada – quer correr atrás dela e pedir desculpas. A outra parte queria ter dado um gosto do próprio remédio.

Mas a mágoa subjacente é tão crua que me pego suspirando e olhando em volta, incapaz de continuar fazendo as malas.

O que estou fazendo? Eu devia sair e me embriagar para esquecer meus problemas em vez de jogar minhas coisas em caixas.

Jogo os livros de culinária em uma caixa "para doar" e me levanto, me espreguiçando. Sinto-me uma idiota e emocionalmente esgotada. Cansada, olho pela janela e me pergunto quantas outras pessoas vão rasgar as partes restantes do meu coração em pedaços. Sinto vontade de ir para a cama, puxar as cobertas para cima da cabeça e chorar muito.

Mas não quero mais sofrer. Quero dar um grande "foda-se" para o universo inteiro. Quero gritar para todos que me atacam que eu não fiz nada. Quero machucá-los. Quero que eles sintam um pouco da dor que eu sinto.

Mas esse é o mundo real. E eu tenho que enterrar minha dor sob um sorriso.

Ou sob o uísque mais forte da loja de conveniência.

E é por isso que, vinte minutos depois, me encontro no parque em frente ao meu apartamento, sentada em um balanço e bebendo uma garrafa inteira.

Ficar bêbada não é tão fácil quando se tem o metabolismo de um metamorfo. Mas uma garrafa é suficiente para me ajudar a esquecer meus problemas.

E, nesse momento, estou muito feliz com meu álcool.

Fico olhando para o céu noturno, com a segunda garrafa pendurada nos dedos. A vida é tão fácil quando você não se importa com nada no mundo.

Balanço minhas pernas desajeitadamente e quase caio do balanço. Duas mãos me seguram pelos ombros antes de eu cair de costas no chão.

Olho para cima e vejo a última pessoa que eu esperava ver. Meu bom humor se deteriora instantaneamente.

"Sabe," finalmente consigo dizer, olhando para Austin, "você consegue estragar todos os bons momentos da minha vida. A essa

altura, acho que é um talento especial.”

"O que você está fazendo no parque a essa hora da noite?" As mãos firmes de Austin não se afastam de meus ombros, e estou bêbada o suficiente para não dar a mínima.

Além disso, as mãos dele são gostosas. Fortes.

Levanto a garrafa e a aponto para ele, zombando. "E você se importa porque...? Não é como se eu estivesse aqui arruinando sua reputação ou algo assim. Só estou me embebedando em paz."

Austin não está achando graça. "Você sabe que tem alguém nessa cidade caçando os Outros. Você é tão estúpida assim?"

Eu o encaro, com a cabeça rodando. "Bem, eu devo ser, como você gosta de me lembrar de vez em quando. Talvez você tenha razão. Oh!" Meus olhos se arregalam em um prazer embriagado. "Que tal acrescentar isso à lista de motivos pelos quais não sou boa o suficiente para você? Ou para qualquer outra pessoa, aliás."

Tomo outro gole do uísque, apreciando como ele queima minha garganta. Em meu estado de embriaguez, estou começando a pensar que essas reclamações do tipo "ai de mim, ninguém me ama" estão ficando velhas. Eu devia dar um basta em todos eles e viver minha vida.

Eu bufo com a ideia. Não sou um grande fã dessa versão patética de mim mesma, mas então eu paro, chegando a uma conclusão surpreendente.

Olho boquiaberta para o Austin, que está franzindo a testa para mim. "Isso é culpa *sua*. Toda essa bagunça. Eu não era essa pessoa até você aparecer."

"O quê?" Ele pisca para mim.

Eu me levanto, cambaleando um pouco e empurrando-o para longe quando ele tenta me segurar. "Não! Seu filho da puta! Tudo isso é culpa sua! Eu estava bem! E então você e sua alcateia estúpida apareceram tentando fazer amizade comigo, e depois falando mal de mim e fazendo eu me odiar. Seu... seu porco!"

É o único insulto que consigo inventar, e me sinto orgulhosa de mim mesma por um momento.

"Tudo bem." Austin parece frustrado ou divertido quando me agarra pelo pulso. "Vamos te levar para casa."

"Não!" Eu o xingo. "Eu quero ficar bêbada no parque. Não quero ir embora—"

Austin não me escuta, me agarrando pelo braço e me puxando para ele. A garrafa escorrega da minha mão. Tento pegá-la e meus olhos se arregalam quando ela se estilhaça no chão.

"Meu uísque!" eu grito.

Por um momento, acho que estou ouvindo uma risada, mas quando olho para Austin, ele está com uma cara séria.

"Não é seguro aqui fora," diz ele. "Vamos para dentro."

"Eu disse que quero ficar bêbada aqui."

"E eu disse que você não pode."

Eu estreito meus olhos.

Em resposta, ele dá um passo na minha direção, cobrindo a distância entre nós, até meu peito ficar pressionado contra o dele. Sinto meu coração disparar. Seu lobo está em seus olhos, uma fera perigosa que não devia fazer meu sangue disparar como faz.

"Ou você vem com seus próprios pés, ou eu te carrego."

Eu rio de repente. "Me carregar? Será que você aguenta me *tocar*?"

Escuto um rugido em sua garganta e, de repente, tenho uma visão muito próxima da parte de trás da camisa de Austin enquanto ele me carrega no ombro como um saco de batatas.

"Me solta!" eu grito furiosamente, batendo em suas costas com os punhos. "Seu porco teimoso, estúpido—"

Um tapa na minha bunda me faz cair em silêncio, atordoada. Não chega a doer, mas também não é gentil.

É quase como se ele quisesse me disciplinar, como faria com um cachorro malcriado.

"Não me provoque hoje." A voz de Austin é dura. "Você não vai gostar muito de mim se me provocar."

"Também não sou muito fã de você agora," sibilo, retomando minha luta.

Estou tão ocupada tentando escapar que não penso muito em como

ele consegue abrir a porta do prédio e, depois, a porta do meu apartamento.

Ele me coloca de pé, e eu agarro seus braços para me apoiar enquanto meu mundo gira.

"C-cretino."

Ele não diz nada e eu o encaro, pois o álcool me dá mais coragem do que normalmente tenho.

"Quem você pensa que é para me dizer o que fazer? E como você vai me impedir de voltar para lá?" Eu o encaro com desprezo quando seus olhos se estreitam. "Sabe qual é o seu problema? Você é um estraga prazeres. Você olha para o mundo e vê o que vai ser vantagem para você e o que não vai. E eu não vou. Então, uma dica: mostre a si mesmo a porra da saída para eu poder voltar lá e beber até ficar virada."

Austin fica em silêncio por um momento, com os olhos brilhando. "Se você sair, eu vou te arrastar de volta. *Tente.*"

Eu pisco os olhos e caio na gargalhada bêbada. "Oh. *Oh.* O que é isso? Está fingindo que se importa comigo? Depois de tudo o que você fez comigo?" Eu me inclino para mais perto. "Você nem suporta a minha presença, não é? Então, por que se forçar a me tocar? Vá procurar uma dessas mulheres que estão na fila para acasalar com você. Se faça de durão com elas. Talvez elas até deixem você transar com elas—"

"*Seline!*"

As palavras de Austin são um rugido quando ele agarra meu pulso.

Mas meu coração está sofrendo. Está sofrendo há muito tempo.

"*Pare de me tocar!*" Levanto minha voz para ele, me odiando pelas lágrimas nos meus olhos. "Pare de me tocar quando você detesta a minha existência! Eu não preciso de você! Tem muitos homens que adorariam me levar para a cama e me foder até eu gritar!"

De repente, as mãos de Austin estão nos meus cabelos curtos e ele me empurra contra a parede. Seu lobo está em seus olhos, seu peito ruge, e eu sei que ele está furioso.

"Oh." Estou tremendo um pouco, por causa da adrenalina e um pouco de excitação com seu toque. "O que foi? Você não quer transar comigo, então ninguém mais pode? Você acha que, só porque tem

nojo de mim, os outros homens também têm?"

Ouçó um rosnado e então a boca de Austin cai sobre a minha.

Capítulo 18

Seline

O calor é instantâneo, seu toque é quase escaldante. Por um segundo, sinto que meu coração parou. E então sinto a faísca de calor e desejo me assolar, dominando o bom senso enquanto meu lobo rosna de fome e desejo.

Meu cérebro está gritando comigo, mas não consigo ouvir, não sob essa pressão intensa de necessidade e desejo que me invade. Sinto Austin enrijecer enquanto me prende à parede, e uma pequena voz em meu cérebro me garante que ele vai se afastar primeiro, principalmente de nojo.

Mas então, ele encosta sua boca na minha e as minhas sinapses entram em curto-circuito. Um gemido suave sai da minha boca enquanto ele se pressiona com mais força contra mim, me fazendo sentir cada centímetro dele, incluindo a dureza rígida entre suas pernas.

Meus lábios se partem por vontade própria. Ele se aproveita disso, forçando sua língua para dentro e lambendo minha boca. Sinto um calor voraz nele, como se não conseguisse se satisfazer. Posso sentir cada centímetro dele, e isso me faz tremer. Sinto ele colocar uma coxa entre as minhas e não resisto, abrindo minhas pernas. Arfando, minha cabeça bate na parede quando ele levanta o joelho e o esfrega na parte mais sensível de mim.

Austin não para. Ele não cai em si.

É como se uma barragem tivesse se rompido com o beijo, e nenhum de nós está no controle de nossos corpos. Tudo o que sinto é um calor branco onde ele me toca. Estou molhada e, quando ele pressiona o joelho contra mim, vejo estrelas. Sem lógica e sem razão, eu me desfaço em um grito, sentindo sua boca contra meu pescoço em um frenesi. Seus desejos reprimidos são quase dolorosos, porque ele continua se esfregando entre as minhas pernas, segurando meu pico

enquanto sua boca devasta meu pescoço.

"Austin!" eu ofego. Para dizer o que, não me pergunte.

Ele não fala, suas mãos percorrem meu corpo. Ele aperta meu seio por cima da camiseta fina e brinca com meus mamilos dolorosamente apertados. Ele está me roubando de todos os sentidos, e eu estou assustada e excitada ao mesmo tempo.

Uma parte de mim ainda está lutando, desconfiada de suas intenções, de como isso vai me afetar, mas então ele rosna contra meu ouvido, chupando o lóbulo, e não consigo mais pensar.

"Não quero te tocar?" Ele soa irritado e faminto. "Eu quero você a cada segundo!"

Sua mão desliza para dentro do meu pijama folgado. Ele invade a barreira da minha calcinha e seus dedos traçam meus lábios. Eu soluço.

"Você está tão molhada. Como uma maldita torneira." Ele parece satisfeito, com a boca em meu pescoço enquanto deixa rastros de si mesmo por toda parte.

Meu peito pula enquanto ele me excita, me deixando sem fôlego e com fome, agitada com um desejo que nunca senti antes.

Quando ele enfia os dedos grossos dentro de mim, eu solto um grito silencioso. Sinto-me tão cheia e, ao mesmo tempo, tão vazia. Sinto aqueles dedos grossos se moverem dentro de mim, a sensação estranha me deixando louca de prazer.

Dentro e fora, um ritmo constante que me faz ver calor branco.

Sinto meus músculos se apertarem e me vejo caindo no precipício. Ele não espera, me agarra e me arrasta para trás, para a cama. Ele me empurra para baixo e sobe em cima de mim de novo, sua boca me deixando louca enquanto mapeia meu corpo com a língua e os lábios, me fazendo me contorcer de desejo e tormento.

Quando ele encontra meu sexo, segura minhas pernas abertas e megrulha nele como um homem faminto.

Minhas mãos rasgam o lençol quando o sinto afundar a língua dentro de mim, me invadindo tão profundamente que minhas costas se arqueiam.

Austin é implacável comigo, os dedos cravados nas minhas coxas

enquanto segura minhas pernas abertas à força, me comendo com uma selvageria que está me arrancando todo pensamento coerente. Sua língua se enrola dentro de mim. Solto um grito de súplica e, então, sinto-o beliscar meu clitóris endurecido e grito.

Eu me desfaço sob suas mãos e sua boca e, mesmo quando gozo, ele continua chupando e lambendo como se não quisesse desperdiçar uma única gota.

No final, ele beija meu abdômen, esperando eu respirar e me acalmar. Mas esse momento dura pouco, pois de repente ele me vira de barriga para baixo antes de me puxar para si, com a bunda para cima.

Não entendo o que está acontecendo até sentir seu pênis duro pressionar minhas coxas e *ele me penetrar*.

Dessa vez, meu grito é de dor, e o dele, de choque.

"Você é virgem?!"

Balucio qualquer coisa e então sua mão está no meu rosto, me virando para ele, me acalmando, enxugando as lágrimas e oferecendo um beijo tão doce que meu coração dói.

Ele fica parado por um momento, para eu me acostumar com seu tamanho. Essa plenitude é uma sensação tão estranha. Eu me agarro aos lençóis, com os olhos fechados, e ele se move devagar. A dor se transforma em algo diferente, mais intenso, e eu estremeço.

Austin entende e move as mãos, passando-as pelo meu corpo e apertando meus quadris. Eu soluço quando ele recua o pênis grosso até a ponta e mergulha de novo.

"Que tal?" Sua voz é um rosnado rouco.

Eu grito em um desespero crescente. "É tão bom!"

Eu escuto ele rir e, então, ele começa a acelerar. Cada choque de seus quadris me leva a um novo patamar de prazer que nunca pensei ser possível. Meu corpo inteiro está em chamas e não consigo nem enxergar direito. Sinto cada centímetro de seu pênis me invadir, me levando à loucura.

Eu preciso de mais. E ele me dá.

Suas estocadas agora são duras e ásperas, e nós estamos perdidos demais para nos importar. A mão de Austin está enrolada no meu

pescoço em um aperto possessivo enquanto ele me fode na cama. É quando sua outra mão encontra meu clitóris e torce, quase dolorosamente, que eu finalmente perco o controle, gritando seu nome. Eu o escuto gemer enquanto ele também perde o controle.

Quando ele goza em mim, sinto ele avançar uma, duas vezes, e desabo na cama. A exaustão é tanta que sinto meus olhos se fecharem.

Mas então ele rosna: "Quem disse que terminamos?"

Meus olhos se arregalam.

*** **

O sol já está brilhando quando eu acordo. Pisco os olhos lentamente, odiando o chilrear dos pássaros tão alto.

Tento rolar e enterrar o rosto no travesseiro, mas sinto uma dor aguda. Toda a parte inferior do meu corpo está em chamas. Fico congelada, tentando respirar.

Minhas lembranças estão todas confusas e, enquanto olho para o teto e deixo meu olhar percorrer o quarto destruído, me lembro da noite passada com detalhes vívidos demais.

Oh, droga. O que foi que eu fiz?

Meu lobo está enrolado dentro de mim, satisfeito.

Fecho os olhos, sem saber o que pensar. Meu apartamento está vazio. Austin não está aqui.

O que significa que ele foi embora.

Abro os olhos e olho novamente para o teto, dessa vez com uma sensação de vazio. *Ele foi embora. Ele se divertiu e foi embora.*

Nunca me senti tão barata e usada antes. Apesar da dor, eu me enrolo de lado, puxando os cobertores ao meu redor.

É o clique da porta da frente que me faz piscar. Escuto passos e então Austin está parado na porta.

Fico olhando para ele. "Achei que você tinha ido embora."

Ele parece desconfortável. "Fui buscar o café da manhã para nós."

Fiel à sua palavra, ele está segurando dois copos de café para viagem e uma grande sacola de papel.

"Tem uma lanchonete no fim da rua," ele murmura, me entregando um café enquanto me sento, engolindo minha dor.

"Ah." Tomo um gole de café e me sinto um pouco melhor.

Ele se senta na beirada da cama, tomando seu café em silêncio.

"Seline."

Eu congelo.

"Isso não pode acontecer de novo."

Sinto meu corpo inteiro esfriar com as palavras dele, enquanto a pequena brasa de esperança que eu havia deixado viver se apaga.

Meus lábios se entreabrem, mas eu fecho a boca, não confiando em mim mesma nesse momento.

"Vamos esquecer que a noite passada aconteceu."

Não tem nada do desdém habitual na voz dele, só uma calma silenciosa, *o que é muito pior*.

Não sei como consigo controlar minha voz ou minhas emoções, porque parece que levei uma facada no coração da maneira mais brutal possível.

"Você não gosta mesmo de mim para me comer e me mandar passear."

Traço a tampa do meu café enquanto permito que esse vazio me consuma pouco a pouco.

"Isso não é... você e eu não somos uma boa combinação, Seline." Austin se vira para me olhar, mas eu me recuso a olhar para ele.

Tão idiota. Tão idiota e ingênuo, pensar que isso ia levar a algum lugar.

Mas não posso responsabilizá-lo pela minha estupidez, minha recusa em aprender de primeira.

Sinto uma sensação de vazio, como se não houvesse mais nada dentro de mim, mas isso me deixa calma. A dor existe, mas é uma dor que não posso tocar ainda.

Estou me dissociando, um termo de terapia que Lacy mencionou uma vez para mim. Achei interessante, mas inútil. Mas agora, sinto que está acontecendo comigo.

"Então, o que vai ser?" Eu olho para ele, não me importando mais se ele ver todas as rachaduras da minha alma. "Você vai vir me comer de vez em quando e depois voltar para a fêmea com quem se casou? Ou é só isso?"

Austin se levanta, os lábios pressionados em uma linha fina. "Não seja ridícula! Acabei de te dizer—"

"Eu sei." Dou de ombros, pondo o café de lado, me forçando a levantar e ignorando a dor aguda no abdômen. Cambaleio até o armário, querendo me cobrir. "Mas você também disse que não suporta minha presença e depois faz uma dessas. Então, eu só quero saber quais são seus limites de verdade."

Pego uma camiseta e me esforço para vesti-la. Ela cai nos meus joelhos.

"Não—" Ele agarra meu braço. Eu o empurro para trás, com olhos selvagens.

"Não me toque," digo com frieza. "*Nunca mais me toque.*"

Austin fica paralisado.

Eu também não me mexo. "Vá. Vá e não volte. Não fale comigo de novo. Não olhe para mim. Não me toque."

O maxilar de Austin se retesa. "Nós moramos na mesma cidade, Seline. É impossível te evitar para sempre."

"Não se preocupe," digo, devagar. "Você nunca mais vai me ver."

Vejo algo brilhar em seus olhos e ele se aproxima de mim. "O que está planejando fazer? Não faça nenhuma besteira, Seline!"

Minha risada é aguda. "Por que você se importa? Sinceramente, não entendo que diferença faz, Austin. Só vai embora."

Ele me encara como se quisesse dizer algo. Sorrio de novo, dessa vez com um ar cansado. "Não vou ser problema seu por muito mais tempo, então pode ir."

"Seline—"

"Ou você vai embora sozinho ou eu vou destruir todo o prédio só para te expulsar," digo. "Pode escolher."

Viro as costas para ele, fecho a porta do armário e vou para o

banheiro.

Um momento depois, escuto a porta do apartamento se fechar e fecho os olhos. Afundo no chão do banheiro, de costas para a porta, e deixo as lágrimas escorrerem sem controle.

Garota estúpida. Garota estúpida, estúpida.

*** **

Tiro alguns dias de folga do trabalho. Lacy aparece e eu não conto nada, inventando desculpas para minha aparência abatida. Não tenho forças para dizer a verdade.

Em um acesso de exaustão e desgosto, deixo de tomar as poções que a curandeira me deu, me deixando definhar. Sinto-me cada vez mais fraca e meu apetite desaparece entre as paredes da minha casa.

Não carrego meu celular, deixando a bateria morrer.

Uma semana disso é encerrada quando o prefeito Hamrington entra na minha casa.

Antes que eu possa reagir, dois dos homens dele me agarram e derramam um frasco de poção na minha garganta antes de me jogarem sem cerimônia na poltrona esfarrapada. Ainda estou piscando em choque quando eles saem com a mesma rapidez, me deixando sozinha com meu chefe.

O silêncio na sala é pesado e opressivo.

"Você quer morrer?" o vampiro ancião finalmente me pergunta, sua voz tão fria que me causa um arrepio na espinha. "Porque eu posso acabar com o seu sofrimento."

Posso sentir um pouco de energia voltando, mas fico em silêncio, sem querer irritá-lo.

"Você quer sair da cidade." Ele me observa com aqueles olhos aterrorizantes. "Isso eu entendo. Mas se você deixar um companheiro, destinado ou não, te destruir tão facilmente, então não tem a força que eu vi em você todos aqueles anos atrás. Você pode morrer miserável, ou pode morrer feliz. A escolha é sua. Só porque sua vida foi cruel até agora, não significa que você precisa se punir e deixar seus inimigos saberem que venceram. Porque essa é a mensagem que você está enviando."

Minha cabeça cai de vergonha quando suas palavras me estapeiam

no rosto.

"Esse Alfa é uma pessoa difícil e não te merece. Mas, em vez de ficar se lamentando e se machucando, levante-se e revide. E se eu tiver de vir aqui de novo porque você está se matando, não só vou acabar com sua vida como você tanto deseja, mas também vou atrás de cada pessoa com quem você se importa. Lembre-se disso."

Não é uma ameaça vazia.

"Eu vi você crescer, Seline. E já estou infeliz com sua morte iminente. Não me deixe ainda mais infeliz."

Mal tive a chance de responder quando ele sai em um piscar de olhos.

Eu me esqueci como ele é rápido.

Meu corpo inteiro treme de medo porque sei que ele vai cumprir todas as suas ameaças.

"Meu Deus," murmuro para mim mesma, esfregando as mãos para cima e para baixo sobre meus braços. "Uma garota não pode mais nem se lamentar em paz."

Mas sou grata. Grata por ter sido arrancado dessa autopiedade que se tornou normal demais para mim.

O Sr. Hamrington tem razão. *Por que estou sentada aqui chorando quando posso me vingar?*

Capítulo 19

Seline

Não sei como me vingar, mas pelo menos volto ao trabalho.

Eu me sinto melhor. Talvez o discurso do prefeito tenha ajudado, ou é mais fácil esconder meus sentimentos quando a vida dos meus amigos está em risco.

Não vejo Austin, mas Gina me diz que ele tem vindo todos os dias e perguntado por mim. Ele não aparece hoje, mas seu segundo em comando, Jason, aparece.

Já vi Jason no bar e na cidade e nós nunca chegamos a nos cruzar de verdade, mas ele nunca foi hostil comigo. Os outros também não, pelo menos não os que conheci naquele primeiro dia no bar.

Ele parece aliviado por me ver e se senta no bar. "Oi."

"Boa noite. O que posso te servir?"

Minha voz é educada, talvez um pouco rígida. Não me esqueci das minhas interações anteriores com essa alcateia.

"Ah, cerveja da casa, por favor. Como vai você, Seline?"

A pergunta parece bastante amigável, mas seus olhos estão atentos, observando.

Eu dou um pequeno sorriso. "Não sei quem te mandou me espionar, mas não precisa. Estou cuidando da minha vida."

Ele se retrai. "Eu não quis dizer... eu só estava perguntando." Ele olha para Jerry, que passa correndo por mim para atender a um cliente. "Você fez um ótimo trabalho com esse grupo de jovens. Eles sossegaram muito nos meses em que trabalharam aqui para você."

"Obrigada." Dou de ombros, entregando a cerveja. "Aqui está."

Aproveite."

"Espere," ele diz rapidamente.

Eu cerro os dentes. "Sim?"

"Olha, eu sei que as coisas entre você e Austin estão difíceis agora."

Eu encaro ele, boquiaberta. "Desculpe? Não tem *nada* entre nós. Ele vem, mexe com minha cabeça e vai embora. É só isso. É isso que sua alcateia faz comigo também. Eles vêm ao meu local de trabalho – onde, a propósito, *estou cuidando da minha vida* – me *insultam* e depois vão embora. Ou tentam me atacar. Ou me culpam pela morte de alguém. Eu me tornei uma piada para vocês, um saco de pancadas, e estou cansada disso. Então diga a esse seu Alfa a mesma coisa. Se ele quer que eu o odeie, está fazendo um ótimo trabalho."

Parabéns pela paciência, Seline.

"Seline—"

"Tenho outros clientes para atender," digo com frieza. "Aproveite sua cerveja."

A raiva arde no fundo do meu estômago durante a meia hora seguinte, ainda mais quando percebo que Jason não saiu. Eu gostaria de arrastá-lo para fora, mas já irritei o prefeito o suficiente por um tempo. Não preciso expulsar seus clientes pagantes também.

Uma hora depois, uma cabeça loira conhecida aparece. "Seline!"

Eu sorrio para o Loyd. "Que bom te ver. Por onde tem andado ultimamente?"

Ele não sorri tanto. "Eu estava ocupado. Posso ter uma palavrinha com você?"

Seu tom sério me deixa cautelosa. "Está tudo bem?"

"Acho que não. Podemos ir para um lugar mais discreto?"

Posso ver Jason nos observando, com a expressão tensa, mas eu o ignoro. "Claro. Marie!"

Marie toma o meu lugar enquanto eu levo Loyd para a sala dos fundos.

"Ok, o que foi?"

Ele parece sombrio e pega o celular. "Escute isso."

Sem saber o que está acontecendo, coloco o celular no ouvido. Lentamente, posso sentir minha expressão mudar de confusão para choque e para raiva.

Tem várias vozes no áudio. Não reconheço todas elas, mas reconheço a voz de Austin.

Ele armou para mim, pelo assassinato da Marsha.

Agarro a borda da mesa para evitar de cair no chão.

Por quê? Por que ele faria isso?

Mas não tem como negar. Sua voz está bem ali, mandando um dos homens servir de testemunha.

Sinto-me enjoada.

"Eu ouvi isso ontem." Loyd pega o telefone de volta. "Não tive escolha a não ser gravar. Sei que Austin te rejeitou, mas não sabia que o ódio dele por você era tão profundo. Eu realmente sinto muito, Seline. Achei que você devia saber e sabia que não acreditaria em mim até eu ter provas, por isso gravei tudo o que pude."

Não sei o que dizer.

Será que Austin está fazendo isso porque dormimos juntos e agora ele quer se livrar de mim? Talvez para evitar que sua alcateia descubra que ele fez sexo com a meio-sangue imunda.

"Seline? Você está bem?"

Balanço a cabeça. "Não. Não, não estou."

Eu me afundo no chão, precisando me sentar. A cadeira está muito longe.

"Olha, eu quero te ajudar. Se você quiser, posso falar com Austin."

"Como se fosse fazer *diferença*," digo com um riso aguado. "Não, não precisa. Obrigada por me contar. Estou falando sério. Obrigada."

Ele hesita. "Olha, eu gosto muito de você, Seline. E quero ajudar. Não quero te abandonar assim. Se você quiser, pode ficar comigo e com a minha alcateia. Austin não vai encostar em você."

Molho os lábios, pensando seriamente em aceitar a oferta, mas algo dentro de mim me impede. "Não. Não, pode deixar comigo."

Mais dois meses e estou fora daqui.

"Eu vou ficar bem." Sorrio fracamente para o Loyd. "Não se preocupe."

Ele parece relutante, mas diz: "Sei que você tem meu número, mas este é o segundo." Ele me entrega um cartão. "Ligue para mim de dia ou de noite se precisar de ajuda."

Sua gentileza me surpreende, e eu seguro o cartão contra o peito. "Obrigada."

Eu espero ele sair e esfrego as mãos no rosto.

O que vou fazer agora?

Se eu for incriminada, ninguém vai poder me ajudar. Passo o cartão entre meus dedos, com o cérebro em plena atividade. Tenho que dar um jeito. Sempre posso recorrer ao prefeito Hamrington. Sei que ele não vai deixar uma ameaça como essa passar em branco. Mas pedir um favor do prefeito é um jogo perigoso. Ele nunca deixa de cobrar suas dívidas.

Outra coisa que me incomoda é por que Austin se deu ao trabalho de pedir minha ajuda quando planejava me incriminar. Ou talvez ele tenha pensado que, se me envolvesse, seria mais fácil me incriminar pelo assassinato.

Minha mente está em desordem quando volto para a frente do bar. Mas quando chego, vejo que Jason não está mais lá.

*** **

Passo os dois dias seguintes refletindo sobre esse novo problema.

Uma coisa que noto é que, sempre que chego para trabalhar, Jason, Ray, Seth e Lexi ocupam uma mesa e ficam sentados lá até o fim do meu turno. Todos esses homens fazem parte do círculo íntimo de amigos de Austin, e o fato de estarem me observando me deixa nervosa. Mas não posso expulsá-los porque eles compram uma bebida ou algo para comer a cada hora.

Três dias inteiros se passam até Austin finalmente aparecer.

É quando o bar está prestes a fechar. Eu o vejo entrar, e seus amigos acenam para ele e saem. Vê-lo depois daquela noite faz meu abdômen se contrair de desejo. Desvio o olhar, amaldiçoando meu corpo traidor.

Tem só um outro cliente que está prestes a sair.

"Estamos fechados," eu digo em voz alta, fazendo o velho metamorfo cisne pular de susto, e acrescento: "O senhor não, Sr. Lopez. Eu chamei um táxi para o senhor."

O Sr. Lopez me lança um olhar agradecido, mas Austin não vai embora. Eu passo por ele, ignorando-o enquanto pego uma cadeira e a viro sobre a mesa.

"Seline."

"Estamos fechados," digo abruptamente.

Passo por ele e, dessa vez, ele agarra meu braço, me puxando para si. Minha respiração fica presa com a proximidade repentina, e a dele também. Ele me solta imediatamente antes que eu possa protestar.

Dou um passo para trás, esfregando o braço onde ele agarrou.

"Eu não queria te machucar." Ele realmente parece perturbado.

Mas eu não acredito. Quando olho para ele, só penso em sua voz no áudio.

"Me deixe em paz," digo com frieza.

Estou prestes a lhe dar as costas, mas ele diz rápido: "Isso é importante. Estou procurando uma pessoa. Talvez você o tenha visto."

"Eu já te disse antes—"

"Ele tem uma tatuagem de águia no braço."

Eu estreito meus olhos. "Que jogo é esse agora?"

"Ele estava aqui no bar na semana passada—"

"Eu não vim trabalhar na semana passada."

Minha voz é fria, e eu me viro com desdém.

"Seline, ele é um metamorfo lobo muito perigoso." A voz de Austin é urgente. "Um dos jovens viu um homem com essa tatuagem saindo do bar—"

"Chega, Austin!" rosno, virando-me para encará-lo. "Não me importa quem ou o que ele seja. Não quero me envolver com isso, nem com você! E outra coisa." Dou um passo para frente. "Eu sei de tudo, então

você não precisa se preocupar com essa história de 'me ajude a encontrar o assassino'. Não vou cair na porra da sua armadilha! Então boa sorte!"

"Do que diabos você está falando?" ele rosna. "Que armadilha?"

Eu lhe dou um olhar incrédulo. "Ah, não finja que não sabe. Eu ouvi você pedir para um membro da sua alcateia mentir que ele me viu atacar a Marsha!"

"Do que diabos você está falando agora?" Austin rosna para mim.

"Alguém te escutou!" Levanto minha voz, empurrando-o. "E te gravou e mostrou para mim." Eu o encaro. "Sabe, eu não entendo qual é o seu problema comigo. Você não para de se meter na minha vida e, assim em que me torno um inconveniente, decide me incriminar por assassinato. Quer dizer, sempre achei que você era um marginal, mas nunca a esse ponto."

O maxilar de Austin se contrai. "Não sei o que você acha que ouviu, mas estou tentando ajudar a limpar seu nome, não—"

"Ah, é mesmo?" eu zombo. "Já se passaram semanas desde o assassinato. O que você tem feito? Ah, espere! Estava pensando em como me culpar pela morte da Marsha. Quer saber? *Vá se foder, Austin!*"

Antes que ele possa dizer algo em defesa, seu telefone começa a tocar. Sem olhar para a tela, ele me encara fixamente antes de atender. "O quê?"

Sua expressão de raiva se torna fria. "Do que você está falando?"

Vejo sua mão cerrada ao lado do corpo e percebo que não são boas notícias. "Faz quanto tempo?"

Depois de um momento, ele diz de forma cruel: "Isso simplesmente não é possível porque a alcateia estava de olho na Seline desde o começo do turno."

Eu me enrijeço.

"Não. Já estou indo."

Ele enfia o celular no bolso. "Houve outro assassinato. *Seu* cheiro estava na vítima."

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele acrescenta: "*Vamos*

terminar essa discussão uma outra hora. Quero saber quem está colocando ideias na sua cabeça."

"Não se dê ao trabalho," eu zombo, sem me importar que acabei de ouvi-lo me defender um segundo atrás. "Não vou estar aqui para essa conversa. Já cansei de ser atazanada por você e sua alcateia."

"Como assim?" Os olhos de Austin se estreitam. "Aonde você vai?"

"Não é da sua conta," digo com frieza. "Para mim já deu. Parece que nós dois não podemos ficar juntos nesta cidade."

Percebo que ele quer discutir comigo, mas a porta se abre.

Jason grita: "Chefe?"

Austin parece frustrado. "Vou conversar com você sobre isso. *Você não vai a lugar nenhum.*"

Eu o assisto sair.

*** **

A notícia do assassinato é mantida em segredo desta vez. Mas nada pode ficar escondido por muito tempo.

Alguns dias se passam e começo a relaxar, pois Austin fica ocupado com a investigação. Um dos juvenis mais novos deixou escapar que a fêmea assassinada era outra candidata à posição de fêmea Alfa.

Começo a planejar o futuro – os poucos meses que me restam – e forço Austin a ficar no fundo da minha mente. Na maior parte do tempo, até funciona.

Até que eu o vejo uma noite.

Lacy e eu decidimos comprar fastfood barato e ir ao parque, já que o tempo está muito bom. Quando estamos voltando com a comida, vejo um casal saindo de um restaurante francês sofisticado à nossa frente. Demoro um instante para reconhecer Austin e fico paralisada.

Demoro outro minuto inteiro para reconhecer a mulher ao lado dele. É quando ela se inclina para um beijo que eu a identifico.

Raven.

Ela fazia parte do grupo que tentou me atacar aquele dia. O que me chamou de prostituta.

Meu coração está na garganta quando a vejo beijar Austin. E então

eu o vejo colocar a mão na cintura dela.

Ele não está se afastando.

A dor no meu peito é tão aguda que solto um ofego silencioso.

Austin levanta a cabeça quase que instantaneamente e seus olhos encontram os meus.

Fico olhando para ele por um momento, enquanto Raven sorri presunçosamente, pousando a mão em seu peito de forma possessiva.

Meu lobo estremece de dor.

"Vamos, Seline." Lacy agarra minha mão e me puxa na direção oposta. Ela nunca viu o Austin, mas é perspicaz o suficiente para somar dois e dois. "Vamos!"

Eu a sigo como uma pessoa cega, sem entender, mas muito consciente de que meu lobo está se contorcendo de dor.

A única coisa que vejo é a mão de Austin se enrolando na cintura de Raven quando ela o beijou com tanta intimidade.

Capítulo 20

Seline

Olho para os pratos quebrados no chão.

"Lacy, esses eram novos—"

"Foda-se!" Minha amiga aponta um dedo na minha direção, com o rosto vermelho de raiva. "Não se atreva, Seline."

Fico em silêncio. Quando Lacy começa a xingar, nunca é um bom sinal.

"Você está morrendo e não pensou em me contar?!"

Eu me encolho quando outro prato se choca contra a parede.

"Lacy," começo, mas então vejo as lágrimas em seus olhos.

"Sou a porra da sua melhor amiga, Seline! Nós crescemos juntas!" Ela está tremendo agora, lágrimas caindo de seus lindos olhos. "E você esconde isso de mim?"

A verdade era inevitável. Mas eu devia ter lidado melhor com ela.

Quando Lacy me levou de volta para o apartamento e me segurou enquanto eu vomitava violentamente, também me fez perguntas, e eu não tive escolha a não ser responder.

"Vou matar aquele desgraçado."

A raiva de Lacy me acalmou um pouco, o suficiente para analisar meus próprios sentimentos. "Não, não vai, não."

A dor dentro de mim é mais do que só emocional. É uma dor física, e sei que é porque quando Austin e eu dormimos juntos, consolidando nosso vínculo um pouco mais. A única coisa que falta é a marca do acasalamento. E é por isso que ele beijar outra fêmea feriu o vínculo, o

que está me machucando.

"Lacy, me escute."

"Por que você não está puta, Seline?!"

Ao ver as lágrimas nos olhos de minha amiga, meu peito se aperta a ponto de sufocar, mas eu a abraço. "Obrigada. Obrigada por se importar tanto."

Enterro meu rosto em seu pescoço e deixo algumas de minhas próprias lágrimas caírem. Me afasto só o suficiente para olhar nos olhos dela. "Estou puta. Não vou mentir e dizer que não estou. Mas Lacy, eu já sabia que ele estava procurando uma companheira na própria alcateia. Eu não devia estar surpresa."

Os olhos da minha amiga brilham de fúria e frustração. "Isso não é certo!"

"Eu sei." Limpo meus olhos e depois os dela. "É uma droga, certo? Mas será que eu quero mesmo ficar com alguém que sempre vai me olhar como se eu nunca fosse boa o suficiente para ele? Não quero passar minha vida sentada e chorando por causa do Austin, Lacy. Quero aproveitar minha vida e quero encerrar o capítulo do Austin. Foi bom que eu vi os dois hoje. Foi mesmo. Porque agora posso seguir em frente."

O rosto de minha amiga vacila, mas então vejo um brilho de determinação furiosa em seus olhos. "Vou te arrumar alguém. Alguém muito gostoso."

Eu rio. "Por mais que eu aprecie o gesto, eu só quero sair dessa cidade, Lacy."

"Você vai deixar ele fazer isso com você?" Ela me olha fixamente. "E você vai sair correndo com o rabo entre as pernas? Como se ele tivesse ganhado ou coisa assim?"

Entendo sua frustração e sorrio, cansada. "Estou cansada de me sentir triste comigo mesmo o tempo todo, Lacy. Não posso fazer nada a respeito disso e não quero me apaixonar por alguém que está disposto a me magoar dessa maneira. Não quero sair em encontros aleatórios com estranhos para esfregar eles na cara do Austin. Se eu gostar de alguém, talvez, mas, por enquanto, por favor, não tente me arranjar um encontro com ninguém."

Vejo a relutância em seu rosto. É fácil dizer todas essas palavras,

mas não tenho escolha.

Desde aquele confronto com minha mãe e de ter cortado ela da minha vida, comecei a perceber que sou a única pessoa atrapalhando a minha felicidade. Não posso *forçar* Austin a me amar ou me querer, e depois de tudo o que ele fez comigo, será que eu quero?

Minha opinião sobre o homem que devia ser meu companheiro destinado piorou consideravelmente.

"Mas e aquele outro Alfa?" Lacy olha para mim com entusiasmo. "Você gostou dele, não gostou?"

Eu dou um sorriso fraco, sem saber como lhe dizer que não funciona desse jeito. Não sei como Austin pode ter um relacionamento físico com outra mulher que não seja sua companheira. Sua repulsa por mim deve ser intensa. Mas a noite que passamos juntos – aquele calor e fome em seus olhos quando ele me tocou, como ele disse que desejava meu toque – me faz pensar.

Como é tão fácil para ele tocar outra pessoa?

Se antes eu tinha qualquer esperança de um possível relacionamento fora do meu companheiro destinado, nossa única noite juntos acabou com ela. Não consigo olhar para outro homem desse jeito. É como se todos tivessem perdido seu apelo sexual aos meus olhos.

No fim das contas, Lacy nunca vai ser capaz de compreender esse tipo de vínculo. E eu não quero dar nenhuma informação que possa colocá-la em perigo no futuro.

"Só confie em mim," digo para ela. "Não é possível."

Lidar com seus argumentos é difícil, mas lidar com suas lágrimas é pior, porque ela se agarra a mim. Ela soluça enquanto aceitamos o fato de que os próximos meses podem ser os únicos momentos juntas que nos restam.

*** **

Saber que Austin não só quer me incriminar pela morte de um membro de sua alcateia, mas também é fisicamente íntimo com suas candidatas a companheiras é uma pílula amarga de se engolir. Mas estou engolindo.

Desde aquela noite, meu lobo ficou em silêncio. A dor está lá, mas não consigo sentir meu lobo. É esse vazio que está constantemente

latejando dentro de mim.

Mas dois dias é tempo suficiente para eu me recompor. O que acaba sendo necessário porque, no terceiro dia, Austin entra no bar.

Mas antes que ele possa se aproximar, outra pessoa me aborda.

Loyd sorri para mim. "Pensei em te dar uma mãozinha."

Sei o que ele quer dizer e não posso deixar de sorrir com sua gentileza.

"Você é um amor." Eu lhe entrego o cardápio. "Suas bebidas são por conta da casa hoje."

Seus olhos se iluminam de prazer. "Talvez eu deva tirar vantagem da oferta e te fazer companhia até você fechar."

"Na verdade," sorrio, "meu turno termina mais cedo hoje, em mais vinte minutos. Então você pode beber o quanto quiser até lá."

"Vinte minutos, você disse?" Loyd se inclina para a frente, com um tom de flerte, e uma parte de mim gostaria de sentir algo por ele. Ele também é um lobo Alfa, mas que não se importa com meu status de híbrida, o que é certamente revigorante.

Sinto o olhar pesado de Austin sobre nós, mas o ignoro.

"Por que você não me deixa te levar para um jantar tardio?" sugere Loyd. "E depois, quem sabe, um belo passeio pela orla da floresta?"

"Loyd," começo com cautela, mas ele abaixa a voz.

"Como amigos. *Por enquanto.*"

Fico pensando na oferta, e as palavras do prefeito Hamrington voltam à minha mente.

"Se vingue."

Na época, eu não queria me vingar. Estava cansada desse vai e vem constante, das brigas. Mas quando levanto o olhar e vejo Austin sentado com seus homens, me lembro do soco violento que levei no estômago quando o vi com Raven.

Fecho os olhos por um instante. *Pode não ser má ideia, mostrar para ele que nem todos os homens me veem como ele me vê.*

Então, sorrio para o Loyd e digo: "Claro."

Posso sentir a raiva de Austin quando meu olhar encontra o dele, mas não reajo.

E quando meu turno termina, eu saio com Loyd, passando por Austin no caminho.

*** **

Loyd tem esse jeito descontraído, essa leveza casual que me faz sorrir.

O jantar é agradável, e o homem nunca fica sem assunto para falar. Eu me pego rindo entre as garfadas. E, mesmo assim, não sinto nenhum traço de atração por ele.

Caminhamos juntos pela cidade, e é bom me distrair dos meus outros problemas. Mas quando Loyd sorri para mim, com seus olhos brilhando, me sinto vazia. Ele tenta falar sobre a gravação, mas eu mudo de assunto. Não quero falar sobre Austin.

Só quero ter uma noite em que Austin não está na minha mente.

Ao longo do caminho, percebo que nos desviamos para a floresta, e Loyd está me levando cada vez mais para dentro dela. Ele ainda está falando e provavelmente nem se deu conta disso, então decido pegar os atalhos que conheço e nos levar de volta à trilha principal.

Está ficando tarde e tenho de tomar minha poção diária. Ela está ajudando, mas ainda estou mais cansada do que o normal.

"Sabe," diz Loyd enquanto caminha ao meu lado, "você ainda não conheceu nenhum dos membros da minha alcateia."

Eu conheci. Só não gostei muito deles.

Quando eu sorrio para ele, ele diz casualmente: "Por que você não vem comigo agora? Vamos ter uma comemoração hoje. Você podia—"

"Estou muito cansada, Loyd," digo devagar. "Acho que é melhor eu ir para casa."

Não estou olhando para o chão enquanto falo e quase tropeço em uma raiz crescida demais. Loyd me agarra e eu me arrepio com a força de seus dedos quando ele os prende no meu braço. "Tem certeza?"

Por um momento, me sinto desconfortável quando olho em seus olhos. Permito que uma corrente passe por mim, fazendo ele me soltar.

"Certeza," digo com um sorriso. "Desculpe pelo choque. Foi hábito."

Ele me lança um olhar estranho, mas o momento encerrou a noite para mim. Nós nos separamos logo depois, mas eu continuo olhando por cima do ombro, nervosa por algum motivo.

Meu ritmo é apressado enquanto corro para casa. Um pouco da tensão me deixa quando viro a esquina do meu prédio.

Eu me enrijeço quando vejo o homem parado na frente dele, claramente esperando por mim.

Ignorar Austin não é possível, porque ele está bloqueando a porta. Eu o encaro com frieza. "Você deve ter *muito* tempo livre nas mãos."

Ele parece agitado e um pouco irritado. "Eu te disse para ficar longe do Loyd."

Eu zombo. "O que foi? Você acha que temos algum tipo de vínculo inútil entre nós, que você pode ditar quem eu vejo socialmente?" Passo por ele e coloco minha chave na porta. "Não me faça rir, Austin."

Entro no prédio, mas ele está logo atrás de mim. "Ele é perigoso!"

"E daí?" Dou de ombros. "Por que isso importa para você? Ele me trata bem, e eu gosto disso em um homem. Nós nos divertimos muito essa noite."

Talvez eu esteja tentando me vingar de Austin. Adeus, superioridade moral.

Austin me agarra pelo braço no caminho para o elevador recém-instalado. "Por que você está fazendo isso?" ele pergunta. "Está tentando se vingar de mim por—"

Não o deixo terminar a frase. "Ah, porque você se importa tanto? Me deixa, Austin. Recebi sua mensagem em alto e bom som. Mas se você acha que eu vou ficar vendo você esfregar seus encontros na minha cara, pode pensar de novo. Você está enganado se acha que vou sentar e chorar por você. Eu posso fazer o mesmo. Então, vá para a cama da Raven. E eu posso acabar na cama do Loyd—"

Ele me bate contra a parede com tanta força que sinto toda a minha caixa torácica estremecer. Seus olhos estão brilhando, seu lobo furioso. "Se ele tentar tocar em você, vou arrancar a cabeça dele e embrulhar para presente!"

Por um instante, fico zozza com a raiva dele e, então, a minha própria raiva me agarra pela garganta. "*Desculpe?*" Levanto minhas

mãos e o empurro para trás. "Você não tem vergonha na cara! Acha que pode me impedir de aproveitar a minha vida enquanto você se mete nas calças de todas as mulheres disponíveis *depois* de se meter na minha? Depois de tudo o que você fez comigo, acha que vou ficar de braços cruzados e chorar por você? Estou cheia, Austin! Além disso, agora que sei o que eu sei, não vou ficar por aqui tempo suficiente para você me incriminar pela morte da Marsha!"

Sua mandíbula se contrai. "Ah, nós vamos falar sobre isso, então. Mas eu não te incriminei e não estou tentando incriminar."

Eu zombo. "Aham, claro. Me engana que eu gosto."

"E se eu puder provar?" ele pergunta calmamente.

Provar?

Capítulo 21

Austin

Corri um risco que não devia ter corrido.

Se eu tivesse deixado a Seline acreditar que eu estava por trás de tudo, isso teria solidificado seu ódio por mim. Era o que eu queria o tempo todo. Mas ver aquela mágoa em seus olhos, aquela amargura e derrota por eu ser capaz de algo assim, me deixou louco.

O outro problema era a proximidade dela com aquele Alfa.

Porque foi ele quem convenceu Seline que eu estava tentando incriminá-la, fiquei ainda mais preocupado. Não confio nele, e agora sei que está planejando alguma coisa.

Mas ele não sabe da investigação que estou conduzindo para limpar o nome da Seline. Os anciãos da alcateia estão convencidos que foi ela quem assassinou Marsha, e o raciocínio deles é mais do que óbvio, mas eu reuni evidências suficientes para provar que não foi ela. O prefeito foi surpreendentemente prestativo nesse sentido.

E foram essas provas, que dei nas mãos dela há uma hora, que a deixaram pálida.

Ela folheou tudo enquanto eu a observava. "Entendi," ela disse finalmente, em voz baixa.

Mas só isso. Ela nem sequer olhou para mim, só pediu para eu ir embora. Mas não consigo me livrar do olhar derrotado no rosto dela.

Assim que entro na toca, Jason me confronta, sibilando: "Onde você estava? Eu te disse para não ir! O Daston está em cima de mim desde que você desligou o celular."

Eu me livro do meu segundo em comando e vou para o meu escritório, mas Jason ainda não terminou. Ele fecha a porta atrás de si. "Você sabe que está pisando em gelo fino, não sabe?"

Eu me afundo na cadeira, esgotado. "Ela está entrando no jogo daquele Alfa, Jason. Ele cheira a sangue."

Jason parece tão frustrado quanto eu. "Grayson está na cola dela, Austin. Ele te viu na casa dela e se encontrando com ela. Se eu não o tivesse distraído daquela vez, os anciãos teriam descoberto que você dormiu com a Seline."

A raiva e a frustração são parceiros amargos. Posso ser o Alfa da alcateia de Stone Creek, mas não sou muito mais do que um fantoche.

Jason me estuda e suspira, afundando na cadeira à minha frente. "Sabe, Austin, você devia simplesmente falar com ela. Contar a verdade. Nem todo mundo encontra um companheiro destinado."

"Se eu contar a verdade, quem vai proteger esta alcateia?" Quero quebrar algo contra a parede, como meu próprio coração está se partindo. Não consigo comer nem dormir, meus pensamentos consumidos pela mulher de olhos tristes que devia ser minha. Toda vez que vejo Seline, ela parece cada vez mais abatida, por mais que finja o contrário. Ela perdeu peso, e eu me odeio por ser a causa disso. "Você viu o que eles tentaram fazer quando meus pais foram mortos. Daston tentou assumir a posição de Alfa e teria conseguido se eu não tivesse voltado a tempo. Se eu deixar o cargo por minhas próprias razões egoístas, não sei como as fêmeas da alcateia vão sobreviver. Você viu o que ele estava tentando fazer."

Parideiras. Acasalamentos forçados. Um harém. Destruir a voz feminina da alcateia.

São costumes antigos que agora são mal vistos nas alcateias, mas Daston está determinado a trazê-los de volta. Determinado a controlar as fêmeas da alcateia e arrancar a identidade delas. Se eu for embora, ele vai esmagar todas elas.

E depois, tem outra coisa.

Ainda não encontrei o assassino dos meus pais.

"Aquele lobo está na cidade," eu digo com firmeza. "Se ele está aqui, preciso de toda a ajuda que conseguir para caçá-lo."

Jason me observa. "Tenho pessoas vigiando o bar e sua companheira."

"Ela não é minha companheira," digo duramente, ignorando meu lobo que uiva em agonia. "Eu já a rejeitei."

Jason zomba. "Sério? Então, por que você comprou o complexo de

apartamentos onde Seline mora? Por que me pediu para baixar o aluguel e começar os reparos—"

Eu rosno para ele. "O prédio estava à venda, e você sabe que eu queria investir em imóveis faz tempo. É bom para nós termos fortes raízes financeiras nessa cidade."

E eu queria remover a presença daquele verme da vida da Seline. Dois pássaros, uma pedra. Mas parte de mim sabe que comprar um prédio em uma parte tão decadente da cidade pode não ter sido a melhor decisão financeira.

"Você é tão cheio de merda." Meu amigo de infância me encara. "Você está tão concentrado nos princípios e no bem maior da alcateia que não vê o que está fazendo consigo mesmo. *Ou com a Seline*. Ela está sofrendo—"

"Quando eu tiver uma companheira, o fio do nosso vínculo vai ser rompido para sempre. Ela vai ficar bem," argumento.

Mas a simples ideia me deixa enjoado. Tocar em outra mulher me deixa doente. Aquele encontro com a Raven que me foi imposto foi o momento mais insuportável que já passei com outra mulher. Já é ruim o suficiente não gostar da Raven porque ela tem a mesma mentalidade sedenta de poder do tio, mas ela passou a noite inteira tentando me tocar de maneiras não tão sutis. O beijo foi uma surpresa, e eu estava pronto para afastá-la quando senti uma sensação dolorosa e vi Seline me encarando.

Não confio que Raven não vai atacar Seline de novo.

Grayson estar cercando Seline, pronto para matá-la a uma ordem dos anciãos, já é ruim o suficiente.

"Precisamos fazer algo com o Grayson," digo, sombriamente. "Não posso ter um caçador que só serve o próprio mestre."

A expressão de Jason escurece. "O que você esperava? Daston o encontrou e o criou, e isolou ele dos outros membros da alcateia. Ele foi moldado desde o começo para ser a arma perfeita."

"Bem, enquanto não resolvermos esse problema, os anciãos vão ter controle demais sobre a alcateia," resmungo.

"Porque lidar com o Grayson vai ser *super* fácil," retruca Jason de forma cínica.

Ele não está errado. Grayson é uma máquina de matar, e nem eu tenho certeza se venceria em uma luta. O único que pode controlá-lo é o Daston.

"Mas pare de mudar de assunto." Meu amigo estreita os olhos. "Estamos falando da Seline."

"Não quero falar dela."

"Se você conversar com alguns dos membros da alcateia—"

"Jason."

"Eles gostam dela, Austin," interrompe meu amigo com veemência. "Em comparação com as outras candidatas, Seline até endireitou os juvenis. Ela ajudou nossas fêmeas a conseguirem empregos. Ela até ajudou algumas a se matricularem em cursos na faculdade comunitária. Mesmo depois de tudo que foi dito e feito, ela não diz não se elas precisam de ajuda. Se você conversar com elas—"

"Chega!" eu grito.

Jason congela e fica em silêncio.

"Nem mais uma palavra sobre a Seline. Ela e eu nunca vamos nos unir. Tudo o que aconteceu entre nós foi um acidente e nada mais. Tenho de proteger essa alcateia. Não posso tomar decisões no calor do momento. Você, mais do que ninguém, devia saber e entender isso. Você sabe o que está em jogo, Jason. Ou será que você está tão cego pela noção romântica de um companheiro destinado que se esqueceu de todas as fêmeas da alcateia que precisam da minha proteção?"

Meu amigo abaixa a cabeça, mas não diz nada.

Não que ele tenha a chance de tentar. Alguém bate na porta e, antes que eu possa responder, ela se abre para revelar Raven, vestida com uma blusa muito decotada. As roupas reveladoras não me surpreendem. A maioria das candidatas já tentou me seduzir.

"Você está ocupado?" Raven sorri para mim de forma lasciva.

"É óbvio que estou," digo, secamente.

"Ah," ela responde, acenando com a mão. "É só o Jason."

Vejo o desgosto nos olhos do meu amigo. "Estamos no meio de uma reunião importante," ele rosna.

Raven lança um olhar frio. "E acabei de insinuar que ela acabou. Então pode ir embora."

Um dos motivos pelos quais Raven tem uma atitude tão arrogante é o apoio de seu tio. E agora, ela supõe que seu papel como fêmea Alfa está garantido.

"Vamos resolver isso mais tarde, Jason," digo com frieza.

Jason dá de ombros e, quando ele está prestes a sair, eu chamo: "Deixe a porta aberta."

A mandíbula de Raven se contrai. Mas ela se recupera rápido.

"Quando você vai me levar para o nosso próximo encontro, Austin?" Ela vem por trás da minha cadeira e passa os braços em volta do meu pescoço.

Eu me afasto de seu toque. "É para isso que você está aqui, para desperdiçar meu tempo?"

Seus olhos se estreitam. "Não seja tão frio comigo, Austin. Meu tio —"

"—só fez de você uma candidata, Raven. Já não gosto muito de você."

Ela dá alguns passos para trás. "Isso é por causa daquela prostituta meio-sangue? Não sei do que você gosta nela, Austin. Ela pode ser sua companheira destinada, mas mal tem dinheiro para se alimentar e abre as pernas para pagar as contas. É esse o tipo de mulher que você quer para liderar essa alcateia ao seu lado?"

Infelizmente para Raven, não me irrita tão fácil. Ela pode dizer todas as coisas desagradáveis que quiser sobre Seline, mas sei que sua intenção é me fazer reagir, para poder correr para o tio, que então vai ameaçar Seline.

"Você já terminou?" pergunto com frieza. "Tenho trabalho para fazer."

Raven sorri. É um sorriso malicioso, que me deixa com os nervos à flor da pele.

"Sei que você não acredita em mim, mas vou provar para você. Na verdade, já tenho um plano em andamento."

Cada célula do meu corpo congela. "Do que você está falando?"

"Você me escutou," ela zomba. "Pedi para o Tony e os amigos dele seduzirem ela por dinheiro. E, mesmo que ela resista, eu disse para eles forçarem e ensinarem aquela vadia qual o lugar dela, que é debaixo deles. Ela—"

Em um piscar de olhos, Raven está lutando para respirar enquanto eu a prendo contra a parede, os pés balançando no ar.

"Seu tio pode ter algum poder nesta alcateia, mas eu ainda sou o Alfa. Posso te matar quando eu quiser, Raven, e não me importo muito com as consequências neste momento. Então cancele esse plano ou eu vou te encontrar e apresentar sua cabeça ao seu tio."

O medo em seus olhos é satisfatório. Eu pergunto: "Fui claro?"

Ela concorda com a cabeça desesperadamente, e eu a solto, deixando ela cair no chão. "Vá cancelar o plano. *Agora.*"

Ela sai correndo do meu escritório.

Minha mandíbula está tensa enquanto olho para a porta antes de fechá-la e sentar de novo. Fecho os olhos e me permito imaginar como teria sido minha vida se eu tivesse me permitido me aproximar de Seline e marcá-la como minha. Aquela noite entre nós se repete na minha mente toda vez que tento dormir. Meus dedos procuram por ela durante o sono, mas eu os enrolo em um lençol vazio.

Sinto-me um monstro por cada palavra que disse para ela e por toda vez que ela murmura as palavras cruéis para si mesma. Ela é forte, mas está quebrada, e eu a estou quebrando ainda mais.

Meu lobo geme, querendo sua companheira.

"Não podemos," murmuro sem esperança. "Não podemos ficar com ela porque tenho que proteger nosso povo."

Meu celular toca, e a distração é bem-vinda. É o Lexion.

"Chefe, sobre aquele mago, Sam. Tenho mais informações."

Eu me endireito, com os olhos frios.

Eu não posso ficar com a Seline, mas posso muito bem protegê-la.

Capítulo 22

Seline

Sinto-me estúpida por confiar em um lobo.

Não sei por que Loyd fez o que fez, mas depois que Austin saiu, pedi para ele me enviar a gravação. A Lacy demorou um pouco menos de duas horas para descobrir que o áudio inteiro foi adulterado.

"Quer dizer, se eu tivesse o original, seria mais fácil," admitiu minha amiga. "Mas se você isolar os sons de fundo, é bastante óbvio."

Para fazer tudo isso, Loyd deve ter mandado alguém seguir Austin.

Mas por que ele faria isso? Lembro-me de sua insistência para eu visitar a toca dele. *Não uma, mas duas vezes?*

Tem alguma coisa errada aqui.

Pensei em ligar para o Sr. Hamrington para informá-lo, mas me contive. Ainda não tenho certeza de nada. Acabo enviando uma mensagem de voz dizendo que estou preocupada com esse novo lobo Alfa. Sei que, se ele quiser discutir mais o assunto, vai entrar em contato comigo.

Passo o dia chuvoso arrumando alguns dos meus itens menores. Como o bar está sendo reformado, não preciso aparecer. Meu coração fica pesado quando olho para fora e vejo a chuva caindo.

Austin provou que estava tentando limpar meu nome, mas, no fim das contas, isso não significa nada. Ele ainda beijou outra mulher. Ele ainda tem uma opinião negativa sobre mim. E ainda me rejeitou.

Pego minha caixa de joias desbotada. Estou prestes a colocá-la em uma das caixas de mudança quando ela escorrega das minhas mãos. Suspirando pelo meu descuido, começo a recolher minhas bijuterias, mas percebo que tem várias faltando.

Eu franzo a testa. As que eu costumo usar estão faltando. Eu andei tão distraída esses dias que nem percebi.

Procuro em todos os cantos e esconderijos, mas não encontro nada. Isso não é normal. Não é possível que eu tenha perdido joias que uso todos os dias. Não é que elas sejam caras, mas não sou o tipo de pessoa que perde coisas.

Deixando a caixa e as joias espalhadas como estão, fico olhando para elas do meu assento no sofá. Sinto um pensamento incômodo na parte de trás da minha cabeça, mas não consigo—

Quando me dou conta, pego meu celular.

Austin atende no segundo toque. "O que aconteceu?"

Será que ele atende todo mundo desse jeito?

"De onde vinha exatamente o meu cheiro nos corpos daquelas duas mulheres?" pergunto devagar, com meus olhos fixos nas joias espalhadas no chão.

Uma longa pausa. Em vez de me repreender, ele responde: "Você caiu sobre o corpo de Marsha, então em muitos lugares, mas o pulso direito e o pescoço dela tinham o cheiro mais forte. E Nadine, as orelhas e o pulso."

"Elas estavam usando algum tipo de joia?"

Descrevo as peças que estão faltando, e o silêncio do outro lado é pesado quando termino.

"Onde você está?"

"Em casa."

A ligação termina abruptamente. Fico olhando para o celular, irritada.

Que falta de educação.

Talvez eu tenha soada ridícula. Sinto-me muito idiota agora por ter ligado para ele.

Levanto para fazer um chá e despejo um pouco da poção nele para disfarçar o gosto. Talvez minha memória também esteja falhando.

Isso seria divertido.

Quando estou prestes a colocar a poção no chá, escuto uma batida

na porta.

Eu me retraio na hora, percebendo que minhas habilidades de mago continuam a desaparecer, já que não sei quem ou o que está lá fora.

Quando abro a porta e dou de cara com Austin, fico olhando para ele. "O quê?"

Ele passa por mim, pingando água no meu tapete limpo.

"Ei, cuidado!" Eu o empurro para longe. "Eu já vendi esse!"

"O quê?" Ele parece confuso.

"Por que você está *aqui*?" Estou ficando ansiosa. Quero que ele saia da minha casa.

"As joias que você mencionou estavam nos corpos das duas vítimas." Austin olha para mim. "Elas são suas?"

"Não consigo encontrá-las." Meus dedos se fecham em um punho. "E eu uso elas todos os dias, então foi só uma ideia. Eu não pensei—"

"Quero ver se alguém invadiu seu apartamento recentemente."

"Você esteve aqui não faz nem uma semana. Não acha que teria notado?" pergunto.

Austin me olha por um longo tempo. "Existem jeitos de esconder seu cheiro, até mesmo de lobos com os melhores narizes. Mas alguns sinais são impossíveis de esconder."

Não posso impedi-lo de investigar o apartamento. Pelo jeito como sua expressão se enrijece, sei que ele encontrou alguma coisa.

"Alguém esteve aqui," ele finalmente diz. "E não uma vez, mas várias." Ele olha para mim. "Pensei que você pudesse sentir quando alguém entra no seu território."

Não digo nada por um instante antes de dar de ombros. "Ele me lança um olhar incrédulo e eu digo rapidamente: "Você pode ir agora."

Mas Austin está olhando em volta. "Por que está fazendo as malas?"

"Não é da sua conta."

"E o que é isso?" Ele pega o frasco de poção.

Tento agarrá-la, mas não consigo. Ele a segura acima de minha

cabeça, estudando o rótulo.

"Você está doente?" Austin pergunta, franzindo a testa quando consigo pegá-la de volta. Ele olha por cima do meu ombro, com os olhos estreitos. "O que está acontecendo, Seline?"

Acompanho seu olhar e percebo que deixei todas as poções sobre a mesa.

"Vá para casa," digo com firmeza.

"Não vou a lugar nenhum até você me dizer por que tem tantas poções de cura," ele rosna.

"Não é seu trabalho me questionar," digo com frieza.

"Você tem poções de cura e está fazendo as malas." Seu maxilar está tenso. "Você está indo para algum lugar, não está? Está indo embora."

"É claro que estou," finalmente sibilo. "Não vou ficar aqui e deixar você fazer isso comigo. Vou embora em mais dois meses. Você nunca mais vai ter que ouvir falar de mim. Não vai me ver, nem ter de se preocupar comigo. Vai ser como se eu nunca tivesse existido."

Seu rosto fica branco. "O quê?"

"Vai embora, Austin." Sinto minha energia cair. "Não posso fazer isso agora."

Percebo que ele quer ficar e conversar, embora eu sinceramente não entenda porquê.

"Se você não for embora, eu vou," digo calmamente.

Ele me lança um longo olhar cheio de uma emoção que não consigo entender, e então se vai.

Desabo no meu sofá, mentalmente esgotada demais para me importar que, aparentemente, alguém está invadindo minha casa.

*** **

Às vezes me pergunto se sou uma eterna otimista por pensar que vou ter um dia sem preocupações, problemas ou propostas ridículas como a que me foi feita agora.

Fico olhando para os três homens e para a nota de cinquenta dólares no balcão. "*O que é que foi?*"

Eles não são juvenis. São adultos. E eu sei que são da alcateia do Austin, e é por isso que estou ainda mais furiosa.

"Só queremos saber como você é entre os lençóis." O que está no meio pisca para mim.

"Isso aí," diz seu colega, rindo. "Fiquei sabendo que você abre as pernas para qualquer um. Aposto que não vai se importar de ajoelhar agora mesmo e me fazer um boquete."

O terceiro ri e, quando eu não respondo, o do meio faz uma cara de surpresa. "Ah, cinquenta dólares são demais para você? Não sabemos seus preços normais, saca?"

"Aposto que ela nunca viu tanto dinheiro na vida. Tem cara de que vai se ajoelhar por dois dólares."

Eles riem em uníssono.

Sinto uma raiva fria se enraizar dentro de mim. "Vou dizer isso só uma vez, então prestem atenção. Se vocês não saírem desse bar nos próximos dois minutos, vão se arrepender de ter aberto a boca."

O do meio estreita os olhos. "Então, você acha que é boa demais para nós?"

Se o bar não estivesse fechando e vazio, tenho certeza que um dos clientes teria arrastado esses três idiotas para fora. Mas estou aqui sozinha, como sempre, então tenho que aguentar o que quer que seja.

"Vamos lá, então. Segurem ela e vamos mostrar o que os homens de verdade podem fazer," zomba o do meio.

Minhas habilidades de mago podem estar fracas, mas não desapareceram completamente.

E não me importo com o dano que estou prestes a causar.

Eu agarro o balcão. Antes que eles possam reagir, o piso treme, os ladrilhos se estilhaçam quando as vinhas os cortam, agarrando os três homens.

Como não são crianças, conseguem se desvencilhar dos cipós, mas mais deles irrompem à medida que minha raiva cresce.

Não sei quem os enviou ou o que estavam tentando provar, mas essa é a última gota.

Os três machos não conseguem se desvencilhar de tantas vinhas, e aproveito a oportunidade para ligar para Austin, rosnando para ele:

"Venha pegar seus malditos lobos. Estou cansada desse assédio!"

Desligo o telefone, sem esperar por sua resposta. Minhas mãos tremem enquanto observo os machos lutando para se soltar. O do meio consegue se livrar e vem correndo na minha direção. Vejo a morte em seus olhos, então reúno todo o poder que ainda me resta e estendo minha mão, desferindo o maior choque da vida dele.

Posso sentir o cheiro de sua carne queimada quando ele é jogado para trás.

Tudo fica quieto depois disso, exceto os dois homens gritando por Garrett e Garrett atordoado no chão, lutando para se levantar.

Austin chega em algum momento no meio disso. Ele devia estar por perto.

Mal consigo ficar de pé enquanto aponto para os três, respirando com dificuldade. "Eles queriam comprar meus serviços, já que você e sua alcateia acham que sou pouco mais que uma prostituta." Agarro o encosto da cadeira, tentando ficar de pé, mesmo com lágrimas de raiva queimando meus olhos. "O que é isso, Austin? O que está tentando fazer comigo?"

Tem manchas escuras na minha visão, mas eu o vejo se voltar contra os três machos de rosto branco. O que se segue é o mais próximo de um banho de sangue que já vi. Ele os espanca até um centímetro da morte.

Fico observando, atordoada, com os joelhos fracos. Escuto gritos, berros, súplicas.

Estou insensível. Estou esgotada de tudo.

Eu o escuto rosnando para eles e me permito imaginar que ele está defendendo minha honra. Pelo menos, é um belo sonho.

Mas mal consigo enxergar, meu mundo inteiro está ficando escuro.

A última coisa que escuto é a voz de Austin chamando meu nome.

Capítulo 23

Seline

É o som do bipe que me acorda. Irritada, tento desligar o despertador, mas meu corpo está pesado demais.

E então, eu escuto as vozes.

"Como assim, desfalecendo?"

Parece o Austin. Se é que o Austin já soou ansioso e assustado.

"Exatamente o que eu disse," diz uma voz feminina. "Ela está só pele e osso, o que já é ruim, mas o lobo dela está morrendo, Austin. Posso aplicar um pouco de magia de cura, mas não mais do que isso. Não posso salvá-la."

"Você precisa salvá-la, Tammy. Você *tem* que salvá-la. Ela não pode morrer assim!"

Nunca ouvi Austin parecer tão perturbado, e me pergunto se estou sonhando.

"É por isso que você não rejeita um vínculo destinado—"

"*Não era para ela morrer, Tammy!*" Austin ruge.

"Pare de gritar na minha ala," diz Tammy com firmeza. "E o que você esperava que ia acontecer, Austin? Posso saber? Ela é uma híbrida. É claro que ia reagir negativamente a um vínculo rejeitado. Só Deus sabe o quanto ela sofreu até agora. Não deve ter sido fácil."

Minha mente ainda está rodando enquanto escutando uma conversa que não parece real.

Eu afundo de novo e então escuto: ". ..Daston disse?"

"Eu mesmo vou lidar com aquele desgraçado." O tom de Austin é sombrio. "Esses três não vão falar tão cedo assim. E Raven sabe o que

farei com ela se ela falar. Eu não sei mais o que fazer, Tammy."

Escuto um farfalhar e um silêncio: "Você não pode continuar fazendo isso consigo mesmo, Austin. Está te cobrando um preço. Seus pais não iam querer—"

"Eles iam querer que eu protegesse a alcateia."

"Mas a que custo? Você está perdendo sua companheira, Austin. Se ela morrer, acabou. Tudo isso vai ter sido em vão."

"Mas e se você puder salvá-la?"

Por que ele parece tão desesperado?

"Não posso salvá-la, Austin," diz Tammy gentilmente. "Só você pode. Mas precisa decidir qual é a sua prioridade."

Depois disso, há um silêncio pesado.

E então, não me lembro de nada.

*** **

Dessa vez, o bipe desapareceu quando eu acordo. Pisco os olhos para o teto branco, me sentindo estranhamente energizada.

"Você acordou."

Reconheço a voz, mas não o rosto.

Tammy.

Minha memória relembra os trechos de conversas que ouvi. Fico olhando para ela, sem saber o que dizer.

"Como está se sentindo agora, querida?"

Tammy não é muito mais velha do que eu em termos de aparência, mas tem uma certa suavidade.

Fêmea maternal. Curandeira.

Não demora para entender o que aconteceu. "Como se eu tivesse acabado de acordar depois de um longo cochilo."

Ela sorri para mim. "Isso é bom, então."

"Onde estou?"

"A enfermaria da alcateia," diz Tammy, me observando. "Acho que

não preciso te dizer qual."

Meu estômago afunda. "Ele não devia ter me trazido aqui. Austin devia ter me deixado sozinha lá. Eu ia ficar bem."

"Não, não ia," Tammy me diz com firmeza, me entregando um copo de água. "Você se esgotou completamente. Se ele te deixasse lá, você teria morrido naquela noite e não em um ano."

Quando a encaro, ela me dá outro daqueles sorrisos tranquilizadores. "Eu sou uma curandeira, Seline. É claro que eu sei."

"Você contou para o Austin, não foi?" Fecho os olhos, já sabendo a resposta, mas meu coração ainda afunda quando me escuto dizer as palavras.

"Ele tinha o direito de saber."

"Ele *não* tem o direito!" eu explodo, minha raiva se expandido ao me lembrar da dor em sua voz. Essa situação é confusa demais para mim. "Depois do que ele me disse, ele não tem direito de nada!"

Tammy não me diz para me acalmar ou baixar a voz. Em vez disso, ela espera, me oferecendo mais água.

"Austin quer falar com você," ela me diz quando consigo me acalmar. "Agora, ele está lidando com as consequências de te trazer para cá. Toda a ala está em alerta máximo."

Quando não digo nada, ela dá um tapinha no meu ombro. "Você tem todos os motivos do mundo para estar furiosa, Seline. Mas converse com ele."

Ela não diz mais nada, e fico feliz quando ela vai embora. Assim fico sozinha com meus pensamentos.

Não quero esperar por Austin. Não quero ouvir mais palavras duras ou insultos. Não me importa o que ouvi enquanto estava semiconsciente. Provavelmente sonhei com toda essa merda.

Depois de meses sendo rebaixada e tendo minha autoestima esmagada de todas as formas possíveis, não acredito em nada do que Austin diz. Não posso confiar nele.

Ele pode ter um milhão de razões para ficar chateado quando soube o que estava acontecendo comigo. Mas a única em que não acredito é que ele se importa comigo.

*** **

Quando Tammy disse alerta máximo, ela estava falando sério.

Não vejo ninguém entrar e sair da enfermaria, exceto um punhado de pessoas em quem Austin confia. Conheço todas pelo nome, mas me recuso a falar com elas, mesmo quando tentam conversar. Pode parecer rude, mas sinto que estou em território inimigo.

Austin ainda não veio me ver, e estou grata por isso. Peço para Tammy para ir para casa, mas ela me diz para esperar.

Esperar pelo quê?

Felizmente, não preciso esperar muito porque Jerry aparece dois dias depois, parecendo tenso.

"Todo mundo na alcateia está brigando. As coisas não estão boas," ele confessa. "Daston quer te punir pelo que aconteceu com seu sobrinho e os amigos, e Raven está confinada no quarto. Austin está furioso. Eu nunca vi ele tão bravo antes, Seline."

"Jerry." Olho para o garoto. "Você pode me ajudar a sair daqui?"

Ele pisca os olhos enquanto come minha gelatina descaradamente. "Por que você quer ir embora? Não é melhor aqui?"

"Não posso ficar."

Ele parece abatido agora. "Então você não vai ficar na alcateia?"

Não tenho forças para me sentir mal por ele. Ele é minha única chance de escapar.

"Eles não me deixam sair," digo. "Você não pode me ajudar?"

Jerry parece duvidoso. "Não sei, Seline. Não é que não quero me meter em encrenca. Não acho que seja seguro para você lá fora. Acho que você está mais segura aqui."

"Essa decisão é minha, Jerry." Eu lhe dou um olhar firme. "Eu me viro para chegar em casa. Só preciso que você me ajude a sair daqui."

Jerry finalmente cede, coçando a cabeça. "Cara, Austin vai me matar."

*** **

Jerry me acorda nas primeiras horas da manhã. Ele parece pálido. "Austin acabou de sair do seu quarto, então achei que agora seria uma boa hora."

"Ele estava aqui?" Eu lhe dou um olhar estranho.

"A noite toda." Jerry espera eu sair da cama. "Ele estava cuidando de você. Você ficou um pouco doente ontem à noite, sabia?"

Eu *não* sabia. Mas a ideia de Austin me vigiando durante a noite me faz sentir estranha.

Eu afasto essa sensação. "Vamos lá."

Enquanto Jerry me guia pela toca, ele olha para mim. "Você sabe que Austin não te sequestrou, certo?" Ele parece um pouco nervoso. "É que você não acordava e ele teve que te trazer para a Tammy."

"Eu sei." Toco seu ombro.

É a parte de não me deixar sair que me deixa nervosa.

Para dizer a verdade, sei que as palavras e ações passadas de Austin estão em conflito com suas palavras e ações atuais. Mas já estou cheia.

Sair escondida não é tão fácil, mas Jerry consegue me levar ao estacionamento, onde Lou e outros dois estão esperando com um jipe.

Respiro aliviada quando finalmente saio do território da alcateia. Olho para as expressões nervosas nos rostos dos meninos e me sinto grata. Fazer o que eles fizeram não foi fácil nem sem consequências, mas eles conseguiram.

Olho pela janela enquanto o jipe rola pelo terreno acidentado e meus pensamentos se voltam para Austin. Agora que estou longe da alcateia, me permito pensar no que aconteceu até agora. Sei que desmaiei no bar, mas o que mais me lembro é da raiva desenfreada de Austin e de como ele atacou aqueles homens. Ainda posso ouvir seus uivos enquanto ele descarregava sua fúria sobre eles. Pelo que Jerry me disse depois, eles estão em estado crítico.

Então, por que eles não estavam na enfermaria?

E então me lembro do que Austin disse para Tammy, quando achou que eu não estava ouvindo. Ele falou como qualquer companheiro preocupado teria, como se nunca tivesse dito uma palavra dura para mim.

É tudo muito confuso. Não sei em que acreditar e *não vou* mais ter esperança.

Jerry me deixa no meu apartamento. Eu espero eles saírem antes de entrar. Assim que giro a chave na fechadura, sinto uma sensação estranha me invadir.

Sou empurrada contra a parede do corredor, com uma figura corpulenta em cima de mim. "Você foi avisada, meio-sangue!"

Enquanto suas garras se cravam no meu pescoço, vislumbro a expressão horrível do meu agressor. Com cicatrizes por todo o rosto, ele está fazendo meu lobo normalmente silencioso rosar.

Esse macho é perigoso.

Envio uma corrente pelo meu corpo para afastá-lo, mas ele só dá um passo para trás. "Disseram para você ficar longe do Alfa, meio-sangue. Tenho uma mensagem para você agora."

Ele levanta a mão e me golpeia no rosto, me fazendo gritar de dor. Ele é forte demais para mim. Sua força é monstruosa e sua aura é tão sedenta de sangue que não consigo controlar meu medo e *pensar*.

"Vou ficar com seus olhos por enquanto." Ele mostra os dentes para mim. "E se você insistir, volto para pegar sua língua."

Suas mãos se transformam em garras e o horror me agarra pela garganta.

Não consigo tirar ele de mim.

Solto um grito sufocado quando suas garras se aproximam dos meus olhos, mas, de repente, todo o seu peso desaparece. Meus olhos se abrem e vejo uma figura familiar parada na minha frente.

O prefeito Hamrington parece irritado. "O que é com você e arranjar encrenca, Seline?"

Ele enxuga as mãos em um lenço limpo, sem sequer olhar para o lobo que está lutando para se levantar.

Enquanto tento engolir mais ar, o vampiro me observa. "Você destruiu meu bar."

"Eu estava me defendendo," consigo dizer.

"Eu vi o vídeo de segurança." Ele acena com a mão. "Eu cuidei de tudo depois que seu companheiro foi embora."

"Espera." Eu pisco os olhos. "Você estava lá? Deixou que ele me levasse? Eu fiquei refém por três dias!"

O prefeito levanta uma sobrancelha. "Você estava com seu companheiro. Achei que era isso que você queria. Além disso, se você fosse uma refém, eu a teria resgatado." Ele dobra o lenço com cuidado. "Você é um dos meus, afinal de contas."

Estou tentando entender. "Espera, você fez alguma coisa com meus agressores?"

"Aqueles machos arrogantes?" O prefeito me estuda, sem nem um olhar de lado para o lobo que está se levantando. "Eu vicie um pouco o cérebro deles. Estão permanentemente incapacitados. Não vão conseguir mais se alimentar, muito menos olhar na sua direção. A propósito, você me deve pelos danos. Vou descontar de seu salário. E espero que você supervisione os reparos."

Não consigo entender como ele está tão calmo, sem um ping de incomodo.

Mas antes que eu possa dizer uma palavra, o prefeito não está mais ao meu lado, tendo agarrado o lobo pelo pescoço e o atirado pela janela aberta. Meus olhos se arregalam em choque com seus movimentos fáceis.

"Não gostei desse tipo," comenta o vampiro. "Te vejo no trabalho amanhã. Não se atrase."

Ele sai sem outra palavra, e eu fico ali parada, atônita.

O que acabou de acontecer?

Capítulo 24

Seline

O prefeito Hamrington não estava brincando sobre meu salário e a supervisão dos reparos.

Velho avarento!

Olho para meu salário miserável desse mês. "Como vou comer com isso? Ou pagar o aluguel?"

Ele me olha sem se incomodar. "Eu já forneço uma refeição por turno. E não sei por que ainda está pagando aluguel quando seu companheiro é o dono do prédio. Resolva isso com ele."

Meu queixo quase cai no chão. "Como é que é? Repete isso para mim."

"Seu companheiro comprou o prédio." O vampiro olha para mim como se eu fosse uma mosca particularmente irritante.

"Quando?!"

"Já faz algum tempo. Ele enviou uma mensagem enfática ao seu antigo proprietário. Você devia ter me dito que aquele homem estava tentando extorquir favores sexuais. Isso é simplesmente inapropriado."

"Eu te *disse*." Eu faço uma careta. "Você me disse para me virar."

O vampiro parece surpreso. "Você disse? Eu devo ter me esquecido. Acho que a velhice está chegando—"

"Ah, pare com isso!" rosno frustrada, já na metade do caminho para fora do escritório. "E ele não é meu companheiro! Ele não me quer!"

O prefeito parece um pouco divertido, mas me deixa ir embora. Ao sair de seu escritório, quero bater o pé como uma criança.

Austin comprou meu prédio?

Fico olhando para o meu reflexo em uma das vitrines da butique ao lado da prefeitura e tento pensar. Na época em que Raven e suas comparsas tentaram me atacar, Lacy me contou sobre a mudança de proprietário. Eu não prestei muita atenção na época, mas agora esses pequenos detalhes são muito suspeitos.

Mas por que ele fez isso quando sempre me dizia para não me envolver, para ficar longe dele?

Tantos pensamentos correm soltos pela minha cabeça que não consigo pegar só um e me concentrar nele.

Meu telefone toca. Eu olho para a tela e vejo o nome de Austin no identificador de chamadas. Corto a chamada.

Já estou confusa demais. Falar com ele não é uma boa ideia no momento.

Decido me sentar em um dos bancos do parque. Pelo menos em público, estou segura.

Mal termino de me acomodar quando alguém se senta ao meu lado. Olho para ver Sam.

"Você está machucada de novo," ele diz sombriamente.

Toco a cicatriz no meu rosto. "Estou usando uma das suas poções. Ela vai desaparecer."

Sam franze a testa. "O que aconteceu?"

Solto um suspiro pesado, encostando minha cabeça no encosto do banco. "Por onde começar? Fui atacada, depois salva, depois sequestrada, depois salva de novo – eu acho – depois atacada e depois salva de novo. E acabei de descobrir que meu salário foi cortado porque quase destruí o bar."

Nem sequer olho para ele, cansada demais.

"Doce?" ele finalmente oferece, e eu abro um olho para vê-lo segurando a bala na minha frente.

Eu aceito e abro a embalagem, colocando a guloseima familiar na boca.

"Essa é a coisa mais legal que me aconteceu em dias," suspiro, um pouco mais feliz. *Mas o que será que isso diz sobre mim?*

"O que aconteceu com seus agressores?" Sam finalmente pergunta.

"Eles estão em um..." Eu paro. "Em um lugar não muito bom no momento. Austin chegou lá a tempo e, ontem, o prefeito apareceu inesperadamente e me salvou. Eu não costumava ser uma donzela em perigo, sabe." Faço uma carranca de repente, irritada com o rumo da minha vida. "Eu era durona. As pessoas tinham medo de mim."

Sam dá um tapinha nas minhas mãos. "Dá para ver que você era. E ainda é. É só que a vida te deu uma mão ruim no momento."

"Sim, é isso mesmo." Eu me afundo mais no banco, me sentindo infantilmente melhor depois desse conforto. Suspiro novamente. "A vida está uma bagunça agora. Quando penso que algo está claro, descubro outra coisa que complica tudo."

"Você está falando daquele lobo Alfa, aquele que devia ser seu companheiro destinado." A voz de Sam é sombria.

A essa altura, não me surpreende que ele saiba.

"Ele foi horrível comigo, Sam," confesso. "Ele vivia me rejeitando, dizia coisas horríveis para mim, me atacava nos meus pontos mais vulneráveis. Quando eu estava prestes a deixar a cidade, descobri que ele talvez não me odiasse completamente. Não sei qual parte é verdadeira. Ele comprou o prédio onde moro porque o proprietário anterior me assediava. Ele baixou o aluguel, talvez porque soubesse que eu já estava vivendo a pão e água. Ficou furioso quando fui atacada no bar. E agora, parece que eu não sei mais nada." Olho para Sam, esfregando as mãos no rosto. "Se alguém faz todas essas coisas, não pode te odiar completamente, pode?"

A expressão de Sam escurece. "Não vou mentir, Seline. O que seu companheiro fez com você é muito cruel. Não aceite os restos de bondade que ele ofereceu e interprete como algo mais do que são. Não acho que tenha espaço para perdão no seu coração. E mesmo que tenha, a confiança que devia existir já foi quebrada por ele há muito tempo. Se ele de repente mudar de opinião, só por isso você precisa perdoar tudo que ele fez?"

Suas palavras me prendem no lugar. Isso é o que tem me consumido.

"Olha, Seline." Sam olha para mim com seriedade. "Vou embora em mais ou menos um mês. Por que você não vem comigo? Gosto da sua companhia e posso te mostrar muitos lugares, já que me desloco bastante. E posso te ensinar mais sobre seu lado mago, te ensinar magia avançada. Você vai estar com outros da sua própria espécie."

Fico olhando para ele. Sua oferta é honestamente mais do que incrível – uma chance de deixar essa cidade e não ficar sozinha. Mas um ano é tudo o que tenho, e minhas habilidades de mago estão se esvaindo. Por mais adorável que seja a oferta de Sam, e por mais que eu adorasse viajar com alguém que me trata tão bem, sei que não posso.

"Obrigada, Sam," digo, pegando a mão dele. "De verdade. Mas acho que isso não é mais possível para mim. Acho que vou deixar a cidade sozinha. É o melhor para todos."

Percebo que ele quer dizer algo, mas largo sua mão. "Tenho que ir trabalhar. Vejo você mais tarde, ok?"

Ele não me impede, mas sua expressão abatida me faz sentir mal. Mas o que posso fazer? Não posso mudar meu destino.

*** **

Quando chego ao meu turno no Benny's, alguém já está esperando por mim.

"Ah, meu Deus!" Olho feio para Austin. "Você colocou um GPS em mim?!"

"Por que você foi embora?" Ele agarra meu pulso e me puxa para uma área mais reservada. "A Tammy disse para você ficar quieta!"

"Bem, é uma história engraçada." Eu arranco meu braço da mão dele. "Não tenho que te obedecer. Entendeu agora?"

Vejo a habitual mistura de raiva e frustração em seu rosto. "Você não está segura, Seline! Por que não consegue entender isso?"

"Ah, eu sei." Eu fixo um olhar firme nele. "Um dos seus lobos apareceu e tentou arrancar meus olhos da minha cabeça como punição por não ter ficado longe de você. Ele me deixou com uma bela cicatriz, como você pode ver."

A expressão de Austin se intensifica. "*Quem foi?*"

"Um bruto grande e feioso com cicatrizes por todo o rosto e—"

"Grayson," Austin respira. "E você ainda ficou lá?!"

"Já cuidei dele." Dou de ombros, muito mais confiante agora do que estava no dia. "Mas estou começando a achar que quanto mais perto de você, mais perigo eu corro."

Seu rosto empalidece. "Só estou tentando te manter viva—"

"Por quê?" pergunto abruptamente. "Não sei qual de nós dois tem mais dificuldade em compreender que você me rejeitou, que já tem intimidade física com outras fêmeas, que acha que não sou digna de ser sua companheira. Eu fiz as pazes com isso. Por que você não consegue?"

Ele está paralisado no lugar. Eu o pressiono impiedosamente. "Sei que você sabe a verdade, Austin. Estou morrendo. Mas agora que você sabe, isso deve tornar as coisas ainda mais fáceis para você. Vou embora daqui, para um lugar bem longe de você, um lugar onde eu não tenha que ver ninguém, nem escutar palavras cruéis e verdades amargas sobre mim mesma. Você nunca mais vai ouvir falar de mim. Não vai mais me ver. E, quando eu morrer, qualquer que seja o vínculo que nos une, ele vai desaparecer e você finalmente vai ficar livre de mim. Isso não é uma boa notícia?"

Parece que eu dei um soco no estômago dele.

"Minha vida era decente, sabe." Eu o olho nos olhos enquanto falo. "Era decente até eu te conhecer. Era uma existência miserável, é claro, mas eu estava sobrevivendo. Foi preciso te conhecer para realmente perceber que estou tão cansada de estar viva – você, suas palavras e como você adora me colocar no meu lugar. A morte vai ser um doce alívio a essa altura. Então, vá embora. Me deixe em paz. Estou cansada de você e da sua alcateia."

"Seline—"

"Tenho que trabalhar." Eu me viro e me afasto antes de olhar por cima do ombro. "Não se preocupe. Vai ser como se eu nunca tivesse existido."

Eu o deixo ali parado, um pouco satisfeita com a mancha de dor em seus olhos. Eu não me importo. Simplesmente não me importo. Quero que ele sinta um pouco da dor que eu senti.

Austin acaba indo embora, e eu continuo com meu trabalho.

É durante o intervalo para o almoço que Jess vem se sentar comigo. Como não costumamos almoçar juntas, fico um pouco surpresa.

"Onde estão Anna e Bertha hoje?" pergunto.

Ela parece um pouco tensa. "Não quiseram vir. Muito assustadas."

"Assustadas?"

Ela pisca para mim. "Achei que você soubesse. Você não estava na toca?"

O tom casual da voz dela me faz estremecer. "Não por escolha. O que aconteceu?"

"O sobrinho de Daston e seus amigos," diz Jess com amargura. "Os anciãos da alcateia estão furiosos e disseram que, se virem alguém interagindo com você, essa pessoa vai ser rotulada como traidora e executada. Austin disse que não vai permitir algo tão ridículo, mas Daston é assustador. Austin pode ser o Alfa, mas Daston é quem detém muito poder. Se ele pode forçar Austin a um acasalamento, o que ele não pode fazer?"

Franzo a testa, sentindo uma pontada de inquietação. "Como assim, forçar Austin a um acasalamento?"

Jess abaixa a voz. "Quando os anciãos descobriram sobre você, eles ameaçaram o Austin. A menos que ele escolha uma companheira de quem eles aprovam, eles vão se livrar de você."

Meu garfo cai no prato com um estrondo alto. "Mas Austin me rejeitou porque ele quis. Ele tinha um monte de razões."

Jess parece um pouco cansada. "Não porque ele quis. *Ele não teve escolha, Seline.*"

Capítulo 25

Seline

Eu fico paralisada. "Desculpe?"

Jess molha os lábios, parecendo culpada. "Austin não te rejeitou porque quis. Se ele escolhesse você, teria que deixar a alcateia. Acho que ele não teria se importado. Mas o fato é que, nesse momento, a única coisa entre os anciãos e as fêmeas da alcateia é o Austin."

Eu já sabia que a alcateia de Stone Creek era um pouco mais tradicionalista do que o normal, mas a declaração de Jess parece bizarra.

Empurro meu prato para longe. "Do que você está falando?"

Jess parece nervosa. "Estava indo tudo bem quando os pais do Austin estavam vivos. Eles mantinham os anciãos da alcateia sob controle. Mas quando Austin estava fora, fomos invadidos por outra alcateia e nosso par Alfa foi morto. Daston decidiu assumir o papel de Alfa e colocou seu filho adotivo, Grayson, como caçador da alcateia. Graças a Deus, Austin voltou a tempo e assumiu o comando, porque já era um Alfa em treinamento. Ele até removeu o Grayson. Mas depois nosso antigo caçador foi encontrado morto, e Grayson o substituiu. Desde então, a alcateia está uma bagunça."

"Grayson é...?" O nome é muito familiar.

"Ele é um macho aterrorizante, com uma cara horrível." Jess estremece. "Ele nunca fala com ninguém, mas é a maior arma de Daston."

O caçador da alcateia. Grayson.

Então foi ele quem me atacou naquela noite. Austin falou dele.

"Os pais de Austin nunca teriam permitido que Grayson fosse o caçador, mas Austin já estava lidando com as consequências do

ataque. Já se passaram anos, e ele ainda está procurando o homem com a tatuagem de águia."

"Quem?"

"O Alfa da alcateia que matou seus pais. Austin não o viu, mas um dos nossos lobos viu. Só seu braço com a tatuagem. Austin está determinado a se vingar. Todos nós queremos vingança. Nossa alcateia foi destruída naquela noite." A expressão em seus olhos é pesada. "Os pais dele eram incríveis e, antes daquela noite, Austin não era o homem rígido e de olhos duros que é hoje. Ele costumava rir e relaxar. Brincava conosco em nossas formas de lobo. Mas tudo mudou em uma noite. Agora ele tem que enfrentar Daston e seus planos insanos."

"Que tipo de planos?" pergunto devagar, sem ter certeza de que quero saber.

"O Daston quer reintroduzir parideiras na alcateia," diz Jess com um arrepio.

O ar fica preso na minha garganta. "É uma prática proibida!"

"Bem, ele quer reintroduzi-la. Muitos dos machos mais velhos são a favor, mas eles fazem parte da facção dele. O problema é que, se ele conseguir, não vão ser só "despojos de guerra," como ele adora dizer. Ninguém vai estar segura. Você sabe como as alcateias funcionavam quando isso ainda existia. Nenhuma mulher ou menina era poupada, independentemente da idade. As fêmeas abandonavam suas alcateias e as mães fugiam com suas filhas."

Lembro de ter lido sobre tudo isso. Parideiras se tornaram populares durante as guerras que ocorreram séculos atrás. Querer reviver uma prática tão vil me dá vontade de vomitar.

"Não é só isso." Jess está pálida agora. "O Daston está pressionando para acabar com *toda* a educação feminina. Ele quer que as fêmeas da nossa alcateia fiquem na toca. Ele quer remover as que estão em nossas forças de combate e em nossos cargos superiores. E ameaçou aquelas que se recusam a ser acasaladas ou que ainda não encontraram um parceiro de serem acasaladas à força com machos mais velhos, como segundas parceiras."

Eu já sabia que tinha algo de errado com essa alcateia, mas isso é nauseante.

"Austin é tudo o que temos para nos proteger," continua Jess. "É por isso que, quando você apareceu, ele teve que tomar uma decisão."

Escolher você e nos deixar à própria sorte, ou nos escolher e sacrificar a felicidade dele. Ele nos escolheu, e agora está pagando o preço. Os anciãos o ameaçaram dizendo que, se ele não escolher uma companheira dentro da alcateia, eles vão te machucar. Toda vez que Austin te mostra qualquer sinal de bondade ou afeição, eles o ameaçam. Estão atacando enquanto ele tenta proteger você e nós ao mesmo tempo. E quando o sobrinho do Daston foi atacado, as coisas ficaram muito ruins. Ele quer se vingar de você, e Austin está no caminho dele." Ela afunda a cabeça em suas mãos. "Não sei o que vai acontecer agora."

A tristeza em sua voz me faz estender a mão para confortá-la, mas estou zozona. Isso é muito pior do que qualquer hipótese que eu tenha imaginado. De repente, muita coisa começa a fazer sentido.

"Eu..."

"Então é isso que você faz quando está livre, Jess?"

Jess se levanta, com o rosto pálido como se tivesse visto um fantasma.

Vejo a Raven parada na porta. Seus olhos estão frios de raiva. "Sua vadia. Você tem coragem de sentar aqui e discutir assuntos da alcateia com uma prostituta como ela? Sabe o que vou fazer com você?"

Raven avança, e imediatamente estendo minha perna, fazendo ela tropeçar. Enquanto ela se equilibra, eu digo: "Volte ao trabalho, Jess. Eu cuido do lixo."

Os olhos de Raven se arregalam de fúria. "O que você disse, sua cachorra?"

Jess se afasta, e eu sorrio para Raven. "Eu chamei você de lixo. Como você é. Eu disse algo errado?"

Sinto uma dormência fria dentro de mim depois de finalmente ouvir a verdade, que rapidamente se transforma em raiva ao ver Raven.

Ela avança para mim, rosnando. "Você acha que tem chance porque Austin te trouxe para a toca? Ele já concordou em acasalar comigo hoje de manhã."

Engulo o soco e curvo meus lábios. "Você deve estar desesperada por um homem para se contentar com um que nem te quer. Eu? Tenho mais amor próprio. Mas acho que a maçã não cai longe da árvore."

O peito de Raven pula de raiva. "Não me esqueci do que aconteceu com meu irmão por sua causa. Assim que eu tiver Austin ao meu lado, vou cuidar de você."

"Ah, vai mesmo?" Eu a encaro. "O que você vai fazer? Se contorcer no chão, gritando de agonia como seu irmão?"

Ela solta um uivo de raiva e salta na minha direção, mas eu chuto a cadeira na minha frente, fazendo ela cair. Como estamos do lado de fora, invoco mais vinhas para prender ela no chão.

Ela uiva de novo, mas eu enrolo um cipó sobre sua boca.

"Você pode se esforçar ao máximo, Raven," digo lentamente para ela. "Mas eu não gosto de ser intimidada. E tenho uma antipatia especial por você, então é melhor tomar cuidado. Ou, da próxima vez, eu vou te cortar em pedaços."

Eu a deixo lá com as vinhas, liberando-a somente depois de vários minutos longos e excruciantes. Ela não me segue.

Não posso deixar de me perguntar se hoje cutuquei o urso metafórico com um pouco de força demais. Mas estou com raiva e confusa. Se Austin foi forçado a fazer tudo isso, então que parte do que ele me disse era verdade? Eu preciso saber. Mesmo que ele não me escolha, ainda quero saber a verdade.

Olho para o meu telefone, pensando em ligar para ele, mas depois mudo de ideia.

Venha ao meu apartamento hoje à noite, eu digito. Precisamos conversar.

Envio a mensagem e me forço a continuar com meu trabalho.

É difícil me concentrar com todas essas novas informações circulando no meu cérebro. Ainda não processei totalmente o fato de Austin ter escolhido Raven como sua companheira. Mas, depois de tudo que eu ouvi, e pelos fragmentos que juntei, se as coisas realmente são tão ruins quanto parecem, então ele pode ter concordado para manter a paz.

Não que isso doa menos. Também não me deixa menos irritada com Austin pela forma como ele me rebaixou durante todo o tempo em que o conheci.

Quando meu turno está chegando ao fim, meu celular toca.

É o Sam. Eu não sei como ele conseguiu meu número, mas ele

parece agitado.

"Podemos nos encontrar hoje?" ele pergunta.

Verifico a hora. "Vou estar no bar, supervisionando os reparos, em umas duas horas. Por que você não vai até lá?"

Ele fica em silêncio por alguns minutos antes de dizer: "Ok."

Não posso evitar uma certa preocupação. "Está tudo bem, Sam?" A voz dele está tão estranha.

"Eu..." Ele hesita. "Acho que vai ser melhor pessoalmente. Vou esperar por você no beco atrás do bar. Quero conversar a sós."

Por mais suspeito que pareça, Sam nunca me deu motivos para duvidar dele, então concordo.

*** **

Não recebo nenhuma resposta de Austin ao longo do dia e estou começando a me perguntar se cometi um erro. Apesar do que ouvi de Jess, talvez ele nunca tenha me desejado. Talvez todas aquelas coisas que ele me disse fossem verdadeiras, e era assim que ele realmente se sentia.

Por que mais ele teria escolhido me magoar tão profundamente com suas palavras, quando podia ter só me rejeitado e pronto?

Pensar em tanta coisa está me dando dor de cabeça. Já tomei duas poções hoje por causa da magia que usei.

Chego no bar e encontro os trabalhadores esperando do lado de fora. Sinto-me um pouco culpada por destruir a propriedade do prefeito, mas não tinha muitas opções.

Quanto mais a hora do meu encontro com Sam se aproxima, mais fico agitada. Será que ele está chateado comigo porque eu não quis viajar com ele? Não consigo vê-lo se irritando com isso. E Austin também ainda não respondeu.

Será que isso importa a essa altura? Eu me pergunto. Ainda vou deixar a cidade. Ele ainda vai acasalar com a Raven. O raciocínio dele faz sentido para mim, sabendo o que está em jogo, mas o que não consigo perdoar é o jeito como ele me destruiu.

Sempre volto a mesma pergunta. *E se ele acreditar mesmo em tudo que disse de mim?*

Chateada, deixo os trabalhadores e vou até o beco para ver se Sam já chegou.

Tudo está quieto quando abro a porta dos fundos. E escuro. Faço uma careta quando percebo que a lâmpada está queimada, tornando o lugar mais assustador do que o normal.

"Sam?" eu chamo, tentando ajustar minha visão à escuridão. Vejo alguém se mover à minha frente e aperto os olhos. "Sam?"

Não há resposta, e então posso ver as feições da pessoa a minha frente.

"Você?!"

Daston está avançando, com um sorriso cruel no rosto.

"O que você está fazendo—"

Algo forte me atinge por trás, e meu mundo inteiro fica escuro.

*** **

Não sei quando acordo, mas estou deitada em uma superfície fria e dura, com as mãos amarradas nas costas.

Meus olhos se abrem. Sinto um galo latejante na parte de trás da minha cabeça e gemo.

"Acordada?"

A voz é familiar, mas não é a de Daston. Quando minha visão clareia, vejo o dono da voz e fico imóvel.

Loyd?

Capítulo 26

Austin

Morrendo. Minha companheira está morrendo.

Olho fixamente para a minha mesa, sentindo meu lobo choramingar. Suas palavras de hoje à tarde continuam me assombrando.

Foi preciso te conhecer para realmente perceber que estou tão cansada de estar viva. A morte vai ser um doce alívio a essa altura.

Enterro meu rosto nas mãos.

O que foi que eu fiz?

Me recosto no meu assento, mentalmente exausto, sofrendo porque levei a bela e atrevida mulher que devia ser minha companheira à beira da morte. Eu a destruí de todas as formas possíveis e imagináveis, a ponto de ela aceitar a morte.

Ela vai deixar a cidade. E vai estar morta em mais alguns meses.

Eu vi os sinais da doença, o sofrimento, todas aquelas vezes. A palidez, os olhares vazios, como ela às vezes se sentava sozinha em um banco de praça e olhava para o nada.

Eu conhecia sua situação familiar. Sabia que ela não tinha família e que estava sob a pressão das dívidas da mãe. Eu sabia de tudo isso e usei contra ela para quebrá-la ainda mais, para fazê-la me odiar. Eu queria que ela acreditasse que estava melhor sem mim.

Mas não era isso o que eu queria. O que eu vou fazer?

Cada centímetro de mim é dominado pelo desejo de ir atrás dela, de consertar as coisas. E, no entanto, sei que isso não é possível.

Toda essa situação com Raven e Garrett explodiu. Eu avisei a Raven para não se aproximar de Seline, mas ela se tornou arrogante demais.

Agora Garrett não tem metade de um cérebro e não consegue nem andar direito, nem ele, nem seus amigos.

Uma batida na porta me faz olhar para cima. Antes que eu possa responder, Jason entra correndo. "Tem um intruso na—"

"Não sou um intruso," diz uma voz familiar cheia de irritação. "Estou aqui para conhecer seu Alfa."

Eu pisco para ele. "Eu o conheço, Jason. Deixe ele entrar."

O mago que tem sido bastante amigável com Seline entra no meu escritório.

"Austin, nós devíamos—"

Levanto a mão, parando Jason no meio da frase. "Não tem nada que você pudesse ter feito para impedi-lo de invadir nosso território."

Olho para o Sam, que está me observando, com uma expressão quase cruel. "Então, o que posso fazer pelo Mestre da Torre Mágica?"

Jason fica paralisado, e com razão.

A Torre Mágica controla todos os magos do mundo. E no topo dela está seu Mestre, o mago mais forte do mundo no momento.

"Você pode começar devolvendo minha filha," rosna Sam.

Agora é minha vez de congelar.

"Desculpe?" Mas mesmo enquanto falo, meu cérebro já começou a ligar os pontos. "Seline é sua filha?"

"Sim, e alguém a levou." Sam parece prestes a despedaçar todo o meu escritório. "Alguém da sua alcateia."

"Não estou entendendo." Eu me levanto.

"Eu tinha um encontro marcado com Seline," diz o mago, com os olhos brilhando. "Quando cheguei lá, tudo o que encontrei foi um de seus sapatos. A marca na parede era de um metamorfo lobo, aquele com cicatrizes no rosto. Três deles, na verdade."

Eu sei de quem ele está falando. "Por que você não consegue rastreá-la com um feitiço de localização?"

"Porque ela é do meu sangue!" Sam rosna. "Não posso rastrear um parente vivo. É uma das nossas regras."

Meu sangue se transforma em gelo. Olho para Jason. "Onde está o nosso caçador?"

"Vou ver." Jason se foi em um piscar de olhos.

Olho para o Sam. "Quem mais estava lá?"

"Um deles era um ancião da sua alcateia, aquele que ameaçou Seline na minha frente. E ainda tinha um terceiro. Ele tinha uma tatuagem no braço, a de uma águia. Cabelo dourado e—"

"—olhos azuis," termino, com o estômago embrulhado. "Esse é Loyd Rock, o Alfa da alcateia Black Stone."

E se ele tem a tatuagem de uma águia no braço, foi ele quem assassinou meus pais. E se o Daston estava com ele...

Meu sangue ferve de fúria.

"Eu vou encontrá-la." Avanço para a porta, mas Sam agarra meu braço, com seu poder crepitando ao seu redor.

"Encontre e traga ela para mim. Vocês todos falharam em proteger minha filha. Eu mesmo farei isso agora."

Eu o encaro, meu lobo rosnando, se recusando a ser intimidado.

"Ela é minha companheira." Eu mostro meus dentes para ele em um rosnado.

"E daí?" Sam zomba. "Eu nunca vi você tratá-la como uma pessoa, só a destruir até ela não ser nada. Era *you* quem devia amá-la e dar a ela tudo o que lhe foi negado. Você devia ser a rede de segurança dela. Eu falhei como pai porque não sabia que ela existia. Mas e você? Você falhou como homem e como companheiro. Vou levar minha filha comigo agora."

"Você não vai levá-la a lugar nenhum!" eu rosno para ele. "Ela é minha! Ela sempre foi minha! Você e os outros não podem—"

"Sua?" Sam me lança um olhar incrédulo. "Se é assim que você trata alguém que devia ser sua, minha filha está melhor sem você. Vou dar um jeito na doença dela e encontrar alguém que possa amá-la e tratá-la como ela merece ser tratada."

Eu o encaro com frieza. "Vamos ver. Se quiser ser útil, use um feitiço de localização no caçador da nossa alcateia. Eu cuido do Daston."

Sam não discute, e eu o deixo em meu escritório para ele cuidar de si mesmo.

Daston está no salão principal, onde uma multidão se reuniu.

Passo por eles e vejo uma das fêmeas encolhida no chão. Eu a reconheço como Jess, uma das garotas que Seline ajudou a conseguir um emprego.

"O que está acontecendo aqui?!" eu vocifero. Vejo alívio nos rostos dos outros membros da alcateia.

Raven, que está ao lado do tio, faz uma careta. "Não se meta nisso, Austin. Estamos só ensinando uma lição. Ela gosta de dar com a língua nos dentes, então vou cortar ela fora."

Levanto Jess, que agora está soluçando. Depois de me certificar que ela não está ferida, entrego-a para outro membro da alcateia. "Leve ela para a enfermaria. E fique de olho."

"Seria prudente não interferir quando um lobo está sendo disciplinado," diz Daston friamente.

Os outros anciãos da alcateia concordam.

"Não cabe a você disciplinar ninguém," digo com severidade. "Na verdade, eu me lembro de ter dito à Raven para ficar em seu quarto pelo que ela fez."

"Eu não fiz nada de errado." Raven dá de ombros.

Olho em volta e, pela primeira vez em muito tempo, me sinto cansado. *O que estou fazendo?* Todas as pessoas aqui podiam ter tentado intervir, mas preferiram ficar em silêncio. Quando foi que esse grupo se tornou tão covarde? E por quanto tempo vou ter de me sacrificar por eles?

"Onde está minha companheira?" pergunto de repente.

Raven sorri. "Sei que está falando de mim."

"Não." Eu lanço um olhar de nojo para ela. Volto minha atenção para Daston. "Para onde você levou Seline?"

Daston pisca. Claramente ele não achou que ia ser descoberto tão rápido, mas então ele me lança um olhar calmo. "Você anda esquecido das suas prioridades. Eu te disse para escolher uma companheira, mas você continuou adiando a escolha em favor de correr para aquela

meio-sangue. Então você tem uma escolha. Dê a marca de acasalamento à minha sobrinha agora ou vou mandar executar Seline."

Escuto gritos de indignação com a gravidade das ameaças de Daston.

"Não sou completamente irracional." Daston sorri. "Você pode optar por deixar a alcateia, e eu devolvo sua meio-sangue para você."

Não sou um idiota. Não deixo minha raiva me controlar, especialmente agora. A escolha é óbvia aqui. É uma escolha que eu devia ter feito há muito tempo, mas continuei a me prender as minhas morais.

Sempre vai ser a Seline.

Olho para os membros de alcateia que me observam com preocupação, medo nos olhos das fêmeas. Mas também vejo a confiança que eles têm em mim. Eles acham que eu os escolherei sempre.

"O que vai acontecer com a Seline se eu escolher a primeira opção?" pergunto para Daston.

Ele sorri, satisfeito. "Bem, obviamente, ela não pode ficar. É por causa dela que meu sobrinho está no estado em que está. E como ela prejudicou a família de sangue da fêmea Alfa, ela será julgada pelos anciãos da alcateia e punida." Ele pausa. "Mas, se você escolher a segunda opção, receio que não posso permitir que um Alfa desista tão facilmente. E se você tentar recuperar seu título? Vamos cuidar daquela meio-sangue, mas você... não posso deixá-lo vivo."

Então Seline morre de qualquer jeito.

"Não tenho muita escolha," rosno.

Silêncio, e Daston sorri, assim como Raven.

Eles me subestimam.

Arregaço as mangas. "Eu escolho a Seline."

Gritos de choque me cercam. A mandíbula de Daston se contrai, mas ele não parece particularmente infeliz.

Raven parece furiosa. "Você ficou louco? O que você vê nela?!"

"É a companheira destinada dele!" alguém grita. "São vocês que estão indo contra a natureza da nossa espécie. Se o Austin for embora,

eu também vou."

E, de repente, como se uma represa tivesse se rompido, murmúrios de concordância me cercam.

"Não queremos um Alfa como você, Daston. Já chega dessa tirania!"

"Você sabe com quem está falando?" Daston rosna e seu sorriso desaparece.

"Não me importo," declara uma das técnicas da alcateia. "Não vou viver em uma alcateia sob seu domínio. Você e o resto dos anciãos destruíram a santidade desta alcateia. Não quero viver aqui se Austin não for o Alfa, e não quero criar uma filha aqui."

Uma enxurrada de concordância se segue.

Parece que uma grande parte da alcateia encontrou sua coragem. Uma ou duas pessoas que se opõem aos anciãos podem ser controladas, mas metade da alcateia? Posso ver o choque nos olhos deles.

Jason entra correndo, sussurra algo no meu ouvido, e eu sorrio. "Vamos lá."

Percebo que Daston desapareceu. Aceno para Lexion, que também desaparece.

Vou erradicar esses anciãos de uma vez por todas. E ao olhar para todos ao meu redor, acho que é hora de deixar esta alcateia também.

Me viro para ir embora quando Jerry e Lou entram na minha frente.

"Queremos ajudar a resgatar a Seline," diz Jerry. "Por favor."

Suas palavras chamam a atenção dos outros e, de repente, todos se reúnem ao meu redor.

"Vamos trazer ela para casa, Austin," diz Lou. "Nós vamos com você."

Eu estudo todos eles. "Vocês sabem que ela não é uma loba completa."

Ann, uma das mulheres, levanta a voz. "Ninguém se importa." Ela dá um passo à frente. "Não devíamos ter deixado isso continuar por tanto tempo. Não devíamos ter deixado você se sacrificar por nós, especialmente desistir da sua companheira. Minha aliança é com você

e somente você, não com os anciãos."

Essas poucas palavras rompem os laços com os anciãos, que sempre tiveram um papel semelhante ao do Alfa.

Olho para o meu povo. "Eu já a machuquei o suficiente. Não quero levá-la para um lugar onde ela vai ser ainda mais machucada."

"Nunca!"

Os gritos me cercam, e eu olho para Jason, com os olhos sombrios. "Reúna as tropas, então. Vamos trazer minha companheira de volta."

Capítulo 27

Seline

"O que está acontecendo?" Olho fixamente para o Loyd. "Por que estou amarrada? E o que está fazendo aqui?"

Loyd sorri. "Só vim ver minha nova parideira."

Fico olhando para ele confusa. "O quê?"

"Você custou caro. É bom que aquele velho carnicheiro não entende o valor dos híbridos, especialmente os que são meio magos. Mas você valeu o dinheiro."

"Desculpe?" Minha cabeça não consegue entender suas palavras.

"Eu te comprei." Loyd sorri para mim, só que, dessa vez, posso ver a crueldade por trás de seus olhos. "Esse seu útero vai produzir lobos muito fortes para a minha alcateia."

Quando ele se agacha, eu me afasto, não querendo ser tocada, e meu medo se intensifica.

De que diabos ele está falando?

"Calma, calma." Loyd dá tapinhas nas minhas bochechas. "Você vai se adaptar logo. Tivemos que matar nossa última parideira. Ela era boca suja. Você já está bem quebrada, e ninguém te quer, então é um bom negócio. Se você se comportar bem, vou te deixar tomar uma hora de sol toda semana."

"Você perdeu a cabeça?" Eu o encaro. "O Daston não pode simplesmente me vender, e você não pode me comprar. Sou uma pessoa com uma vida nessa cidade."

"Bem, você era uma pessoa." Loyd sorri. "Agora você é a prostituta da alcateia, para dizer de forma grosseira. E ninguém vai sentir sua falta."

Escuto outros membros da alcateia rirem.

Quando ele se inclina para a frente, vejo a manga de sua camisa subir, revelando uma tatuagem.

Uma tatuagem de águia.

O choque me inunda.

Foi ele quem matou os pais de Austin.

Se ele está ligado ao Daston, será que o Daston sabia disso?

Olho em volta e percebo que estamos em um dos armazéns vazios na periferia da cidade. As pessoas raramente vem aqui porque as estradas foram destruídas durante as enchentes de anos atrás.

Não estamos sozinhos, e vejo vários membros da alcateia do Loyd encostados na parede como se estivessem de guarda. O som de passos me faz pular e meu maxilar se retesa quando vejo Daston entrando, com o rosto vermelho de raiva.

Loyd levanta uma sobrancelha. "Por que você está aqui? Não devia estar arranjando uma marca de acasalamento para sua sobrinha?"

Daston não para, me alcança e me dá um tapa com a mão aberta. Eu caio para trás com a força do tapa, gritando, e ele rosna: "Essa vadia arruinou tudo!"

Loyd não o impede. "Como assim?"

"Aquele desgraçado a escolheu em vez de escolher a alcateia. E aqueles lobos imprestáveis *a escolheram!*" Ele me agarra pelos cabelos, cusbindo no meu rosto. "Todo o meu trabalho duro foi arruinado por causa de uma coisa feia como você!"

"Você mereceu!" eu sibilo de volta. "Você sabia que está em conluio com o homem que assassinou os pais do Austin?!"

Daston pisca para mim e ri alto antes de me jogar no chão duro. "Se eu sabia? *Eu quem planejei tudo.*"

Fico olhando para ele, atônita. Eu cheguei a me perguntar, mas tinha certeza que não era verdade.

"Neela era minha. Ela devia ter sido minha, mas foi se casar com o pai daquele bastardo. E eles insistiram que ela devia ter tido uma escolha! Ela era uma fêmea! Seu único propósito na vida era procriar e satisfazer os machos!"

"Você não sabe do que está falando," eu digo, com um olhar de nojo.

"Estou errado?" Daston zomba. "O Loyd concorda comigo. Ele é o tipo de Alfa de que precisamos e que mantém suas fêmeas sob controle. Eu tentei, sabe. Tentei corrigi-la várias vezes, mas ela era muito arrogante. Então tentei incriminar seu companheiro como traidor. Teria funcionado também, se Austin não tivesse se revelado como o próximo Alfa. Ela teria sido minha depois que eu matasse seu companheiro. Mas decidi resolver esse probleminha na alcateia. Ficamos modernos demais."

Ainda estou tentando digerir suas palavras. Seu desejo por uma mulher o levou a assassinar os pais de Austin.

"Você devia ter ouvido os gritos dela quando matei seu companheiro," ri Loyd. "Patético, na verdade. Eu não queria matá-la de vez. O plano era entregá-la ao Daston, mas minha alcateia ficou um pouco empolgada demais e começou a se descontrolar. Então, eu me librei dela também."

"Acho que vamos ter que fazer uma limpeza de novo," diz Daston com irritação. "Talvez dessa vez seja melhor nos livrar dos machos mais velhos e experientes e deixar só os mais jovens vivos. Eles podem ser treinados para seguir ordens." Ele agora suspira exasperado. "Todo aquele trabalho para se livrar das candidatas, incriminar essa cadela... tudo foi inútil."

Não estou exatamente chocada que ele admitiu ter matado duas mulheres, mas estou furiosa. Indignação queima em mim com a maneira insensível com que ele fala sobre os assassinatos, como se elas não tivessem família, como se não fossem nada, só peões descartáveis.

Eu sibilo: "Você não presta para ser ancião, muito menos um Alfa!"

"Você devia arrancar a língua dela," sugere Daston. "Ela não precisa de uma, não é?"

Loyd ri. "Talvez precise. Mas os dentes podem ir."

Meu coração está acelerado de medo e raiva, e então escuto um som. Viro a cabeça e alívio me inunda quando vejo Austin entrar no depósito, arrastando um corpo do lado de fora.

Ele não está sozinho. Tem um grande número de homens e mulheres com ele, todos armados.

"Sempre me perguntei se você estava envolvido no que aconteceu, Daston," ele diz friamente, mas vejo a agonia em seus olhos. "Mas agora que sabemos, você é declarado um traidor da alcateia."

Vejo Daston congelar e depois invocar o que parece ser uma confiança falsa. "Você não sabe do que está falando."

"Todos nós te escutamos. Tem testemunhas de sobra." Austin dá um passo à frente. "E eu estou reunindo provas contra você faz tempo, especialmente sobre os últimos assassinatos."

Daston zomba. "Você acha que pode me enfrentar quando eu tenho o Grayson?"

"Acho que Grayson não pode enfrentar uma alcateia inteira. O que você acha? Quer tentar?"

Loyd rosna. "O que é isso, Daston? Você os trouxe até aqui?!"

Daston joga um olhar sujo para ele. "É claro que não! Eles devem ter me seguido desde a toca! Cadela traiçoeira, como a mãe dele!"

"Vou considerar isso um elogio," Austin zomba antes de se transformar e avançar correndo. Sua alcateia segue o exemplo e a batalha começa entre um piscar de olhos.

Austin está correndo direto para mim. Mas, escondida dos meus sequestradores, eu já estava aquecendo as cordas nos meus pulsos. Quando Austin me alcança, elas já estão desgastadas e eu me solto.

"Você tem que ir!" eu digo. "Tem mais de vocês, mas eles são mais cruéis."

Ele se transforma de volta. "Saia daqui. O mais longe que puder!"

Ele tenta dizer mais alguma coisa quando um grande lobo cinzento se choca com sua forma humana e ele sai voando. Meu coração salta para a garganta, mas em pleno ar, Austin se transforma e aterrissa de pé, rosnando.

Três lobos saltam para o seu lado, e eu sei imediatamente que são seus amigos. A luta entre os lobos e Grayson é sangrenta, e eu ajudo com vinhas e choques onde posso. Mas meu poder está se esgotando e sei que não posso continuar.

Loyd e Daston estão enfrentando um grande número de lobos, mas, como Alfa, Loyd é mais forte. Eu o escuto quebrar o pescoço de um lobo, e Austin avança rosnando. Infelizmente, sem Austin, seus amigos

são empurrados para trás, e sinto um estranho formigamento na parte de trás do meu pescoço. Ao me virar, vejo Grayson olhando para mim.

Ele corre na minha direção, e sei que não vou conseguir me defender. Eu me afundo no chão, pronta para usar minhas vinhas, mas ele é rápido. Sou arremessada para o outro lado da sala. Sinto uma dor aguda no estômago e olho para baixo para ver uma haste de metal saindo de dentro de mim. Fico branca, chocada com o sangue que jorra de mim e cambaleio para trás.

Escuto o uivo de Austin e a risada de Daston.

Grayson está cada vez mais perto, e sei que ele está planejando terminar o trabalho. Ele está a centímetros de distância, e eu fecho os olhos, só para sentir um jato de ar na frente do meu rosto, seguido de um uivo. Meus olhos se abrem e vejo as costas de um indivíduo encapuzado.

Vejo vários dos homens do Loyd voarem no ar e se chocarem contra as paredes do armazém, bem quando a figura tira o capuz.

Sam olha para mim por cima do ombro, e não vejo o homem gentil que considero um amigo. Vejo um guerreiro de olhos duros.

Ele corre para o meu lado e dezenas de magos invadem o depósito.

"O-o que es' aconte'endo?" falo baixo, sentindo a perda de sangue me afetar.

Sam me toma nos braços. Vejo o corpo de Grayson imóvel a alguns metros de distância. "Você se machucou." Seus olhos estão cheios de tristeza. "Ah, Seline."

"T-tudo bem." Tento levantar a mão para enxugar suas lágrimas, mas meus braços e pernas estão dormentes. "Não me importo."

"Mas eu me importo," diz ele, abaixando a cabeça. Sinto suas lágrimas se derramarem em meus braços. "Vou tentar consertar esse ferimento, está bem? Você vai ser corajosa por mim, não vai?"

Austin me alcança bem a tempo. "Seline!"

"Fique longe dela!" Sam rosna para ele. "Isso aconteceu por sua causa!"

"Você pode ser o pai dela, mas eu sou seu companheiro!" Austin rosna de volta.

Não escuto mais nada depois disso. Meus olhos se concentram no rosto de Sam com o pouco de vida que me resta.

Meu pai?

Sam é meu pai?

Capítulo 28

Seline

Olho fixamente para Sam enquanto ele agarra a haste de metal que está saindo de mim. "Vou arrancar isso, tudo bem?" Ele está olhando para mim e, quando não respondo, vejo o pânico em seus olhos. "Seline?!"

"Você não pode mexer nisso," Austin diz com urgência. "Se você tirar, a perda de sangue vai ser muito grande. Não vamos chegar a um curandeiro a tempo."

"Você acha que eu sou um idiota?" Meu pai olha para Austin. "Vou interromper o fluxo de sangue. É com o dano interno que estou preocupado. Nem a magia pode curar ferimentos tão graves."

Também não tenho certeza se a magia pode fazer algo sobre o fluxo de sangue. A essa altura, já perdi muito dele.

"Essa luta não é de vocês!" Daston grita para os magos enquanto avança para Sam. Ele ainda não percebeu que Grayson está morto, ao que parece.

"É minha luta, quando é minha filha que você está tentando matar!" meu pai rosna de volta.

Vejo Daston vacilar e depois recuperar seu falso senso de confiança. "E o que você, um mero mago, vai fazer?"

Austin se levanta, com a mão no ombro de Sam. "Concentre-se nela. Eu cuido dele." Para Daston, ele diz: "Você tem coragem de dizer isso para o Mestre da Torre Mágica?"

A cor de Daston se desvanece. "O quê?"

"Você ia vender a única filha do mago mais poderoso do mundo como parideira? Esse foi seu primeiro erro. O segundo foi pensar que podia atacar minha companheira debaixo do meu nariz e sair

impune."

"Cuidado, Austin." Daston dá um passo para trás. "Eu ainda tenho o Grayson."

"Quer dizer, aquele lobo morto?"

Daston perde a cor ao ver o caçador morto.

"Você e sua família estão acabados. Você assassinou meus pais. Você destruiu essa alcateia e agora feriu minha companheira. O que você achou que ia acontecer com um idiota lascivo e ganancioso como você?"

Vejo Daston tentar se transformar para sua forma de lobo, mas Austin já está em cima dele, com seu lobo enorme e poderoso. Se eu já não estivesse com a respiração ofegante, teria perdido o fôlego ao ver a magnífica criatura.

Ele mata Daston de uma só vez, jogando seu corpo para o lado como um boneco de pano.

Enquanto isso, meu pai coloca uma mão no meu peito ao lado da haste de metal. "Isso vai doer, mas confie em mim."

Austin já está ao meu lado, segurando minhas mãos, quando meu pai começa a cantar.

Eu grito quando ele puxa o metal, e minha carne começa a esquentar. Meus gritos não param. Austin me segura com força, sussurrando conforto em meus ouvidos, promessas de segurança enquanto minha carne está em chamas.

Eu soluço em seu pescoço enquanto o calor aumenta e depois diminui drasticamente.

"Respire," meu pai ordena. Eu tento, mas é difícil.

"Ela perdeu muito sangue," diz Austin, com a voz embargada. "Temos que fazer alguma coisa."

"Eu já volto."

Vejo meu pai sair correndo enquanto Austin me segura. Escuto o som da morte nos meus pulmões e sei que não vai demorar muito.

"Você não pode me salvar," digo, com a dormência se espalhando de novo.

"Eu posso, sim!" Austin jura ferozmente. "Nós vamos te salvar e você vai voltar comigo e—"

Não sei como dizer que sinto minha vida se esvaindo.

"Não tenho medo da morte, Austin," tento tranquilizá-lo.

Ele rosna para mim. "Você não devia ter medo de nada! Eu estou bem aqui!"

Seu pânico e medo fazem meu coração doer. Queria que ele tivesse me mostrado esse lado dele antes.

"Loyd escapou!" eu escuto Lexion gritar. "Austin!"

"Deixe ele ir." Austin balança a cabeça. "Vamos cuidar dele mais tarde."

"Se ele escapar—"

"Agora não. Deixe ele ir."

Austin é inflexível, com os olhos no meu rosto, e eu sei como isso é importante para ele.

"Pode ir," eu digo enquanto ele se inclina sobre mim, seu medo uma presença marcante. "Pode ir se vingar."

Ele faz um som engasgado. "Me vingar? Você está morrendo, Seline. Acha que me importo com vingança agora?" Sua mão afasta os fios de cabelo da minha testa úmida. "A vingança não importa agora. Nada importa. Só você."

Solto uma risada trêmula. "Com certeza teria sido bom ouvir isso antes."

A expressão em seu rosto é de devastação. "Eu não acredito em uma palavra do que disse naquela época, Seline. Nem uma palavra. Você... eu pensei que estava fazendo a coisa certa. Mas arruinei tudo. Isso é culpa minha. Eu falhei com você como companheiro."

Sinto minha energia se esvaindo e tento dar um tapinha na mão dele. "Está tudo bem. Não era para ser, certo?"

O que quer que Sam tenha feito não está pegando. Minha tontura piora, minha camisa cada vez mais úmida com a perda de sangue.

Sam vem correndo, com algo na mão. "Seline! Seline, ainda tem

uma chance de você viver. Mas você precisa fazer uma escolha."

"Dá logo isso para ela!" Austin rosna, com os olhos na garrafa na mão do meu pai.

"Não se meta," meu pai rosna para ele antes de voltar sua atenção para mim. "Seline, posso te dar duas opções. Você toma metade desse frasco e pode aceitar a marca de acasalamento de Austin. Essa poção vai fortalecer seu lado mago o suficiente para cooperar com o vínculo de acasalamento e salvar sua vida."

"Então faça isso!" Austin grita.

"A outra opção?" Ignoro Austin, olhando para o homem que é meu pai.

"A outra opção é você beber a garrafa toda e perder seu lobo. Seu lado mago vai ficar mais forte, te tornando um mago completo. O vínculo vai desaparecer para vocês dois. Você não vai depender do Austin nunca mais e pode vir comigo."

Posso sentir a vida se esvaindo de mim quando a escolha me é oferecida. Posso abandonar meu lobo e meu companheiro para me tornar um mago de pleno direito. Vou ser respeitada e não mais condenada ao ostracismo.

A ideia é maravilhosa.

"Seline." Austin segura minha outra mão, e vejo as lágrimas em seus olhos.

Eu nunca vi ele chorar antes.

"Seline, me escolha. Por favor. Vou consertar tudo, eu te juro. Eu te levo embora se você quiser. Só eu e você. Mas, por favor... não destrua nosso vínculo."

Sua voz está áspera de tristeza, e eu quero lhe dar as costas, como ele fez comigo todas aquelas vezes. Mas, ao olhar para ele, me lembro do que sei agora.

Uma voz dentro de mim não quer confiar nele. *O que eu ganhei por confiar nesse homem?*

Mas ele veio aqui para me salvar. Ele me defendeu.

Talvez eu não esteja fazendo a escolha certa, mas é o meu coração que está no controle agora. Não minha cabeça.

Olho para Sam, o homem que devia ter me criado todos aqueles anos atrás. Que devia ter me salvado de todos os abusos que sofri na minha vida. Ele está aqui. Não sei por que ou como, mas ele está aqui para mim, me oferecendo uma escolha.

"Ark," tento dizer, mas minha voz está arrastada. "Stin." Eu me esforço para falar, mas não consigo formar nenhuma palavra. Aperto a mão de Austin com a última força que tenho.

Posso ver a decepção no rosto do meu pai quando ele percebe o que eu escolhi.

Austin encosta a testa na minha e posso ouvir seu alívio quando ele sussurra para mim: "juro que não vou te decepcionar, Seline."

Meu pai suspira e empurra Austin para fora do caminho. "Muito bem." Ele abre a garrafa e levanta minha cabeça ligeiramente. É um líquido de sabor amargo, mas que desce facilmente pela minha garganta.

"Agora a marca," diz Sam, de forma brusca.

Austin abaixa sua boca até meu pescoço. A essa altura, estou oscilando entre a consciência e o vazio. Sinto sua língua em meu pescoço e então seus dentes perfuram minha pele.

Uma dor aguda e então sinto algo se contrair dentro de mim, como se um elástico tivesse se esticado e voltado ao lugar. Uma sensação que só posso definir como calor líquido preenche cada fenda de mim. Pelo suspiro que Austin deixa escapar, ele está sentindo algo parecido.

"Ela está se recuperando," diz Sam. "Seu pulso está melhorando."

Todos os meus sentidos estão em alerta. Posso ouvir os batimentos cardíacos de todos na sala.

A voz de Jason soa muito alta aos meus ouvidos quando ele diz: "Austin, nós vamos atrás do resto. Loyd—"

"Pode ir," Austin diz. "Preciso ficar com a Seline."

É uma coisa pequena, mas o fato de ele ter me escolhido nesse momento, o jeito que ele falou, me enche de uma suave felicidade.

Ele parece perceber isso porque abaixa o rosto até o meu. "Eu sempre vou te colocar em primeiro lugar. Eu prometo."

Fico olhando para ele, sem saber o que dizer. Muita coisa está

acontecendo comigo ao mesmo tempo.

Quando o som de passos desaparece, sinto que estou sumindo. Meu pai e Austin estão me segurando, mas meus olhos se fecham. Eu me entrego a essa presença segura dentro de mim, um conforto que eu nunca soube que precisava.

Capítulo 29

Seline

"Não sei por que tenho que ficar aqui," resmungo, desconfortável com toda a atenção.

Tammy verifica meus ferimentos, com uma risada na voz. "Bem, Austin quer ficar de olho em você."

Jerry sorri. Ele está sentado no sofá com as pernas cruzadas, tendo me feito companhia nas últimas semanas. "Minha mãe acha que ele está com medo de que você vai deixá-lo."

Não sei o que responder. Minha mão vai até minha marca de acasalamento. Ainda parece surreal. Consigo sentir as emoções de Austin e, embora ele esteja profundamente calmo, tem também um tom de ansiedade.

"Isso é engraçado, visto que ele me abandonou de novo," digo com firmeza. "Ele planeja me manter trancada aqui agora?"

Será que fiz a escolha errada?

"Te abandonou?" Tammy balança a cabeça. "Ele está aqui todas as noites, cuidando de você." Ela coloca um curativo em volta do meu braço. "O problema é que ele também está cheio de culpa pelo que fez você passar, tentando te proteger."

"Ele é um covarde, então?" Não posso deixar de me sentir um pouco ressentida.

Meu pai me visitou uma vez para ver como eu estava. Ele ainda não explicou por que está aqui agora, quando me abandonou quando eu era criança, mas pelo menos está aqui.

"Um pouco." Tammy ri levemente. "Ele está envergonhado. E ninguém vai te manter trancada aqui. Você precisa descansar até seus ferimentos se curarem. Com o estado em que você estava, seu lobo

também está demorando para se recuperar."

"Vou poder me transformar agora?" pergunto hesitante.

Tammy sorri para mim. "É claro. Você não só está totalmente acasalada, mas seu lobo é surpreendentemente forte. Você não conseguia se transformar até agora porque suas habilidades de mago eram muito maiores do que as de lobo, por conta do seu pai. Mas agora, está equilibrada."

"O Austin sabe?"

"Claro—" Tammy para quando vê o medo em meus olhos. Ela olha para Jerry. "Espere lá fora."

Jerry resmunga, mas vai embora.

Uma vez sozinhas, Tammy termina de cobrir as minhas feridas e se senta à minha frente, segurando minhas mãos nas dele. "Sei que Austin ainda não veio te ver e sei tudo o que ele te fez passar. Não estou pedindo que perdoe ele ainda, Seline, mas quero que entenda. Ele teve que te machucar para te proteger."

"Eu sei—"

"Não, não sabe." A expressão de Tammy é sombria. "O poder que os anciãos acumularam e o estado em que a alcateia estava eram situações deploráveis. Se Austin tivesse te escolhido, ele teria que abandonar a alcateia e sabia que, quaisquer que fossem os direitos restantes das fêmeas, os anciãos teriam tirado todos. Eles queriam poder total sobre a alcateia. Desde que a alcateia descobriu sobre você, você ficou sob constante vigilância. Se Austin tivesse te escolhido, os anciãos nunca teriam permitido que ele continuasse como Alfa e teriam assumido o controle. Ele não podia nos deixar na mão. A outra opção era escolher uma fêmea Alfa entre as mulheres que os anciãos selecionaram. Ele sabia que era outra tentativa de controlá-lo, mas—"

"Ele ficou sozinho comigo várias vezes," interrompo, com a mágoa escorrendo na voz. "Se ele tivesse dito uma palavra da verdade, em vez de me machucar—"

"Não sei por que ele escolheu esse caminho, Seline. Mas, em público, Austin não teve escolha." Ela suspira. "Como eu disse, você não deve perdoar tão rápido, mas mantenha seu coração aberto. Austin foi criado para colocar a alcateia à frente de si mesmo e, dessa vez, ele foi longe demais. Acho que foi só quando ele chegou ao fim de

suas forças que percebemos que não podemos mais fazer isso com ele. Mesmo que ninguém tivesse se manifestado contra os anciãos, acho que ele não teria ficado. Ele estava sofrendo a cada dia que passava longe de você."

Alguém bate na porta e é um dos soldados. Ele sorri para mim. "Seu pai está aqui para uma visita."

Eu faço uma careta. Ainda é difícil pensar em Sam como meu pai.

"Obrigada, pode deixar ele entrar."

O soldado hesita. "Quer que eu traga o Austin ou coisa assim?"

A alcateia tem sido muito simpática comigo desde que cheguei aqui. Como se estivessem tentando me conquistar, o que realmente não é necessário.

"Não, pode deixar. Obrigada."

Tammy me deixa sozinha com Sam quando ele entra. O silêncio entre nós é um pouco estranho no início e, agora que meu pai removeu a magia ao seu redor, posso ver que nossos olhos têm o mesmo tom de verde.

"Você parece melhor," ele finalmente comenta.

"Sim."

Ele parece ansioso, e eu suspiro. "Por que você não se senta?"

Ele parece desconfortável, mas aceita. "Falei com a sua mãe."

"Um poço de simpatia, não é?" Comento secamente. "Me faz pensar em como você era há tantos anos atrás, quando ficou com ela."

Isso não só quebra o gelo, mas também a barragem inteira.

"Eu nunca te abandonei por escolha própria, Seline." Meu pai enterra o rosto nas mãos. "Sua mãe não era assim naquela época. Pelo menos, eu não me lembro dela assim. Quando ela me conheceu, era uma jovem rebelde. Tivemos um relacionamento físico que durou meses. Basicamente, ela queria se vingar do pai porque ele estava tentando acasalá-la com alguém de quem ela não gostava. A última vez que a vi, anos atrás, foi quando ela queria que eu deixasse a Torre Mágica. Naquela época, eu era só um aprendiz. Eu recusei e ela me deixou. Só descobri sobre você no ano passado, Seline. E procurei por você desde então. Enviei meu pessoal a todas as cidades e vilas. Foram

os dois magos que enviei para cá que te encontraram.”

Ele para, perturbado. "Eu queria te contar sempre que nos encontrávamos, mas queria passar mais tempo conhecendo você primeiro. E então eu descobri como as coisas estavam ruins para você e aquele desgraçado de um Alfa—"

"Você quer dizer meu companheiro?" eu falo baixo.

"Eu o teria matado como fiz com aqueles vampiros que colocaram as mãos em você—"

"Espera aí, o quê?" eu o interrompo no meio da frase. "Aqueles seis vampiros? *Você* os matou?"

Meu pai me olha com raiva. "*Eles te machucaram!*"

Fico olhando para ele. "*Você?*"

Seus olhos se estreitam. "Está duvidando das minhas capacidades? Eu sou o Mestre da Torre Mágica. Todos os magos respondem a mim. Você acha que se livrar de um bando de sanguessugas é difícil para mim?"

Então ele estava me protegendo. Não é um sentimento ruim.

"Eu teria te levado para longe daqui, te dado a chance de se tornar um mago completo. Ainda não entendo por que você deixou esse Alfa falar com você daquele jeito. Se ele soubesse que seu pai era—"

"Mas ele não sabia," eu o interrompo. "Não estou com raiva de você, Sam. Na verdade, eu diria que parte de mim está feliz por você ser meu pai. E eu entendo que não foi sua escolha me deixar, mas isso não muda o fato de que tenho anos de trauma para superar. De novo, a culpa não foi sua – foi da minha mãe. Então, não posso te culpar por nada."

"Se você não me culpasse, não seria tão fria."

"Eu só não sei o que dizer." Dou de ombros, contendo minhas emoções. "Não tive nada nas mãos toda a minha vida. E agora, quando tenho tudo o que queria, não sei se consigo acreditar. Ainda não sei se Austin realmente me ama. Não sei se fiz a escolha certa. Depois de tudo o que ele fez comigo, o que diz sobre mim o fato de que, assim que ele me escolheu, eu corri para ele? Não sei se você vai embora em duas semanas, cansado de ter uma filha. Tem muita coisa acontecendo na minha cabeça. Nem tudo faz sentido ainda."

A expressão do meu pai muda e, de repente, ele está ao meu lado, com as mãos apertando as minhas. "Por mais que eu não goste do seu companheiro pelo que ele te fez passar, sei que ele te ama. E você é uma garota inteligente. Não gosto da sua decisão porque preferia ter te levado comigo e te mostrado o mundo, mas sei que você tomou a decisão certa. No fim do dia, ele estava disposto a deixar a alcateia por você. Estava disposto a abrir mão de tudo em que acreditava porque era difícil demais te magoar e te negar."

Quero me enroscar em mim mesma. "Mas ele me machucou."

"E vou passar a vida inteira compensando isso," diz uma voz da porta.

Austin está uma bagunça, com olheiras escuras, quando entra no quarto.

"Sam." Ele olha para meu pai e acena com a cabeça.

Meu pai olha feio para ele. "Só porque estou te defendendo, não significa que eu gosto de você."

"Eu entendo." Austin parece cansado.

"Se você não passar a vida inteira fazendo ela feliz, vou tirar ela de você e você nunca mais a verá."

Os olhos de Austin brilham de raiva. "Não vou deixar ninguém separar Seline e eu de novo. Nem mesmo você, Sam."

Meu pai não está impressionado. "Veremos." Ele olha para mim por cima do ombro. "Já conversei com sua mãe, Seline. Eu a convenci a deixar a cidade. Você não vai mais vê-la."

Pelo brilho perigoso nos olhos do meu pai, duvido que tenha sido algo tão simples quanto convencê-la a ir embora.

"Posso ter um momento a sós com a minha companheira?" Austin pergunta com rigidez.

Vejo a irritação no rosto do meu pai, mas ele olha para mim. "Eu já volto. E não tente me encher de soldados de novo." A última parte é direcionada a Austin, o tom desagradável. "Essa é a casa da minha filha agora. Eu entro e saio quando quiser."

Austin não diz nada, mas fecha a porta quando meu pai sai. Ele se inclina contra ela, me observando. "Como está se sentindo?"

Dou de ombros.

Ele hesita antes de atravessar o quarto e se sentar à minha frente. "Seus ferimentos são piores porque você já estava em um estado ruim. Mas Tammy me garantiu que, em mais um mês, você vai estar de pé."

Essa é a primeira vez que ele e eu estamos nos encarando sem nenhuma animosidade. "E se eu ainda não conseguir me transformar?"

"Eu não me importo." A resposta de Austin é imediata.

"Sério?" Eu pareço duvidosa.

O rosto dele cai de vergonha. "Eu sei que disse coisas terríveis para você—"

"Pelo jeito, você estava tentando me 'proteger'," digo com sarcasmo.

"Mas isso não é desculpa," ele murmura, levantando o olhar para encontrar o meu. "Quando os anciãos descobriram sobre você, eles me deram uma escolha. Ou eu deixava a alcateia para ficar com você ou ficava e me acasalava com alguém da escolha deles. Eu estava tentando evitar isso faz tempo, mas você acelerou a questão. O caçador estava te seguindo. Um movimento errado e ele teria te matado."

"Aquela noite que passamos juntos—"

"Foi a única vez que perdi o controle," confessa Austin. "Achei que se eu fizesse você me odiar, seria mais fácil desistir de mim. Mas para você me odiar, eu tive que te machucar. No fim das contas, sabendo que você ia morrer por minha causa, que você ia me deixar, decidi te escolher. Não aguentei ficar longe de você."

Eu desvio o olhar. "Você me fez sentir como se eu não fosse nada, Austin."

A mão de Austin aperta a minha. "Achei que meus motivos fossem moralmente sólidos. Na época, achei que era melhor sacrificar minha felicidade pela alcateia. Mas eu não sabia que ia te machucar também. Cheguei muito perto de te procurar várias vezes, implorar pelo seu perdão e te entregar a minha marca, sem me importar com as consequências. Mas aí eu pensava na alcateia e em todas as pessoas que dependiam de mim e tinha de me conter." Ele solta um suspiro trêmulo. "Mas quando eu soube qual era a sua condição, no fim das contas, eu não consegui mais. Eu estava pronto para abandonar minha vingança, minha alcateia, tudo por você."

Não sei se vai ser fácil para eu perdoá-lo.

"Sei que o que eu fiz é imperdoável, Seline." A voz de Austin é áspera. "E eu sei que, apesar de tudo, você aceitou minha marca e me escolheu. Você depositou sua fé em mim quando eu não merecia. Quero provar que você não fez a escolha errada."

Um breve silêncio, e então ele me olha nos olhos. "Podemos estar acasalados, mas vou te cortejar do jeito certo. Quando estiver pronta para ser minha – se e quando me perdoar – vou anunciar nossa cerimônia de acasalamento. Posso esperar anos, se precisar, para consertar o que eu fiz. Eu vou estar aqui."

Não sei o que dizer.

Suas palavras soam tão maravilhosas, e a garota que eu era quando soube do meu companheiro destinado teria ficado emocionada. Mas tudo o que aconteceu comigo até agora me deixou cansada e desconfiada.

"Não vou confiar em você tão rápido," eu digo.

"Eu sei."

"E estou fervendo de raiva."

"Eu aceito tudo." Ele toma meu rosto com as mãos. Seu toque me faz estremecer enquanto meu lobo o observa com cautela. "Eu só preciso do seu perdão, e sei que isso vai levar tempo."

"E se eu não te perdoar?"

O olhar de Austin se torna vazio. "Então vou continuar lutando para te merecer, até o dia que você me deixar."

Ele acha que eu vou embora.

Nesse momento, não sei o que o futuro me reserva. Mas tomei a decisão e, em meu íntimo, deve ter sido por um motivo. Quero nos dar uma chance.

"Vamos tentar," finalmente murmuro.

Seus olhos se iluminam, e espero que esse seja um passo na direção certa.

Capítulo 30

Seline

A marca de acasalamento faz maravilhas para minha cura, e minha primeira transformação é no meu terceiro mês na alcateia.

Acontece quando Austin me leva para um piquenique à beira do lago. É assustador e estimulante ao mesmo tempo e, quando meu lobo me invade, ele está bem ao meu lado, murmurando palavras de incentivo.

Eu estava tão ocupada desprezando Austin por tudo o que ele fez que é só depois que os obstáculos do nosso caminho foram removidos que eu vi o homem que ele é. Ele tem essa força silenciosa, um humor afiado que me faz rir toda vez e um senso de responsabilidade que o define. Ele me trata como se eu fosse a coisa mais preciosa de sua vida, o que é tocante, mas também causou muitas brigas entre nós.

Esses três meses foram movimentados, especialmente quando a alcateia Black Stone passou por uma mudança drástica de liderança quando seu Alfa desapareceu. Quando ele me visitou, o prefeito Hamrington me disse que todos os membros dessa alcateia foram exilados da cidade. Quando o assunto Loyd veio à tona, um olhar de raiva fria apareceu no rosto do vampiro.

"Ele quebrou as regras fundamentais dos Outros. Tentar raptar a companheira de outro lobo é um ato de agressão à paz. Guerras já estouraram por causa de tais atos, e ele sabia disso. Portanto, essa questão já foi resolvida."

Foi tudo que precisei ouvir para saber que Loyd tinha sido caçado e executado pelo próprio vampiro.

A atitude desagradável das outras fêmeas, que antes disputavam a vaga de companheira de Austin, tornou-se respeitosa e assustada. Acho que foi necessário exilar os anciãos que tentaram controlar Austin e a alcateia para suas famílias entenderem a mensagem. A

tolerância agora é limitada.

Toda a família de Daston foi exilada da alcateia. Mas Raven e seus pais foram executados quando descobrimos que eles estavam envolvidos na conspiração para assassinar as candidatas.

Austin me perguntou se eu queria testemunhar a execução e eu recusei veementemente. Sei como uma execução de alcateia pode ser brutal e, apesar de eles merecerem, eu não queria participar. Não quando ainda estava me recuperando.

Um problema com nossos planos que nem Austin nem eu previmos: com a marca do acasalamento tão fresca, não conseguíamos tirar as mãos um do outro. O que começou como toques leves de conforto se transformou em sessões acaloradas assim que me recuperei.

É por isso que meu vestido está tão apertado na barriga agora.

Lembro do meu pai entrando de rompante e jogando meu companheiro contra a parede quando descobriu, exigindo saber se ele me engravidou de propósito. Quando ele percebeu que nós estávamos hesitantes, mas felizes com a vida que estava por vir, ele se transformou instantaneamente em um futuro vovô amoroso.

Às vezes, eu me lembro do Sam de fala mansa e de maneiras suaves. Então me lembro do meu pai ameaçando meu companheiro, e o contraste entre as duas versões é surpreendente. Ele ainda é carinhoso comigo, que é tudo o que me importa. Nosso relacionamento cresceu nesses cinco meses. E foi sob a rede de segurança do meu pai que me permiti me abrir com Austin.

"Seline?"

Olho por cima do ombro e vejo a porta se abrir. Austin entra. Ele fica paralisado ao me ver.

"É isso que você vai usar na cerimônia?"

"Você gostou?" Eu me viro para ele poder ver.

Ele franze a testa. "Um pouco demais. Que tal você usar algo menos justo?" Ele abre a porta do meu armário.

Eu me empoleiro na beirada da cama e assisto ele mexer nas minhas roupas como um louco.

"Você sabe que esse é o vestido cerimonial, certo?", pergunto secamente. "Não posso ter uma cerimônia de acasalamento sem o

vestido cerimonial."

Ele congela antes de fazer uma careta para mim. "Bem, está ficando frio, então vou pegar um xale para você se cobrir—"

"Você pode se acalmar?" Estou achando um pouco de graça. "Então, é um pouco transparente e justo. É só para a cerimônia. Escolhi outra coisa para o banquete."

Dou um tapinha no vestido que está sobre a cama. É um vestido azul escuro com bordado de diamantes. Meu pai entregou para mim na semana passada.

"Nada de saltos altos," Austin diz categoricamente. "E se você cair e se machucar?"

"Eu não sei dançar de sapatilhas," digo, incrédula. "Metade da alcateia quer dançar comigo, e não estou me gabando."

"Você não precisa dançar com esses idiotas." Austin está ficando todo irritado. "Estou bem aqui. Você devia estar descansando."

"É engraçado você dizer isso." Pego meus sapatos de salto alto. "Porque quando eu disse que estava cansada ontem à noite, isso não te impediu, não é?"

"Isso é diferente!"

"Ah, é?" eu digo de forma zombeteira. Passo por ele para pegar o resto das minhas coisas, deliciada em como ele está gaguejando.

Gosto muito de ver Austin perder a calma.

"Você gostou!" exclama ele, me seguindo. Quando não digo nada, ele fica horrorizado. "Você não gostou?"

Penso em deixar isso apodrecer, mas se ele cortar todo nosso tempo sem roupas porque está preocupado que eu não estou gostando, isso vai ser um problema. Então, decido ter misericórdia.

"Estou brincando. Agora vamos lá."

Ele parece aliviado e me ajuda a me arrumar antes de dar um beijo doce nos meus lábios. "Nervosa?"

"Muito," confesso.

"A alcateia já te ama," Austin me garante. "Você já assumiu todos os

deveres de fêmea Alfa. A essa altura, é só uma formalidade. É para nos celebrar. E se o clima ficar muito tenso, você pode distrair todo mundo com suas vinhas e nós vamos fugir."

Eu respiro fundo. "Sabe, sete meses atrás, eu não teria imaginado isso. Você rindo comigo, tentando me confortar. Seis meses atrás, eu tinha certeza de que havia cometido um erro, que todas as suas palavras eram vazias."

Austin me estuda. "E agora?"

Eu sorrio para ele. "Agora estou feliz. Às vezes, ainda fico brava com você e jago suas palavras na sua cara..."

"Não me importo, Seline." Austin beija minha bochecha gentilmente. "Eu te machuquei como ninguém mais fez. Nem todos os cortes cicatrizam tão rápido, e ainda tenho um longo caminho a percorrer. Mas prometo que, se levar dois anos, dez anos ou o resto de nossas vidas, vou curar toda e qualquer cicatriz. Mesmo as que foram feitas por outras pessoas."

Ele ainda não sabe, mas, nesses seis meses, Austin reconstruiu minha autoconfiança, pedaço por pedaço. O que ele não pode fazer por mim, sua alcateia fez. Foi o amor deles que preencheu o vazio no meu coração.

Não é que eu não seja uma boa fêmea Alfa. Ainda estou aprendendo. Eles me amam porque sabem que Austin estava disposto a se sacrificar para protegê-los, e ele me ama.

Eu o abraço por alguns minutos, me confortando com o perfume dele. "Desculpe por ficar brava às vezes."

"E sinto muito por ter te machucado tanto," ele sussurra no meu cabelo.

Nós dois temos ferimentos que ainda precisam ser curados, mas nosso caminho para a recuperação é firme, mais firme agora que há uma pequena vida dentro de mim que precisa de nós dois.

*** **

A cerimônia é principalmente uma declaração do casal acasalado. Austin me dá um anel que pertenceu à sua mãe. Ele fala sobre os pais às vezes, e sei que o assassinato deles o mudou, especialmente agora que ele sabe *por que* eles morreram de forma tão desnecessária. Por isso, quando ele me dá o anel de sua mãe, transbordo de emoção. É a

única coisa que resta dela depois do incêndio. Seu bem mais precioso.

Me dar o anel mostra o quanto ele me ama, e eu tremo quando ele o coloca no meu dedo.

O beijo que compartilhamos depois é cheio de ternura e esperança para o futuro, e meus olhos estão molhados. Meu pai, a contragosto, dá um tapinha nas costas de Austin. Meus lábios tremem, especialmente quando Austin diz, de forma provocante: "Obrigado, pai," e vejo meu pai se irritar.

Coloco o outro vestido assim que a cerimônia termina e vamos para o banquete. A cerimônia é apenas para a alcateia, sendo meu pai a exceção, mas o banquete é aberto a todos. Vejo Lacy, Gina e Marie dançando com alguns dos soldados, se divertindo. O prefeito Hamrington aparece com sua esposa por mais ou menos uma hora antes de ir embora. Austin me leva para perto da fogueira onde os outros casais estão dançando, mas ele só consegue me girar algumas vezes antes de Jason me roubar, rindo como um louco. Alguém distrai o Austin enquanto eu continuo sendo passada adiante. Finalmente, Jerry e Lou me roubam, fazendo uma dança estranha e desajeitada que me faz rir.

Essa é outra coisa que comecei a fazer muito. *Rir.*

"Ok, já chega." Austin me agarra em um abraço de noiva. "Podem devolver agora."

Ele me leva para longe da fogueira e da comemoração.

"Espera, para onde estamos indo?"

"Tenho outra surpresa para você."

Ele não me leva ao lago, mas a um lugar onde eu nunca estive. Passamos por uma fenda em uma grande rocha perto de um riacho, e eu pisco em choque quando entramos em uma caverna.

"O que é isso tudo?" Fico maravilhada com o interior cintilante da caverna. É uma luz verde-azulada espalhada em padrões por toda a caverna, quase mágica.

"Eu lhe diria, mas não seria tão romântico."

"Austin!"

"Vermes fosforescentes." Ele sorri para mim. "Descobri esse lugar quando pesquisei pela primeira vez essa área para nossa toca."

"Me coloca no chão," sussurro, encantada com a visão de milhares e milhares de pequenas luzes.

Caminhamos juntos, de mãos dadas, até entrarmos em uma área mais ampla.

"Uma lagoa?" eu digo, surpresa. "Eu não sabia que tinha uma dessas aqui."

"Está aqui há séculos, segundo o prefeito," Austin me diz. "Vamos lá."

Quando ele me guia para mais perto, vejo um cobertor macio estendido no chão duro. Está coberto com travesseiros e mais cobertores para torná-lo ainda mais macio.

"Vamos lá." Austin me ajuda a sentar e produz uma pequena cesta de piquenique.

"O que é isso tudo?"

"A festa vai durar a noite toda." Ele se senta ao meu lado. "Sei que você se cansa fácil."

Minha resistência está se recuperando devagar, mas ele tem razão. Muitas pessoas me cercando, o barulho, o movimento... eu teria ficado exausta se ele não tivesse me sequestrado.

Eu sorrio. "Ok, isso não é tão ruim."

A caverna é protegida, com as paredes brilhando em padrões bonitos e a água calma refletindo as luzes, dando ao local uma aparência mística.

"Eu queria te dar mais uma casa." Austin me entrega uma pequena caixa.

Eu a abro, curiosa com o formato, para revelar uma placa de identificação esculpida à mão.

"É para o seu escritório," Austin me diz. "Eu não tenho muito tempo livre, então estou trabalhando nela faz tempo."

Seline Cross.

"Você me deu seu sobrenome," murmuro.

Uma das coisas que me foram tiradas quando fui exilada da minha alcateia foi o meu sobrenome. Como minha mãe nunca me deu um,

recebi o sobrenome do Alfa, que foi tirado de mim. Por anos, senti que não tinha uma identidade, um lugar que me pertencia.

"Sei que você não tem mais o seu," diz Austin.

Envolvo Austin com meus braços e o beijo ferozmente na boca.

É um presente pequeno que pode não ser simples para ele, mas é tudo para aquela criança magoada que chorou e chorou por ter sido abandonada.

Suas mãos estão na minha cintura e ele me beija de volta.

"Eu não sabia que você ia ficar tão feliz," diz ele com um sorriso, se afastando.

Não respondo, agarrando um punhado de sua camisa e puxando-o para mim para continuar. Seus olhos se aquecem quando ele entende minha intenção.

Ele não hesita.

Nosso beijo é quente e desesperado, enquanto sua língua entra com força na minha boca. Ele lambe o interior dela, chupando minha língua, e suas mãos abrem o zíper do meu vestido.

Quando nos afastamos para respirar, ele rosna: "Era para ser um jantar romântico."

"Ah, é?" Minha boca está em seu pescoço enquanto minha mão acaricia seu pênis duro, coberto por roupas demais. "Que pena."

Sua risada é um som rouco e cheio de fome, e ele arranca meu vestido.

Meus olhos se arregalam quando escuto o som de rasgos. "Austin, isso foi um presente!"

Ele dá de ombros, mostrando os dentes. "Que pena."

"Eu sei que você fez de propósito!"

Mesmo enquanto digo isso, minhas pernas se enrolam na cintura dele, nuas, enquanto ele puxa minha cabeça para trás com um punhado de cabelo, atacando meu pescoço e deixando mais marcas do que as que já estão lá.

Essa é outra coisa que descobri sobre meu companheiro. Ele gosta

de deixar suas marcas em mim nos lugares mais óbvios. E a pior parte é que, quando ele toca meu pescoço, eu fico selvagem.

Sinto seus dentes contra minha mandíbula enquanto me esfrego contra sua ereção dura. Nunca pensei que seria tão ousada em questão de sexo, mas com Austin, nunca senti vergonha de exigir mais.

Porque ele gosta de dar.

Ele usa uma das mãos para abrir o zíper e então tira as calças. Sua mão brinca comigo enquanto ele me provoca com sua língua e boca. Posso sentir seus dedos mergulhando dentro de mim e enquanto eles entram e saem, ele acrescenta um terceiro dedo e depois um quarto, até eu estar gritando seu nome, toda esticada, a mistura de prazer e dor me deixando louca.

Seus dentes se fecham em torno de um mamilo endurecido. Eu me contorço enquanto ele o lambe e o torce. Austin é um depravado na cama, e eu comecei a gostar disso. Mas ele é extremamente gentil na forma como me trata.

Ele me deita de novo e eu me desfaço em seus braços, pois seus dedos me levam ao limite. Minhas mãos se estendem para ele, querendo retribuir o prazer, mas ele balança a cabeça. "Essa noite é toda sua."

Não tenho chance de responder porque suas mãos estão em meus tornozelos. Ele abre minhas pernas e inclina a boca para se banquetear com a parte de mim que já está pingando. Enquanto ele me toma com a língua, eu grito seu nome. Sua língua se move de forma perversa, alcançando lugares em mim que eu nem sabia que existiam.

Não sei quantos orgasmos ele me arranca, mas os travesseiros sob minhas mãos estão despedaçados quando ele se senta, lambendo os lábios. Não me lembro de nada além de seu nome.

Austin ainda não terminou.

Enquanto estou deitada, tentando respirar, ele me levanta. Em um piscar de olhos, sinto seu pênis entrar em mim. Nessa posição, eu o sinto profundamente dentro de mim e solto um gemido cortado pela invasão repentina.

Seus dedos se cravam na minha cintura enquanto ele tenta esperar, e então ele me levanta e me deixa cair de volta. Austin está controlando meus movimentos, mas nem mesmo ele consegue se segurar para sempre, pois sua própria liberação finalmente se segue.

Ele me abaixa de novo antes de me penetrar em um ritmo que não consigo acompanhar. Enquanto ele me destrói, eu balbucio versões quebradas de seu nome, cada vez mais próxima de um último clímax, e ele se derrama comigo com um grunhido pesado. Quase desmaio de prazer.

Nossos corações estão batendo em uníssono, forte e rápido, os dois tentando descer das alturas. Austin me abraça contra si, puxando um dos cobertores ao nosso redor para me manter aquecida.

Depois que, não sei como, eu recupero a voz, enterro meu rosto no peito dele. "Devíamos fazer isso com mais frequência."

Ele me beija no rosto, me abraçando e com força. "Eu nunca paro de te querer, então isso não vai ser um problema."

Enquanto estamos deitados em silêncio, meus olhos traçando os padrões de luzes nas paredes da caverna, murmuro: "Às vezes, parece que tudo o que aconteceu foi só um sonho ruim."

Austin não diz nada, passando os dedos pelo meu cabelo.

"Mas estou feliz, Austin."

Ele fica em silêncio contra mim. "De verdade?"

"Eu não achava que era possível ser tão feliz assim. Sei que ainda vai ser uma longa jornada para mim, mas estou feliz com minha vida aqui com você."

E meu lobo está satisfeito e saudável. Tenho uma vida que nunca pensei que poderia ter.

Eu olho para ele, sorrindo. "Eu te amo."

Vejo sua mandíbula se contrair e depois ele enterra o rosto no meu pescoço, respirando com dificuldade, tomado pela emoção. Sua voz está rouca quando ele finalmente fala.

"Eu te amo desde o dia em que te conheci, Seline. Eu te amo com cada respiração minha. Você e nosso bebê."

Eu me viro e me enrolo em seus braços. "Então, espero que você esteja pronto para todas as fraldas sujas no seu futuro."

Ele dá uma risadinha e eu fecho os olhos, me enroscando nele.

Essa é a vida com a qual sempre sonhei, o amor que nunca pensei

que me fosse destinado. E ter tudo isso é como se uma nova vida se insuflasse mim.

Vou me agarrar a essa vida com tudo o que tenho.